

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Lauro Rafael Lima

**TRANSITIVIDADE E ERGATIVIDADE EM PROCESSOS  
MATERIAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA  
DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**Santa Maria, RS  
2017**



**Lauro Rafael Lima**

**TRANSITIVIDADE E ERGATIVIDADE EM PROCESSOS MATERIAIS EM LÍNGUA  
PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Letras**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Sara Regina Scotta Cabral

**Santa Maria, RS**

**2017**



**ESPAÇO PARA FICHA CATALOGRÁFICA**



## **ESPAÇO PARA FOLHA DE APROVAÇÃO**



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a todos os meus familiares e amigos que contribuíram de diferentes formas para que este trabalho pudesse chegar a uma conclusão. Sem essas pessoas, nada seria possível.

Em segundo e último lugar, agradeço e dedico esta tese a todas as pessoas que, de alguma maneira, lutam por fazer a educação do nosso país um pouco melhor. Afinal, se essa não for a intenção de qualquer pessoa que se intitula professor, nada vale a pena.



## RESUMO

### TRANSITIVIDADE E ERGATIVIDADE EM PROCESSOS MATERIAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Autor: Lauro Rafael Lima

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Sara Regina Scotta Cabral

Esta tese tem por objetivo investigar, categorizar e nomear um Participante<sup>1</sup> específico de orações materiais, o qual ainda não foi identificado no sistema de transitividade da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) em confluência com os participantes Agente e Meio, pertencentes ao sistema de ergatividade. Esta abordagem funcionalista entende a linguagem como um sistema que pode ser estratificado e categorizado. Tendo em vista essa possibilidade, acreditamos que a categorização dos participantes que podem compor uma oração representada por um processo material não está fixa e finalizada. Diversas possibilidades ainda podem ser exploradas. Para cumprir nosso objetivo, foram analisados exemplos que se destacam quanto à abordagem do conceito de sujeito, segundo diferentes autores de gramáticas da língua portuguesa, como Macambira (1978), Almeida (2009), Bechara (2010), Câmara Jr. (2011) e Azeredo (2013). Selecionamos um total de 25 processos apontados por esses autores com ocorrências de análise instigante, que permitem diferentes interpretações. Essas orações constituíram o nosso primeiro *corpus*. A partir disso, delimitamos o nosso segundo *corpus*: 68 orações desses 25 diferentes processos – retirados de obras dos principais especialistas no estudo da gramática da língua portuguesa – que foram buscados e analisados em exemplos atuais, estes advindos do Corpus Brasileiro da PUC-SP, tomando tais ocorrências como processos situados em um contexto. As análises permitiram a separação dos verbos em grupos semânticos de ocorrência, contribuindo para atingir os objetivos da pesquisa. Acreditamos que, com nosso trabalho, conseguimos demonstrar que é possível identificar e nomear um participante até então não categorizado no sistema de transitividade, para ocupar uma função junto aos processos materiais, o qual se distingue dos papéis de Ator, Meta, Escopo, Beneficiário e Cliente. A análise dos dados mostra a trajetória percorrida para definição e caracterização desse Participante à luz da abordagem sistêmico-funcional. Além disso, cremos poder contribuir significativamente para o desenvolvimento dos estudos em transitividade/ergatividade em língua portuguesa sob uma perspectiva sistêmico-funcional.

**Palavras-chave:** Gramática Sistêmico-Funcional. Língua Portuguesa. Sistema de Transitividade. Processos Materiais. Ergatividade.

---

<sup>1</sup> Daqui em diante, como ainda não propusemos o nome que escolhemos, referir-nos-emos a esse participante, grafando-o com letra maiúscula.



## ABSTRACT

### TRANSITIVITY AND ERGATIVITY IN MATERIAL PROCESSES IN PORTUGUESE LANGUAGE IN THE PERSPECTIVE OF THE SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS

Author: Lauro Rafael Lima  
Advisor: Dr<sup>a</sup>. Sara Regina Scotta Cabral

This thesis aims to investigate, categorize and nominate an specific Participant of material sentences, which hasn't been identified in the transitivity system of the ideational metafunction of systemic-functional grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) in confluence with the participants Agent and Middle, belonging to the system of ergativity. This functionalist approach understands language as a system that can be stratified and categorized. In view of this possibility, we believe that the categorization of participants who can compose a sentence represented by a material process is not fixed and finished. Several possibilities can still be explored. In order to accomplish our objective, we analyzed examples that focus on the concept of the subject, according to different authors of grammars of the Portuguese language, such as Macambira (1978), Almeida (2009), Bechara (2010), Câmara Jr. (2011) and Azeredo (2013). We selected a total of 25 processes pointed by these authors with occurrences of instigating analysis that allow different interpretations. These sentences constituted our first *corpus*. From this, we delimit our second *corpus*: 68 sentences of these 25 different processes – extracted from works of the main specialists in the study of Portuguese grammar – analyzed in examples derived from the Corpus Brasileiro (Brazilian Corpus) of PUC-SP, verifying such occurrences in relation to a context. The analyzes allowed the separation of verbs into semantic groups of occurrences, contributing to reach the objectives of the research. We believe that, with our research, we have been able to prove the existence of a new participant to possibly occupy a function with material processes, which is distinguished from the roles of Actor, Goal, Scope, Beneficiary and Client. Data analysis shows the trajectory traversed to the definition and characterization of this Participant on the light of the systemic-functional approach. In addition, we believe we have made a significant contribution to the development of the studies in transitivity/ergativity in Portuguese language from a systemic-functional perspective.

**Keywords:** Systemic-Functional Grammar. Transitivity System. Material Processes. Portuguese Language. Ergativity,



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mafalda e Miguelito .....	23
Figura 2 – Tipos de sujeito. ....	36
Figura 3 – Estratificação.....	58
Figura 4 – As metafunções.....	61
Figura 5 – Subtipos de processos materiais.....	63
Figura 6 – Subtipos de processos mentais.....	64
Figura 7 – Subtipos de processos relacionais. ....	65
Figura 8 – Mandala da Gramática Sistêmico-Funcional.....	67
Figura 9 – Ergatividade: Agente e Meio. ....	80
Figura 10 – Interpretação da transitividade e da ergatividade dentro do modelo sistêmico-funcional.....	85
Figura 11 – Remapeamento da ergatividade lexical. ....	87
Figura 12 – Funções comunicativa e cognitiva.....	90
Figura 13 – Tendência crescente de agentividade.....	93
Figura 14 – Complementaridade entre transitividade e ergatividade .....	182



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas metafóricas e congruentes. ....	27
Quadro 2 – Análise pelo sistema de transitividade e pela ergatividade. ....	30
Quadro 3 – Tipos de verbo de acordo com a forma ativa, passiva ou neutra. ....	39
Quadro 4 – Definições do Dicionário de Linguística e Gramática. ....	52
Quadro 5 – Diferentes comportamentos verbais. ....	55
Quadro 6 – Possíveis participantes dos processos materiais ....	73
Quadro 7 – Tipos de processos do sistema de transitividade. ....	75
Quadro 8 – Agentes adicionais de processos. ....	77
Quadro 9 – Tipos de orações materiais. ....	79
Quadro 10 – Relação entre Meio e Agente. ....	83
Quadro 11 – Papel transitivo e papel ergativo.....	84
Quadro 12 – Verbos e exemplos retirados das gramáticas analisadas para compor o corpus. ....	99
Quadro 13 – Verbos e exemplos pesquisados no Corpus Brasileiro ....	104
Quadro 14 – Grupos de processos na análise do corpus gramáticas. ....	139



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>2 TRANSITIVIDADE E ERGATIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL .....</b>	<b>35</b>
2.1 NOÇÃO DE SUJEITO NA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	35
2.2 SUJEITO, AGENTE E VOZES VERBAIS.....	38
2.3 SISTEMA DE TRANSITIVIDADE .....	57
2.3.1 Processos principais .....	62
2.3.2 Processos de fronteira.....	66
2.3.3 Cotexto e identificação dos processos .....	68
2.3.4 Participantes dos processos materiais .....	69
2.3.5 Relação entre os participantes obrigatórios de cada processo .....	74
2.3.6 Caracterização das figuras materiais .....	77
2.3.7 Natureza da interação entre os participantes .....	79
2.4 SISTEMA DE ERGATIVIDADE .....	81
2.4.1 Perspectiva sistêmico-funcional da ergatividade .....	82
2.4.2 Alguns estudos de ergatividade em língua portuguesa .....	91
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>97</b>
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	97
3.2 DEFINIÇÃO DOS CORPORA .....	98
3.2.1 A busca nas gramáticas .....	98
3.2.2 O Corpus Brasileiro.....	103
3.3 PASSOS DA ANÁLISE.....	105
<b>4 TRANSITIVIDADE, VOZ E AGENTIVIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>109</b>
4.1 ANÁLISES DOS ACHADOS EM GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	109
4.1.1 Abrir .....	109
4.1.2 Alagar .....	111
4.1.3 Amar .....	112
4.1.4 Apanhar .....	113
4.1.5 Aprender .....	114
4.1.6 Arrancar .....	115
4.1.7 Cortar.....	116
4.1.8 Decepcionar .....	117

4.1.9 Derreter .....	119
4.1.10 Empolgar .....	120
4.1.11 Encolher .....	121
4.1.12 Engordar .....	123
4.1.13 Ensinar .....	124
4.1.14 Entupir .....	124
4.1.15 Esfriar .....	125
4.1.16 Ferir .....	127
4.1.17 Guardar .....	128
4.1.18 Interessar .....	129
4.1.19 Levar .....	130
4.1.20 Partir .....	131
4.1.21 Quebrar .....	132
4.1.22 Receber .....	134
4.1.23 Rolar .....	136
4.1.24 Secar .....	136
4.1.25 Sofrer .....	138
4.2 CONCLUSÕES PRELIMINARES .....	138
<b>5 A SISTEMATIZAÇÃO DE UM NOVO PARTICIPANTE .....</b>	<b>141</b>
5.1 PROCESSOS MATERIAIS QUE FORMAM O PAR NOMINATIVO- ACUSATIVO/ERGATIVO-ABSOLUTIVO.....	141
5.1.1 Abrir .....	141
5.1.2 Alagar .....	145
5.1.3 Derreter .....	147
5.1.4 Encolher .....	150
5.1.5 Entupir .....	152
5.1.6 Esfriar .....	154
5.1.7 Quebrar .....	157
5.1.8 Secar .....	159
5.2 PROCESSOS MENTAIS (JÁ CATEGORIZADOS PELA GSF) .....	162
5.2.1 Amar .....	162
5.2.2 Aprender .....	163
5.2.3 Decepcionar .....	164
5.2.4 Empolgar .....	165
5.2.5 Sofrer .....	166
5.3 PROCESSOS MATERIAIS COM PASSIVIDADE INERENTE .....	167
5.3.1 Apanhar .....	167

<b>5.3.2 Levar</b> .....	<b>168</b>
<b>5.3.3 Partir</b> .....	<b>169</b>
<b>5.3.4 Receber</b> .....	<b>170</b>
<b>5.3.5 Rolar</b> .....	<b>171</b>
<b>5.4 PROCESSOS MATERIAIS COM ANÁLISE DEPENDENTE DE INTERPRETAÇÃO POR METÁFORA</b> .....	<b>172</b>
<b>5.4.1 Arrancar</b> .....	<b>172</b>
<b>5.4.2 Cortar</b> .....	<b>173</b>
<b>5.4.3 Ensinar</b> .....	<b>174</b>
<b>5.4.4 Ferir</b> .....	<b>175</b>
<b>5.4.5 Guardar</b> .....	<b>177</b>
<b>5.5 PROCESSOS QUE PODEM SER INTERPRETADAS COMO PROCESSO RELACIONAL + ATRIBUTO</b> .....	<b>178</b>
<b>5.5.1 Engordar</b> .....	<b>178</b>
<b>5.5.2 Interessar</b> .....	<b>179</b>
<b>5.6 CATEGORIZAÇÃO DO “IMPACTADO”</b> .....	<b>181</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>189</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma investigação acerca dos sistemas de transitividade e de ergatividade da metafunção ideacional da Gramática Sistêmico-Funcional<sup>2</sup> (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014). Com isso, pretendemos contribuir juntamente com os inúmeros estudos que estão sendo feitos no Brasil envolvendo a abordagem sistêmico-funcional em textos em língua portuguesa. A Linguística Sistêmico-Funcional<sup>3</sup> estuda a linguagem em uso, em situações reais de comunicação, tendo sempre como principal componente de análise linguística o contexto. Motivados pelos pressupostos da LSF, iniciamos nossa discussão partindo da leitura da tirinha de Mafalda, do cartunista argentino Quino, apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Mafalda e Miguelito



Fonte: (<http://mundolettras2009.blogspot.com.br/2012/11/predicacao-verbal-objeto-direto-e.html>)

No diálogo entre Mafalda e Miguelito, este manifesta sua insatisfação com duas definições da gramática tradicional<sup>4</sup> do português: sujeito e predicado. Ela, no entanto,

<sup>2</sup> Doravante GSF.

<sup>3</sup> Doravante LSF.

<sup>4</sup> Destacamos desde o início que entendemos por “gramática tradicional” todas as obras referentes à análise da estrutura da língua portuguesa que utilizem a nomenclatura tradicional: sujeito, predicado, objetos, predicativos, adjuntos, aposto, vocativo, entre outros.

tenta esclarecer que não há motivos para ficar insatisfeito, ilustrando, com o exemplo “esse lixo enfeia a rua”, que seria simples identificar o sujeito da oração (fica implícito no texto que Mafalda espera que ele responda que “esse lixo” é o sujeito). Miguelito quebra a expectativa de Mafalda com uma pergunta sobre a possibilidade de o sujeito poder ser o prefeito. Dessa vez, fica implícito na tirinha que Miguelito entendeu o conceito de sujeito como “o agente responsável pela ação”, dando a opinião de que poderia ser o prefeito esse responsável. Essa interpretação pode despertar curiosidade sobre o que realmente constitui a categoria de sujeito em língua portuguesa.

A quebra de expectativa que ocorre na tirinha é justamente um dos fatos que motivou esta pesquisa. Alguns conceitos da tradição gramatical da língua portuguesa têm gerado dificuldade de compreensão. No Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), grupo de pesquisa do qual fazemos parte e que investiga aspectos linguísticos e gramaticais do funcionamento da língua portuguesa, são frequentes os relatos de estudantes de Letras e de professores da mesma área sobre as dificuldades encontradas no trabalho escolar, na escola básica, com alguns tópicos gramaticais. Histórias de alunos com dúvidas semelhantes às de Miguelito na tirinha também não são raras. Ademais, é realidade a tendência de alunos em associar os conceitos de sujeito da gramática tradicional ao Ator da gramática sistêmico-funcional.

A tradição gramatical considera a concepção de que, em orações com verbos na voz ativa, o sujeito deve ser o agente responsável pela ação (segundo a maioria dos autores, conforme veremos no capítulo 1), sugerindo, nesse caso, que esse termo da oração fosse encontrado com o emprego da pergunta “quem” ou “o quê?” anteposta ao verbo, tendo assim como resposta, na tirinha de Mafalda, o termo “esse lixo”. Entendemos, no entanto, que essa sugestão não seria lógica, já que o lixo se assemelha muito mais ao instrumento utilizado para deixar a rua mais feia do que ao agente responsável pela ação.

Para nosso trabalho, selecionamos duas categorias gramaticais como ponto de partida para a seleção do *corpus que analisaremos*: sujeito e vozes verbais. Pensamos que, na a partir dessas categorias, poderemos colher fundamentação para partirmos em busca de uma resposta a nosso problema de pesquisa, que é discernir, à luz da GSF, qual categoria do sistema de transitividade poderia indicar, em orações materiais, participantes como “o lixo” da Figura 1. Notemos que, usando de

perspicácia, Miguelito percebe que “o lixo” não pode ser o agente responsável pela ação de “enfeiar” e, em busca de uma resposta lógica, escolhe um ser animado para representar tal papel. O menino responde, então, que é “o prefeito”, Ente animado que permite que o lixo deixe a rua feia.

Em uma análise desavisada, poderíamos indicar os participantes da oração em tela como segue:

Esse lixo	enfeia	a rua.
Ator	Processo	Meta

(Análise do exemplo da Figura 1)

De acordo com a abordagem sistêmico-funcional, “enfeiar” é entendido como um processo material-transformativo, porque promove a transformação de um participante que, antes de o processo ser realizado, estava em um estado e, após, em outro. No exemplo, o participante que sofre essa transformação é categorizado como Meta. Além da Meta, que pode estar incluída ou não nas orações, os processos materiais necessitam de um Ator, este um participante obrigatório (mesmo que implícito) e responsável pela ação.

Isso posto, conduzimos nosso trabalho no sentido de investigar esse participante, até então não nomeado, no sistema de transitividade no que se refere à composição de orações materiais em língua portuguesa.

É pertinente ressaltar que, além do sistema de transitividade, o sistema de ergatividade se faz fundamental para a construção do trabalho, já que distingue as funções de Agente e Meio, as quais, aparentemente, são suficientes para justificar os processos que ocorrem nos exemplos que compõem o *corpus* deste trabalho. Nossa intenção, no entanto, é encontrar base argumentativa dentro do próprio sistema de transitividade para justificar essas possíveis escolhas realizadas por falantes da língua portuguesa.

Nessa direção, recorreremos a trabalhos de pesquisadores que tenham apontado problemas semelhantes ao encontrado por nós, fundamentados nos estudos sistêmico-funcionais em língua portuguesa.

Morais (2013) faz uma análise sobre as ocorrências do clítico “se” em língua portuguesa, encontrando três principais resultados: em construções médias – com

ausência do agente, aparentando que as ações ocorreram sozinhas, em exemplos como “a sociologia estética se divide em três capítulos” (MORAIS, 2013, p.83); em construções com desfocamento de participantes – com a indeterminação do agente, não explicitando, intencionalmente, quem pratica a ação, como em “quando se trabalha muito duro, para valer, os resultados aparecem” (MORAIS, 2013, p.103); em construções agnatas, quando o clítico “se” modifica o tipo de processo desempenhado pelo verbo sem a sua presença, como ocorre na comparação entre “Ele se encontra em São Paulo” e “Ele está em São Paulo” (MORAIS, 2013, p.126).

Analisando os três principais resultados encontrados por Morais (2013), notamos a não descrição de um processo bastante comum em língua portuguesa, já apontado neste trabalho e que é o objeto de estudo da nossa pesquisa. Bagno (2014) sugere que exemplos como “o espelho quebrou” e “a porta abriu” são exemplos de evoluções da língua portuguesa com a queda do clítico “se” de frases originalmente produzidas como “o espelho se quebrou” e “a porta se abriu”. Percebemos, desde já, que essas ocorrências com o clítico “se” não foram objeto de estudo de Morais (2013), provavelmente por não ocorrer em alta frequência no *corpus* analisado. Sendo assim, nosso trabalho tem o objetivo, também, de contribuir para mais uma característica desse item léxico-gramatical da língua portuguesa.

Rocha (2013) destaca aspectos problemáticos das vozes verbais na língua portuguesa. O autor discute os conceitos de voz ativa, voz passiva, voz neutra e voz média. Ao apresentar afirmações a respeito desta última, Rocha (2013) destaca o exemplo “O menino cortou o cabelo”, no qual, segundo o autor, ocorre uma construção que

representa um problema para a gramática normativa. Dizemos um problema no sentido de que o gramático nem analisa este tipo de sentença. Ao menos nas gramáticas examinadas neste trabalho, não encontramos nenhuma menção a enunciados deste tipo. (...) (ROCHA, 2013, p. 128).

O autor ainda destaca os conceitos de alguns gramáticos, como Bechara (2010), que diferencia voz passiva e passividade. Assim, segundo Rocha (2013), essa distinção ocorre devido à gramática tradicional normativa não operar com o conceito de voz média, o que a impede de diferenciar exemplos como “O menino cortou o cabelo” e “O menino cortou o papel”. O autor destaca que é possível perceber que “há uma grande diferença entre as duas sentenças que, apesar de terem ambas as formas

ativas, a primeira possui sujeito passivo e a segunda sujeito ativo” (ROCHA, 2013, p. 129). Sabemos, entretanto, que tais casos são tratados por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004; 2014) como processos materiais.

Rocha (2013) também esclarece que podem se enquadrar nos casos de voz média (orações em que o verbo tem a forma ativa, mas com sujeito passivo) orações que tenham verbos que desempenham processos relacionados a atos “biológicos”, como “Ele dormiu” ou “Ele sorriu”. Segundo o autor, esses exemplos “são formas ativas, mas que afetam o sujeito” (ROCHA, 2013, p. 130). Afinal, ninguém pratica a ação de dormir e sorrir apenas por escolha, mas antes são ações que acontecem com esse sujeito.

Damasceno, Rodrigues e Nobre (2014) discutem a possibilidade de ocorrência de Metáforas de Transitividade. As autoras analisaram ocorrências com o verbo “abrir”, nas quais, segundo elas, existe uma metáfora entre os participantes Ator e Circunstância. Nesses exemplos, o elemento que normalmente ocupa a posição de Circunstância de um processo está ocupando a posição de Ator, o que, portanto, configuraria a Metáfora de Transitividade. Os exemplos são apresentados seguidos de sua análise no Quadro 1.

Quadro 1 – Formas metafóricas e congruentes

(continua)

<p><b>EXEMPLO 1 (FORMA METAFÓRICA)</b> Páscoa abre 500 vagas na Agência do Trabalhador de Curitiba.</p>	<p><b>ANÁLISE METAFÓRICA DA TRANSITIVIDADE</b> Páscoa = Ator abre = processo material 500 vagas = Meta na Agência do Trabalhador de Curitiba = Circunstância</p>
<p><b>EXEMPLO 1 (FORMA CONGRUENTE)</b> 500 vagas são abertas na Agência do Trabalhador de Curitiba no período da Páscoa.</p>	<p><b>ANÁLISE CONGRUENTE DA TRANSITIVIDADE</b> 500 vagas = Meta são abertas = processo material na Agência do Trabalhador de Curitiba = Circunstância no período da Páscoa = Circunstância</p>

<p><b>EXEMPLO 2 (FORMA METAFÓRICA)</b> Brasília abrirá exposição inédita sobre a Copa do Mundo.</p>	<p><b>ANÁLISE METAFÓRICA DA TRANSITIVIDADE</b> Brasília = Ator abrirá = processo material exposição inédita sobre a Copa do Mundo = Meta</p>
<p><b>EXEMPLO 2 (FORMA CONGRUENTE)</b> Exposição inédita sobre a Copa do Mundo será aberta em Brasília.</p>	<p><b>ANÁLISE CONGRUENTE DA TRANSITIVIDADE</b> Exposição inédita sobre a Copa do Mundo = Meta será aberta = processo material em Brasília = Circunstância</p>
<p><b>EXEMPLO 3 (FORMA METAFÓRICA)</b> Arena Pernambuco abre mais 200 vagas.</p>	<p><b>ANÁLISE METAFÓRICA DA TRANSITIVIDADE</b> Arena Pernambuco = Ator abre = processo material mais 200 vagas = Meta</p>
<p><b>EXEMPLO 3 (FORMA CONGRUENTE)</b> Mais 200 vagas são abertas na Arena Pernambuco.</p>	<p><b>ANÁLISE CONGRUENTE DA TRANSITIVIDADE</b> Mais 200 vagas = Meta são abertas = processo material na Arena Pernambuco = Circunstância</p>
<p><b>EXEMPLO 4 (FORMA METAFÓRICA)</b> Aeroporto de Manaus abre área do novo estacionamento.</p>	<p><b>ANÁLISE METAFÓRICA DA TRANSITIVIDADE</b> Aeroporto de Manaus = Ator abre = processo material área do novo estacionamento = Meta</p>
<p><b>EXEMPLO 4 (FORMA CONGRUENTE)</b> Área do novo estacionamento será aberta no Aeroporto de Manaus.</p>	<p><b>ANÁLISE CONGRUENTE DA TRANSITIVIDADE</b> Área do novo estacionamento = Meta será aberta = processo material no Aeroporto de Manaus = Circunstância</p>

As autoras destacam que, embora existam participantes que desempenhem o papel de Ator do processo material “abrir” em todos os exemplos, esses participantes não são agentes do processo, mas sim representam as circunstâncias de tempo ou localização em que as ações ocorreram. Com isso, concluíram que se trata de uma representação metafórica, já que uma análise das formas nomeadas como congruentes mostraria que tais “atores” são na verdade circunstâncias. Sobre essa possibilidade, destacam que essas metáforas ocorrem porque,

apesar de as cláusulas título das notícias terem sido construídas em torno de um Processo Material, ou seja, um processo do *fazer*, não é conveniente (ou, até mesmo, possível) identificar uma entidade individuada que possa ocupar o papel de instigador da ação verbal nesse contexto discursivo. Em outras palavras, na situação real de comunicação, não é comunicativamente relevante atribuir a um único indivíduo os fazeres *abrir 500 vagas de emprego na Agência do Trabalhador de Curitiba, abrir exposição inédita sobre a Copa do Mundo, abrir área do novo estacionamento* etc., por serem estas ações que, pragmaticamente, envolvem um conjunto complexo de agentes, como autoridades políticas, empresários, comerciantes etc. Diante dessa constatação, observa-se que a representação metafórica da categoria Ator se apresenta como uma solução eficaz para a realização completa da proposição na voz ativa da expressão verbal (DAMASCENO; RODRIGUES; NOBRE, 2014, p. 510-511).

Assim, percebemos que existem trabalhos em língua portuguesa que analisam a possibilidade de a identificação de participantes do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional ser mais complexa do que aparentemente se tem considerado. As autoras ainda acrescentem, em uma nota explicativa no final do texto que “diferentemente do processo de Ergatividade, (...), no processo identificado aqui como Metáfora da Transitividade, a função de Ator é codificada por um termo congruentemente circunstancial” (DAMASCENO; RODRIGUES; NOBRE, 2014, p. 516), ou seja, o processo nomeado como Metáfora de Transitividade analisa a possibilidade de o papel de Agente de um processo material ser desempenhado por uma circunstância congruente, enquanto a Ergatividade analisa a possibilidade de o Agente de uma ação ser interno ou externo ao próprio processo, podendo ser identificado estruturalmente ou não.

Armbrust (2006) faz um estudo sobre as construções passivas em editoriais, tanto em língua portuguesa como em língua inglesa no qual apresenta um quadro comparativo entre as análises da transitividade e da ergatividade, contendo dois exemplos, que são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise pelo sistema de transitividade e pela ergatividade

<b>EXEMPLO</b>	<i>O governo aumentou a taxa de juros em 2005</i>	<i>A taxa de juros aumentou em 2005.</i>
<b>ANÁLISE PELA TRANSITIVIDADE</b>	O governo = <u>Ator</u> aumentou = <u>processo material</u> a taxa de juros = <u>Meta</u> em 2005 = <u>Circunstância</u>	A taxa de juros = <u>Ator</u> aumentou = <u>processo material</u> em 2005 = <u>Circunstância</u>
<b>ANÁLISE PELA ERGATIVIDADE</b>	O governo = <u>Agente</u> aumentou = <u>processo material</u> a taxa de juros = <u>Meio</u> em 2005 = <u>Circunstância</u>	A taxa de juros = <u>Meio</u> aumentou = <u>processo material</u> em 2005 = <u>Circunstância</u>

Fonte: (elaborado a partir dos exemplos presentes em ARMBRUST, 2006, p. 68-70)

A autora apresenta a importância de se caracterizar uma voz média, isto é, uma voz verbal em que não exista nenhum traço de agentividade, nem estruturalmente explícito, nem implícito na oração. Para isso, a autora (ARMBRUST, 2006) compara os exemplos “O bandido morreu” e “O bandido foi morto”. No primeiro exemplo, Armbrust (2006) afirma que existe um único participante que sofre um processo, e não fica explícita nem explícita a presença de um agente que tenha provocado o processo; no segundo, não existe a presença estrutural de um agente que desencadeou o processo, mas implicitamente existe a noção de que alguém provocou a morte do bandido.

A situação descrita na comparação entre os exemplos “O bandido morreu” e “O bandido foi morto” já foi trabalhada por nós na dissertação de Mestrado intitulada “Processos existenciais em reportagens de capa da revista Superinteressante” (LIMA, 2012). No texto, explicamos que a oração “O bandido morreu” é uma ocorrência de Existente + processo existencial, já que o participante “O bandido” deixa de existir; já em “O bandido foi morto” configura-se uma construção com processo material em voz passiva, na qual temos Meta + processo material, com Ator implícito na ocorrência do processo.

Entretanto, a ocorrência descrita nos primeiros exemplos, apresentados no Quadro 2, parece ainda não ter sido elucidada. O objetivo deste trabalho é justamente discutir a identificação de o segmento “A taxa de juros” não ser considerado Ator do processo material “aumentou”, já que não apresenta noção de agentividade. Acreditamos que esse participante não possa ser categorizado nem como Ator, nem como Meta.

Por fim, Lima-Lopes e Ventura (2008) apresentam um trabalho com aspectos gerais sobre a análise da transitividade em língua portuguesa, de acordo com a abordagem sistêmico-funcional. Os autores destacam a diferença entre a transitividade e a ergatividade, sendo esta “uma abordagem à metafunção experiencial na qual a voz e a agentividade são os principais pontos de partida para a análise” (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008, p. 16).

Além disso, os autores destacam a dificuldade de se tentar classificar os verbos em língua portuguesa de acordo com os seis processos possíveis dentro do sistema de transitividade. Para eles

não existe uma fórmula exata para auxiliar na classificação dos processos, o que nos impede de traçar critérios exatos ou regras fixas. Por isso, cada vez que um analista classifica um processo ou elemento circunstancial, ele está operando com o seu conhecimento e com a sua experiência, o que pode mudar de indivíduo para indivíduo. Isso, muitas vezes, leva a várias classificações possíveis, as quais são estudadas de acordo com a função de um processo. Esse fato nos faz pensar que um trabalho de análise de transitividade pode estar ligado a vários fatores. Entre eles, temos a cultura e os valores sociais trazidos pelo linguista, os quais são, por vezes, diferentes daqueles trazidos pela comunidade estudada, o que obriga o analista a conhecer o contexto no qual um fraseado é produzido. (LIMA LOPES; VENTURA, 2008, p. 17).

Reforçamos, com isso, a importância de pesquisas como esta, que visam a esclarecer a identificação dos participantes e dos processos em orações com relativa frequência em textos de diferentes gêneros, em língua portuguesa. Mais uma vez, recorreremos à voz dos autores quando concordamos na afirmação de que, na análise do sistema de transitividade,

muitos pontos permanecem obscuros, sendo que a falta de estudos em língua portuguesa é um dos principais problemas. Isso faz com que pouco se saiba a respeito das particularidades dos processos e também da forma como seus participantes e as circunstâncias se relacionam. De fato, são necessários mais estudos qualitativos e quantitativos, os quais ajudariam a determinar critérios de classificação processual em nosso idioma. (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008, p. 20)

Determinar critérios para a identificação de um participante de processos materiais, que apresenta características exclusivas e diferentes das de outros participantes, é um dos pontos-chave desta investigação, uma vez que nossa pergunta de pesquisa é: “É possível categorizar e nomear um participante, no sistema de transitividade, que realiza a função de agente em construções consideradas ergativas?” Com isso, nosso objetivo geral é investigar, categorizar e nomear um Participante<sup>5</sup> específico de orações materiais, participante este ainda não apontado na literatura sistêmico-funcional no sistema de transitividade, de modo a apontar suas principais características e condições de ocorrência.

Como objetivos específicos para chegar ao objetivo maior, apontamos:

- pesquisar conceitos e exemplos de sujeito, agente e vozes verbais que apresentem interpretações particulares em gramáticas da língua portuguesa;
- pesquisar, em gramáticas da língua portuguesa e em corpus informatizado de textos exemplos de processos que apresentam interpretações particulares quanto a significado e função;
- comparar construções materiais transitivas com construções materiais ergativas em que processos materiais previamente selecionados ocorram;
- aprofundar os estudos dos sistemas de transitividade e ergatividade na perspectiva sistêmico-funcional, de modo a estabelecer critérios para a identificação do Participante desejado;
- cotejar a existência desse Participante com os elementos Agente e Meio do sistema de ergatividade;
- apresentar possibilidades de análise que sejam coerentes com a abordagem sistêmico-funcional e que contribuam para melhor compreensão da função do Participantes como não agentivos dos processos selecionados.

Pelo que expomos nos nossos objetivos, estamos propondo um cruzamento entre os sistemas de transitividade e de ergatividade, da metafunção ideacional em seu componente experiencial, uma vez que pretendemos identificar o Participante transitivamente em construções ergativas. Na sequência desta tese, apresentamos, no capítulo 2, dois blocos. O primeiro, contém os estudos sistêmico-funcionais no que se refere à metafunção ideacional, ou seja, do sistema de transitividade. Já o segundo

---

<sup>5</sup> Daqui em diante, como ainda não propusemos o nome que escolhemos, referir-nos-emos a esse participante, grafando-o com letra maiúscula.

trata do sistema de ergatividade, conceito este necessário para que possam identificar o Participante a que nos referimos nos objetivos do trabalho.

Por sua vez, o capítulo 3 está destinado a apresentar a metodologia empregada no decorrer do trabalho. No capítulo 4, expomos e discutimos os achados nas gramáticas de língua portuguesa de tradição ocidental acerca de interpretações particulares apontadas pelos diversos autores quanto a sujeito, agentividade e transitividade. E, no capítulo 5, preocupamo-nos em apresentar os resultados e discuti-los, desta vez buscando exemplos dos processos em um corpus brasileiro de tamanho grande, já que nos interessa o uso real que os falantes fazem da linguagem, neste caso, da língua portuguesa.

Por fim, fazemos as considerações finais e apresentamos o Participante que, em nossa visão, pode ser inserido no conjunto dos participantes dos processos materiais em língua portuguesa.



## 2 TRANSITIVIDADE E ERGATIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Neste capítulo, discutimos, inicialmente, apresentamos a perspectiva sistêmico-funcional da definição de sujeito gramatical, sujeito lógico e sujeito psicológico. Além disso, desenvolvemos estudos sistêmico-funcionais de transitividade e fazemos o mesmo em relação à ergatividade.

Julgamos procedente partir da noção de sujeito, porque esse foi também o aspecto que motivou a realização de toda esta pesquisa. Acreditamos que buscar entender os conceitos que nortearam o ensino-aprendizagem da língua portuguesa no ensino básico é o ponto de partida ideal para aplicarmos um estudo aprofundado que poderá, em um futuro próximo, esclarecer as dúvidas que se originam também durante esse processo.

### 2.1 NOÇÃO DE SUJEITO NA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

A noção de sujeito adotada pela gramática sistêmico-funcional apresenta-se como uma etiqueta para uma função gramatical determinada. No entanto, não é simples determinar um conceito para “sujeito”, já que a própria tradição gramatical, ao longo do tempo, apresentou dificuldades para especificar o papel dessa função.

A partir disso, várias interpretações surgiram para o que poderia ser a noção de sujeito. Dentre essas, destacamos três definições que são sumarizadas da seguinte maneira:

- (i) o núcleo da mensagem (para quem a mensagem se volta);
- (ii) aquilo sobre o que algo está sendo predicado;
- (iii) o agente da ação (quem pratica a ação desempenhada pelo verbo).

As três noções apresentadas não são sinônimas. Sendo assim, a pergunta que fica é se existe a possibilidade de a definição de sujeito agrupar essas três definições ao mesmo tempo. Para ilustrar essa possibilidade, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) apresentam o exemplo “o duque deu este bule à minha tia”, no qual “o duque” assume o papel de sujeito de acordo com as três noções acima destacadas. Afinal, “o

duque” é o termo para o qual a mensagem se volta, é o termo sobre o qual algo se predica e é o agente da ação denotada pelo verbo “dar”.

Diante disso, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) afirmam que,

se todas as orações fossem como essa, tendo um elemento servindo para as três funções, não haveria problemas em identificar e explicar o Sujeito. Nós poderíamos usar o termo para se referir à soma dessas três definições e atribuir esta etiqueta para qualquer elemento que compreendesse todas as funções em questão. Mas isso assume que, em todas as orações, há apenas um elemento no qual as três funções estão combinadas; e este não é o caso. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.55)<sup>6</sup>

Para exemplificar o fato de que este não é o caso, os autores apresentam outra versão para a mesma frase: “este bule à minha tia foi dado pelo duque”. Segundo Halliday e Matthiessen (2004; 2014), a classificação de Sujeito não é mais clara, pois, se considerarmos as três noções até então apresentadas, a mensagem está voltada para “este bule”, está sendo predicado algo sobre “a minha tia”, e o agente da ação é “o duque”. A partir de exemplos como esses, os dois gramáticos passaram a considerar que existem, na verdade, diferentes “tipos” de sujeitos. Os termos que foram utilizados para designar esses “tipos” foram: Sujeito psicológico, Sujeito gramatical e Sujeito lógico, cada um referente, respectivamente, a uma das noções já destacadas, conforme resume a Figura 2.

Figura 2 – Tipos de sujeito

**SUJEITO PSICOLÓGICO** → O TERMO PARA O QUAL A MENSAGEM SE VOLTA

**SUJEITO GRAMATICAL** → O TERMO SOBRE O QUAL ALGO ESTÁ SENDO PREDICADO

**SUJEITO LÓGICO** → O TERMO O QUAL AGE SOBRE O VERBO

Fonte: (adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004, 2014).

<sup>6</sup> Todos os trechos citados nesta tese que estão originalmente escritos em língua inglesa (por exemplo, excertos de Halliday e Matthiessen, 2004; Martin, Matthiessen e Painter, 2010, e outros) foram traduzidos livremente por nós, motivo pelo qual assumimos a responsabilidade da transcrição do inglês para o português.

Assim, o Sujeito psicológico recebe esse nome porque representa o termo que o falante tinha em mente para iniciar a produção da sua oração; o Sujeito gramatical retrata a relação existente entre Sujeito e Predicado, que – quando construída – foi considerada puramente gramatical; o Sujeito lógico relaciona-se com a relação lógica entre os termos de uma oração, não com a relação gramatical.

Pelo exposto, poderíamos resumir como fica a análise do sujeito nos dois exemplos mostrados, retirados de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

<i>The duque</i>	<i>gave</i>	<i>this teapot</i>	<i>my aunt</i>
<b>Sujeito psicológico</b> <b>Sujeito gramatical</b> <b>Sujeito lógico</b>			

<i>This teapot</i>	<i>my aunt</i>	<i>was given</i>	<i>by the duque</i>
<b>Sujeito psicológico</b>	<b>Sujeito gramatical</b>		<b>Sujeito lógico</b>

Podemos acrescentar a isso algumas considerações sobre os três tipos de sujeito. O sujeito psicológico corresponde sempre ao tópico da oração, ou seja, representa sempre o Tema, em uma análise da metafunção textual. O sujeito gramatical, por sua vez, é o termo com o qual o verbo concorda, que estimula a relação de concordância por parte do falante. O sujeito lógico representa o termo que realmente exerce força argumentativa sob o processo, que se configura efetivamente como o Agente da ação, utilizando um princípio de análise do sistema de ergatividade.

Portanto, enquanto nos preocuparmos somente com orações simples, nas quais os três tipos de sujeito coincidem, não haverá dificuldades em identificar o sujeito da oração. No entanto, quando estudamos a linguagem em funcionamento, percebemos que nem todos os exemplos se encaixam nesse modelo. Baseados nisso, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) afirmam que não existe um conceito geral de sujeito, ou seja, o que existem são três variedades diferentes de sujeito.

Vale esclarecer que a denominação “sujeito” que aqui empregamos constitui um elemento léxico-gramatical da oração, embora Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004; 2014) tenham-lhe atribuído denominações funcionais como Ator, Experienciador, Portador, dentre outros. Por outro lado, temos consciência que o termo “Sujeito”<sup>7</sup> é mais propriamente tratado como um componente da metafunção interpessoal, fazendo parte do Modo juntamente com o Predicador, o que aqui não serve aos propósitos desta tese. Nosso interesse é o sistema de transitividade da metafunção ideacional.

## 2.2 SUJEITO, AGENTE E VOZES VERBAIS

A determinação do papel de certos participantes em relação a alguns processos, em casos que geram dúvida quanto à voz ativa ou passiva do verbo, já foi motivo de questionamento para diferentes gramáticos em diferentes momentos da história da língua portuguesa. Apresentamos, neste capítulo, nosso levantamento em ordem cronológica de publicação desses autores.

Em uma das primeiras gramáticas da língua portuguesa de que se tem registro, João de Barros (1540) descreve a existência do verbo ativo, “aquele que se pode converter ao modo passivo” (BARROS, 1540, p. 18-19), em exemplos como “eu amo a verdade”.

Assim, segundo o autor, não existem verbos passivos em língua portuguesa, mas sim a forma passiva de verbos ativos, em que se usa o verbo “ser” somado a um particípio passado – como em “a verdade é amada de (por) mim”. Assim, “somente ao primeiro modo chamamos de ativo e o segundo passivo, porque um faz em obrar e o outro padece em receber” (BARROS, 1540, p.19). Ainda, Barros (1540) considera a existência de verbo neutro: “aquele que se não pode converter ao modo passivo, e cuja ação não passa em outra coisa, assim como, *estou, ando, venho, vou, fico* e outros” (BARROS, 1540, p. 19).

Percebemos claramente que a definição de João de Barros perpassa, além da estrutura de composição dos verbos, a possibilidade de um determinado verbo ser convertido em estrutura de voz passiva ou não para que seja considerado ativo ou

---

<sup>7</sup> Com letra maiúscula.

neutro. Poderíamos, a partir disso, conceituar três tipos de verbos a partir de Barros (1540) conforme o disposto no Quadro 3.

Diante disso, entendemos que a compreensão do verbo quanto à sua agentividade e passividade, para Barros (1540), depende exclusivamente da forma verbal e da possibilidade de ser ou não convertido em outra forma.

Quadro 3 – Tipos de verbo de acordo com a forma ativa, passiva ou neutra

<b>VERBOS ATIVOS</b>	- Verbos com forma ativa, que podem ser convertidos em forma passiva.	<i>Eu amo a verdade.</i>
<b>VERBOS PASSIVOS</b>	- Verbos com forma passiva, que podem ser convertidos em forma ativa.	<i>A verdade é amada por mim.</i>
<b>VERBOS NEUTROS</b>	- Verbos com forma ativa, mas que não podem ser convertidos em passiva.	<i>Eu vou a Paris.</i>

Fonte: (adaptado pelo autor a partir de BARROS, 1540, p. 18-19)

Na *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, o autor Jeronymo Soares Barboza afirma que as gramáticas latinas e gregas dividem o verbo em ativo, passivo e neutro. No entanto, a língua portuguesa “não tem verbos passivos para poder entrar nessa divisão: e onde não há verbos passivos, não pode haver também verbos neutros, que são os que nem são ativos, nem passivos” (BARBOZA, 1830, p.241).

Desse modo, Barboza (1830) acredita que o mais correto é dar aos verbos três vozes, ou seja, três maneiras pelas quais sua ação pode ser exercida. A língua portuguesa não tem verbos passivos, mas nem por isso deixa de se expressar em forma passiva. Afinal, o sujeito pode exercer uma ação que outro recebe (voz ativa), ou o sujeito pode receber uma ação que outro produz (voz passiva), ou, ainda, o sujeito pode produzir uma ação e recebê-la (voz média ou reflexa).

Ainda em 1908, na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Manuel Said Ali já questionava a existência de exemplos complexos em relação à determinação da voz verbal como ativa ou passiva. O autor inicia a distinção entre as duas vozes explicando que o sujeito pode ser considerado o termo de onde parte a ação (voz ativa) ou o termo para o qual parte a ação (voz passiva). Quando ocorre o segundo caso (voz passiva), tem-se o verbo com a estrutura combinada pelo auxiliar “ser” e alguma forma no particípio. Quando ocorre o primeiro (voz ativa), o verbo está na sua conjugação simples. Segundo o autor, é por este motivo que se condicionou afirmar a ocorrência de voz ativa em todos os casos nos quais o verbo estiver em sua conjugação simples, pois essa explicação facilita o estudo das formas. No entanto, Said Ali (1908) afirma que essa classificação nem sempre se harmoniza com a significação do verbo, pois

*andar, fugir, ir, voar* e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em *padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar*, não se revela nenhuma atividade por parte do sujeito. São atos que nele se consomem, estados pelos quais se passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Estes outros intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se, pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos (SAID ALI, 1908, p. 199-200).

Após apontar esse caso, Said Ali (1908) direciona-se para a explicação da voz medial, com os casos de reflexividade e reciprocidade, sem apresentar mais explicações sobre o problema.

É importante destacar que, na *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, publicada em 1923, com o objetivo de simplificar as explicações da obra anterior, Said Ali retira a observação destacada acima, limitando-se a explicar brevemente os conceitos de voz ativa – quando “o verbo transitivo na sua forma usual simples denota que a ação precede do sujeito” (SAID ALI, 1923, p. 137) – e de voz passiva – quando, “com uma forma adequada, o verbo transitivo pode inversamente exprimir que a ação se dirige para o sujeito” (SAID ALI, 1923, p. 137) – com alguns poucos exemplos.

A *Gramática Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, apresenta definições breves e simples de cada um dos conceitos da gramática. No capítulo destinado às vozes verbais, temos que o verbo assume “três aspectos fundamentais em relação ao seu sujeito: as três vozes – a **ativa**, a **passiva** e a **reflexa**, são três maneiras em que podemos encarar o enunciado verbal em relação à pessoa ou coisa a que ele é

atribuído.” (PEREIRA, 1907, p.90). Destacamos, porém, uma nota apresentada pelo autor, que faz uma referência à estrutura do verbo nessas vozes. O autor diz que somente “na voz ativa tem o verbo forma simples ou sintética – amar, ferir; nas outras tem ele forma composta ou analítica – ser amado, ser ferido – amar-se, ferir-se.” (PEREIRA, 1907, p.90).

Já a *Gramática Histórica*, do mesmo autor, traz uma curiosa definição de voz ativa: “A voz ativa caracteriza-se pela agência do sujeito, agência claramente perceptível nos verbos chamados ativos (amar, andar, ferir) e obscuramente apreendida nos chamados neutros (viver, estar, ficar)” (PEREIRA, 1935, p. 473). Quanto à definição de voz passiva, não há muito discernimento das outras definições já apresentadas. O autor afirma que ela é a voz em que o sujeito é paciente da ação verbal, cujo agente é expresso com a preposição “por” ou “de”. Pereira (1935) também sinaliza o fato de que o grego e o latim apresentavam formas específicas de verbos passivos, mas que o português não as possui.

Surge, novamente, uma definição curiosa, no momento em que o autor comenta sobre as possibilidades de apassivação de um sujeito, destacando que a apassivação de um verbo

dá-se normalmente quando o sujeito por natureza é incapaz de ser *agente*, o que se dá se o sujeito é ser inanimado; entretanto, pode não haver tal apassivação mesmo neste caso, como, por exemplo, em – *o sol levanta-se*, *o rio precipita-se*; aí, os sujeitos (sol e rio) apresentam-se à vista como *seres animados*, e, portanto, como *agentes* e *pacientes* da ação verbal, e a voz dos respectivos verbos é *média* ou *reflexa*. A língua não indaga realidade científica, basta-lhe a aparência. Ao invés deste fenômeno, dá-se, às vezes, a apassivação verbal com seres animados como sujeito, sempre que o sentido mostrar que o sujeito é apenas o *paciente* da ação recampiada, por exemplo: (...) *convidam-se os patriotas*, *esses povos chamam-se romanos*. Existe nessas frases e outras semelhantes uma incapacidade eventual de os sujeitos (patriotas, povo) serem *agentes*, embora representem entes animados. (PEREIRA, 1935, p. 481).

Com isso, vemos que Eduardo Carlos Pereira (1935) já apresentava uma relação significativa entre o sujeito ser representado por um ser animado ou inanimado e a noção indicada pelo verbo de atividade ou de passividade.

Ainda, Pereira (1935) apresenta algumas curiosidades em relação à transitividade e à intransitividade dos verbos, destacando verbos transitivos que são empregados intransitivamente, em exemplos como “Foi poeta, cantou e amou na vida” e “Ele estudou em Coimbra” (PEREIRA, 1935, p.477). Além disso, também destaca o

oposto: verbos intransitivos que são empregados transitivamente. Para esse destaque, são apresentadas três possibilidades: com complementos pleonásticos (“viver uma longa vida”, “morrer morte tranquila”); com complementos fictícios, que logicamente são circunstâncias (“dormir duas horas”, “passar frio e fome”); com verbos que podem ser parafraseados com o verbo “fazer” ou “tornar” (“secar a roupa = fazer a roupa secar”, “enxugar as mãos = tornar as mãos enxutas”).

Artur de Almeida Torres escreve a *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa* destacando que toda gramática expositiva ou normativa tem a finalidade de “estabelecer normas para o bom uso da língua” (TORRES, 1972, p.1). Ao definir vozes verbais, tal qual vários outros autores, Torres conceitua-as como “formas por que os verbos se apresentam para indicar a relação entre eles e o seu sujeito” (TORRES, 1972, p. 95).

Desse modo, cada explicação limita-se a apenas um exemplo. “O aluno destruiu os cadernos” é ativa porque o sujeito exerce a ação verbal; “os livros foram destruídos pelo aluno” é passiva porque o sujeito recebe a ação verbal. Isso nos leva a crer que exemplos como “O aluno rasgou os cadernos” seriam casos de voz ativa, mas exemplos como “Os livros foram rasgados pelo aluno”, de voz passiva. É natural que, semanticamente, não ocorram na língua exemplos como “Os cadernos destruíram”, mas é frequente a ocorrência de orações como “Os cadernos (ou os livros) rasgaram”. E, nesse caso, surgiria, pela gramática tradicional, a dificuldade de análise desse sujeito como agente ou paciente. Acrescentamos que, pela gramática sistêmico-funcional, a identificação do participante como Ator ou Meta também ficaria comprometida.

Em *A Estrutura Morfo-Sintática do Português*, José Rebouças Macambira destina um subcapítulo à análise da categoria nomeada sujeito. Sua definição, sob o aspecto semântico é a de que o “sujeito é o termo sobre o qual se afirma alguma coisa” (MACAMBIRA, 1978, p.166). Ainda, segundo o autor, muitos professores de língua portuguesa ensinam que o sujeito é o agente, isto é, quem pratica a ação expressa pelo verbo. No entanto, isso só é verdadeiro na voz ativa, como no exemplo “João Batista batizou o Messias” (MACAMBIRA, 1978, p.166), pois em exemplos como “O enteado apanhava muito da madrasta”, “Pedro está vendo Paulo” e “Meu filho ama tua sobrinha” (MACAMBIRA, 1978, p.167), o autor destaca que

está sobremodo evidente que o enteado não está praticando nada, mas talvez esperneando e gritando desesperado (1º exemplo) e o sujeito não está exercendo ação alguma, mas antes sofrendo em sua estrutura ocular (2º exemplo). Os olhos captam passivamente os raios luminosos que se concentram na retina de Pedro. Ver, pois, é sofrer: passividade portanto, e não atividade. Não é fácil diagnosticar quem o agente e quem o paciente do conteúdo verbal (3º exemplo), se meu filho, se tua sobrinha ou se um e outro simultaneamente. Em matéria de amor, há geralmente muitas cambiâncias, muitos altos e baixos, com muita alegria pelo meio e às vezes com tristeza muita. (MACAMBIRA, 1978, p. 167)

Percebemos que Macambira (1978) apresenta discussões semânticas interessantes em relação ao que as gramáticas afirmam ser o sujeito. Seus questionamentos baseiam-se, principalmente, na distinção entre a atividade e a passividade de sujeitos que compõem orações com verbos com estrutura de voz ativa.

Na *Gramática Resumida – Explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de Celso Pedro Luft, encontramos uma definição de voz verbal como uma forma de apresentação do verbo para indicar a relação deste com o sujeito (LUFT, 1989). Assim como outros gramáticos, Luft destaca que o conceito de voz verbal perpassa a estrutura do verbo. Ao definir a voz passiva, o autor explicita essa intenção, com o argumento de que a voz verbal é “passiva quando o sujeito sofre a ação verbal: o lobo foi ferido; feriu-se o lobo (...) com verbo auxiliar ou com pronome apassivador” (LUFT, 1989, p.105). Sendo assim, além de o sujeito sofrer a ação verbal, para caracterizar-se como uma voz passiva, o verbo deve ser construído com o auxiliar característico ou com o pronome característico.

No entanto, ao definir a voz ativa, o autor subordina a definição aos critérios semânticos do sujeito, e não à estrutura do verbo. Segundo o autor, a voz é “ativa quando o sujeito é agente, ou pelo menos ponto de partida da afirmação: O lobo ataca, o lobo morre, o lobo recebe um tiro” (LUFT, 1989, p. 105). Definir o sujeito como “ponto de partida da afirmação” é um conceito vago. Afinal, não vemos razões para que em frases como “o lobo foi ferido” ou “feriu-se o lobo” não se tenha “o lobo” como ponto de partida da oração.

Reunindo os três exemplos citados por Celso Luft, podemos considerar o que segue. A oração “o lobo ataca” não deixa dúvidas quanto à sua definição. Segundo a gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), dentro do sistema de transitividade, “o lobo” é Ator do processo material “ataca”. A oração “o lobo morre” causa dúvidas quanto à agentividade do participante “o lobo”, já que ele não parece ser o responsável pela própria morte. Esse assunto já foi discutido na nossa

dissertação de Mestrado, “Processos existenciais em reportagens de capa da revista Superinteressante” (LIMA, 2012), em que analisamos “o lobo” como Existente do processo existencial “morre”, já que sinalizam uma figura de “deixar de existir”, conforme os conceitos de Halliday e Matthiessen (1999).

Carlos Henrique da Rocha Lima descreve a sua *Gramática normativa da língua portuguesa* como “um livro redigido com simplicidade e clareza, e norteado por obsessiva busca de exatidão no sistematizar as normas da modalidade culta do idioma nacional”. (ROCHA LIMA, 1992, p.XXIII). Para o autor, sujeito é o ser de quem se diz algo. O único destaque relativo ao objeto de estudo desta pesquisa é no item nomeado “Verbos de forma ativa absoluta ou de forma reflexiva”, no qual o autor especifica que existe um bom número de verbos que aparecem, sem alteração de sentido, ora na forma ativa absoluta, ora com o pronome “se”. Alguns exemplos dados são: “vestir ou vestir-se, levantar ou levantar-se” (ROCHA LIMA, 1992, p. 343).

Na *Gramática Crítica – o culto e o coloquial no português brasileiro*, organizada por Luiz Ricardo Leitão, encontramos a seguinte definição de voz verbal: “é uma forma de “flexão” adotada pelo verbo a fim de exprimir a **posição** (grifo nosso) do sujeito face ao processo que enuncia” (LEITÃO, 1995, p. 118). Por essa definição, poderíamos entender que o autor se refere a “posição” como sendo o lugar que o sujeito ocupa na oração (anteposto ou posposto ao verbo) ou, então, como a função que o sujeito desempenha em relação ao processo.

Ao esclarecer o conceito de cada uma das três vozes verbais (ativa, passiva e reflexiva), o autor deixa claro que se refere à função desempenhada pelo sujeito em relação ao verbo, e não ao lugar que o sujeito ocupa na oração. Assim, na definição da voz ativa, semelhante a Luft (1989), Luiz Leitão entende que, na voz ativa, o sujeito corresponde ao “agente da ação verbal, ou, de alguma forma, o ‘ponto de partida da afirmação’ enunciada” (LEITÃO, 1995, p. 118). Os exemplos trazidos pelo autor para ilustrar tais possibilidades são: “Os modernistas renovaram o cenário artístico nacional”, no qual o sujeito é, efetivamente, agente da ação verbal, e “Eles receberam o presente”, no qual o sujeito não é agente, mas é ponto de partida da afirmação.

Ao descrever a voz passiva, o autor destaca que a primeira ocorre quando o sujeito é “paciente da ação verbal, que pode ser expressa por meio de duas construções” (LEITÃO, 1995, p. 118), explicitando, em seguida, as estruturas da voz passiva analítica e da voz passiva sintética ou pronominal e trazendo os seguintes exemplos, respectivamente: “O cenário artístico nacional foi renovado pelos

modernistas” e “O presente foi recebido por eles”, no primeiro caso, e “Renovou-se o cenário artístico nacional” e “Recebeu-se o presente”, no segundo.

Da mesma forma, a voz reflexiva, para Leitão (1995), ocorre quando o sujeito é “simultaneamente agente e paciente, ou seja, pratica e sofre a ação verbal” (LEITÃO, 1995, p. 119). Os exemplos que ilustram a definição são: “Ele machucou-se” e “Elas se abraçaram”, destacando que este exprime reciprocidade.

Nosso breve questionamento neste momento, o qual será retomado em toda a análise dos dados obtidos com a conseqüente discussão acerca dos resultados, é se, nesses exemplos de voz passiva e voz reflexiva, o sujeito também não seria o ponto de partida da afirmação enunciada. Em caso afirmativo, então restaria a dúvida de por que não poderiam ser considerados exemplos de voz ativa. Mais uma vez, os critérios de definição das vozes verbais parecem não abranger a totalidade dos exemplos..

Faraco e Moura (1999), na obra intitulada *Gramática*, voltada para o uso escolar, têm dois objetivos claros: a facilitação da explicação teórica para os alunos e a utilização de exemplos que não sejam somente retirados de textos literários.

Assim, o capítulo destinado à voz passiva traz uma importante reflexão sobre as diferenças entre passividade e voz passiva. Conforme os autores, é possível promover a discussão a partir de duas frases: “Os pais sempre aprendem com os filhos” e “O cantor recebeu muitos aplausos” (FARACO; MOURA, 1999, p. 354). Nessas orações, explicam eles, os sujeitos “pais” e “cantor”, embora sejam considerados agentes de uma voz ativa, não praticam ação alguma. Eles esclarecem que o

conceito de sujeito agente é puramente gramatical, pois nem sempre coincide com o elemento que pratica a ação. Muitas vezes o próprio significado do verbo elimina a ideia de ação, implicando a noção de passividade que se manifesta também na voz ativa. Exemplo: “O prefeito sofreu críticas severas”. Gramaticalmente, o sujeito **o prefeito** é agente, embora receba a ação expressa pelo verbo. Passividade é, portanto, a qualidade que um sujeito pode apresentar em relação ao processo expresso pelo verbo. (FARACO; MOURA, 1999, p. 354)

A partir disso, entendemos que os autores consideram que a passividade pode, em língua portuguesa, manifestar-se tanto na voz ativa quanto na voz passiva.

Segundo a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla, a definição de voz verbal também depende da estrutura do verbo, o que representa a utilização de um critério semântico aliado a uma categoria

gramatical. As vozes verbais são três: ativa, passiva e reflexiva, sendo que a voz passiva pode ser analítica ou sintética, dependendo se o verbo está, respectivamente, na forma de locução verbal ou ligado ao clítico “se”. Entretanto, Cegalla (2000) acrescenta, à semelhança de outros autores, que existem verbos que não são ativos, nem passivos, nem reflexivos. Ele destaca que alguns gramáticos (sem citar quais gramáticos são esses) chamam esses verbos de neutros. Ele exemplifica esse caso com as orações “O vinho é bom” e “Aqui chove muito” (CEGALLA, 2000, p. 222).

No capítulo destinado ao estudo do sujeito, Cegalla (2000), além de apresentar as definições de sujeito simples, composto, explícito, implícito e indeterminado, destaca as possibilidades de o sujeito ser agente, paciente ou agente e paciente, afirmando que o sujeito é agente “se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa” (CEGALLA, 2000, p. 325); é paciente “quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo” (CEGALLA, 2000, p. 325); é agente e paciente “quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação” (CEGALLA, 2000, p. 325). Percebemos, então, que Cegalla (2000) deixa bem clara a necessidade de dois conceitos básicos para termos a classificação do sujeito como agente, paciente ou agente e paciente: a) é necessário que se defina se o sujeito faz ou sofre/recebe a ação expressa pelo verbo; b) é necessário que o verbo seja ativo, passivo ou reflexivo.

Maria Helena de Moura Neves destaca que a sua *Gramática de Usos do Português*

constitui uma obra de referência que mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil. Para isso, ela parte dos próprios itens lexicais e gramaticais da língua e, explicitando o seu uso em textos reais, vai compondo a “gramática” desses itens, isto é, vai mostrando as regras que regem o seu funcionamento em todos os níveis, desde o sintagma até o texto. (...) O que está abrigado nas lições é, portanto, a língua viva, funcionando e, assim, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para a obtenção do sentido desejado em cada instância. (MOURA NEVES, 2000, p. 13).

Na obra, a autora faz uma abordagem que se distancia da dos demais autores, classificando os verbos dinâmicos de ações ou atividades (= o que alguém faz ou o que alguém provoca) e os verbos dinâmicos de processos (= o que acontece). Com isso, a autora diferencia os exemplos em que os verbos são efetivamente acompanhados de um participante agente ou causativo, em exemplos como “O

homem cumprimentou o dono do bar” (MOURA NEVES, 2000, p.26) dos verbos em que existe um nome que é paciente da (afetado pela) ação expressa pelo verbo, como em “O alferes não morreu, nem mesmo adoeceu” (MOURA NEVES, 2000, p.26).

No capítulo destinado aos verbos, apesar de fazer uma explicitação bastante extensa de diferentes tipos de verbos, organizados conforme sua funcionalidade no discurso, a autora não faz referência direta aos exemplos que serão discutidos neste trabalho.

Por sua vez, Antônio Suárez Abreu, ao categorizar o sujeito na *Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão*, faz a distinção entre sujeito prototípico e não prototípico. Segundo o autor, o sujeito “é o termo da oração com o qual o verbo concorda” (ABREU, 2003). Assim, o sujeito prototípico, na língua portuguesa é agente, humano e determinado, como em “As meninas chegaram tarde” (ABREU, 2003, p. 83); e o sujeito não prototípico, automaticamente, não é agente, não é humano e não é determinado, como em “Uma pedra rolou daquele morro” (ABREU, 2003, p. 84).

Luiz Antônio Sacconi afirma, em *Nossa Gramática Contemporânea*, que a voz verbal é a “maneira como se apresenta a ação expressa pelo verbo em relação ao sujeito” (SACCONI, 2006, p. 154). Diante disso, ele exemplifica as possibilidades de flexão de voz – ativa, passiva analítica, passiva sintética e reflexiva – com o verbo “pentear”, respectivamente como: “Penteei os cabelos”, “O cabelo foi penteado por mim”, “Penteou-se o cabelo” e “Penteei-me”.

Após a conceituação, o autor traz algumas observações sobre o estudo das vozes verbais, das quais duas nos são pertinentes: a) “Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar, etc.) não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente” (SACCONI, 2006, p. 154); b) “Em ‘Ele levou uma surra’ temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva” (SACCONI, 2006, p. 154). O autor destaca:

Sujeito é o ser ou aquilo a que se atribui a ideia contida no predicado. Podemos afirmar, sob outro aspecto, que sujeito é o termo representado por substantivo ou expressão substantiva, ao qual, no sintagma oracional, se atribui um predicado. (...) A definição comum sobre o sujeito ‘é o ser de que se declara alguma coisa’ é imperfeita, porque não leva em consideração as orações interrogativas, imperfeitas e optativas, além de existirem sujeitos que não são seres, mas estados, qualidades, fatos ou fenômenos. (SACCONI, 2006, p. 244).

Percebemos, assim, que Sacconi (2006) demonstra preocupação com certas definições referentes às vozes do verbo. No entanto, os conceitos não são aprofundados, na medida em que logo após essas observações, o autor destina as páginas de sua gramática para a conjugação dos tempos verbais simples e compostos nas vozes ativa e passiva.

Embora o capítulo desta tese seja referente à revisão da literatura, e não específico para nossa análise, destacamos uma reflexão importante: Os exemplos apresentados para a definição das vozes ativa, passiva analítica, passiva sintética e reflexiva, não seriam bons exemplos se, em vez do verbo “pentear”, fosse usado o verbo “cortar”. É indiscutível que os exemplos “O cabelo foi cortado por mim” e “Cortei-me” seriam exemplos, respectivamente, de voz passiva analítica e voz reflexiva. Entretanto, o exemplo “Cortei os cabelos” seria um caso em que o sujeito (Eu) poderia ser interpretado como um participante que efetivamente praticou a ação expressa pelo verbo, ou um caso em que o sujeito foi ao cabeleireiro para receber um novo corte.

Mario Perini, na *Gramática descritiva do português*, reserva um espaço para discutir a presença do papel de agente em representações semânticas. Assim, ele especifica que, em alguns casos, é atribuído o papel de agente a um sintagma explícito, presente formalmente na estrutura, mas que, em outros, o papel de agente não se vincula a nenhum constituinte formal da frase. Assim, na análise do autor, o exemplo “Meu livro foi rasgado” (PERINI, 2007, p. 272) possui um agente não especificado; já o exemplo “A vidraça quebrou” (PERINI, 2007, p. 272) não possui agente em sua representação semântica. De acordo com Perini (2007), o primeiro exemplo focaliza uma ação, enquanto o segundo determina simplesmente um acontecimento.

De acordo com o autor, existem alguns verbos que, por seu comportamento semântico, exigem a presença de um paciente, é o caso de “quebrar”, “rasgar”, “entortar”, “abrir” e “fechar”. Para esses verbos, sempre que houver um termo não animado relacionado a ele, será um termo com função de paciente, embora a estrutura do verbo seja de voz ativa. Entretanto, o autor destaca que

há também um bom número de verbos para os quais o mecanismo proposto não funciona. Isso é um problema, claro, mas só poderá ser resolvido através da realização de novas pesquisas, dirigidas à obtenção de uma visão cada vez mais abrangente do fenômeno da interpretação das funções sintáticas e à elaboração de uma análise suficientemente integrada do fenômeno. (PERINI, 2007, p.274).

Ainda, convém observar que, na *Gramática do português brasileiro*, Mario Perini destaca que o sujeito nem sempre é agente. Para o autor, em frases como “Eu engordei muito desde março” (PERINI, 2010, p. 68), o sujeito indica o paciente, isto é, a pessoa que sofreu o processo descrito pelo verbo. Ainda, ele relata a possibilidade de em “Paulinha tem dois carros” (PERINI, 2010, p. 68), o sujeito indicar o papel temático de Possuidor. Segundo Perini (2010), o sujeito pode exprimir uma variedade significativa de papéis temáticos.

Na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, encontramos uma referência pertinente para os nossos objetivos. Segundo o autor,

sabemos que não existe ação sem causa; se um pires, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de quebrar. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**. (ALMEIDA, 2009, p. 165).

A citação acima nos leva a questionar se, em exemplos como “o pires quebrou”, seria possível afirmar que “o pires” é o sujeito. Afinal, ele claramente não é o agente da ação verbal de “quebrar” e sim o paciente que sofre a quebra.

No capítulo referente ao estudo das vozes do verbo, Almeida (2009) apresenta as vozes ativa, passiva, reflexiva e ainda cita um caso de voz neutra. Ele explica que a voz ativa ocorre quando o sujeito é agente da ação verbal, que a voz passiva pode ocorrer sob as formas de locução verbal (analítica) ou com pronome apassivador (sintética), que a voz reflexiva ocorre com o pronome reflexivo e que a voz neutra corresponde aos casos em que se têm verbos de ligação, que expressam apenas estados (ou mudanças de estado) e não ações. Assim, não são encontradas referências que deem conta do exemplo “O pires quebrou”, no qual não há estrutura de voz passiva, mas o sujeito é claramente paciente.

Evanildo Bechara destaca, na *Moderna Gramática Portuguesa*, que não se deve confundir voz passiva e passividade, pois

voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação: “Ele foi visitado pelos amigos”. “Alugam-se bicicletas”. Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo: “Os criminosos recebem o merecido castigo”. Portanto nem sempre a passividade corresponde a voz passiva. (...) Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo osso duro de roer. Houve aqui,

se interpretarmos roer = de ser roído, apenas passividade, com verbo na voz ativa. (BECHARA, 2010, p. 109 – 110).

Apesar de deixar claro que verbos que estão na forma ativa também podem atribuir noção de passividade ao sujeito, Bechara (2010) limita o caso a um exemplo destinado aos verbos “receber”, claramente de sentido passivo, e “roer” em uma expressão comum em língua portuguesa, na qual o sentido de passividade é facilmente percebido.

Em *Lições de Português pela Análise Sintática*, Bechara traz mais exemplos da mesma discussão, embora aborde os mesmos verbos. Segundo o autor, o sujeito pode ser interpretado como agente ou paciente da ação verbal, tanto em orações na voz ativa, quanto em orações na voz passiva; do mesmo modo, a voz do verbo pode ser ativa ou passiva, independentemente de o sujeito ser agente ou paciente. Bechara (2009) ilustra essas possibilidades com os seguintes exemplos: “Maria visitou duas colegas” (voz ativa e sujeito agente), “Duas colegas foram visitadas por Maria” (voz passiva e sujeito paciente), “Os vadios sempre recebem o merecido castigo” (voz ativa, mas sujeito paciente). Nesse último caso, o autor afirma que houve *passividade*, mas não houve voz passiva, pois a estrutura do verbo não corresponde nem à forma passiva analítica, nem à forma passiva sintética.

Ataliba de Castilho escreve a *Nova Gramática do Português Brasileiro* com o compromisso de estudar a língua sem a “obsessão prescritiva própria dos gramáticos, que leva a falar de uma língua irreal como se ela existisse de fato” (CASTILHO, 2010, p. 26). Em vez disso, a obra preocupa-se em apresentar fatos concretos da língua, observados com rigor a partir da conversação falada, e não de textos escritos com exemplos muitas vezes inventados pelo próprio gramático.

Essa intenção aproxima o autor dos objetivos dos estudos da gramática sistêmico-funcional e, por isso, levou-nos a questionar a possibilidade de uma explicação para o objeto de estudo desta tese. Entretanto, a única referência encontrada está no capítulo destinado à distinção das vozes verbais (ativa, passiva e reflexiva). Segundo Castilho (2010), o professor deve ter muito cuidado ao definir a voz passiva como aquela em que o sujeito “sofre os efeitos da ação verbal”. Ao longo da obra, o autor cita exemplos bem-humorados de ocorrências curiosas de manifestação do português brasileiro. Ele conta que, em uma aula, solicitou a um aluno que desse um exemplo de voz passiva, e o aluno citou o exemplo “Eu cortei o dedo”. Depois disso,

reclamei que o verbo estava na voz ativa, mas o aluno replicou que o sofrimento tinha sido todo dele, e que gramática não é anestésico. Daquele dia em diante passei a desconfiar das explicações puramente semânticas. E aprendi que no domínio do sistema semântico, o falante mais cria sentidos do que apenas decodifica os sentidos veiculados pelas expressões linguísticas. (CASTILHO, 2010, p. 436-437).

Percebemos, assim, que Castilho (2010) aponta um problema que já fora também percebido por outros gramáticos.

Para Ernani Terra (2011), no *Curso Prático de Gramática*, é importante destacar que a flexão verbal de voz não é marcada por desinências. Assim, segundo o autor, o “critério para se estabelecer a voz do verbo é semântico. Dependendo da relação existente entre o verbo e o seu sujeito, o verbo pode estar na voz ativa, na voz passiva ou na voz reflexiva” (TERRA, 2011, p. 148).

Após essa explanação, concluímos que o autor utiliza, portanto, critérios semânticos para definir a voz do verbo, isto é, se o sujeito é agente e/ou paciente da ação verbal. Essa expectativa realmente se confirma na leitura dos conceitos e dos exemplos trazidos por Terra (2011), nos quais “O professor adiou a prova” é um exemplo de voz ativa, porque o professor pratica a ação de adiar, e “A prova foi adiada pelo professor” é um exemplo de voz passiva, já que a prova “recebe” a ação verbal. Concluindo o tópico destinado ao estudo das vozes verbais, o autor ainda afirma que o conceito de voz depende, necessariamente, da relação entre o verbo e o sujeito e, por isso, “só apresentam flexão de voz os verbos que tenham sujeito e exprimam ação. Se o verbo não tiver sujeito ou não exprimir ação, a flexão de voz fica fora de questão” (TERRA, 2011, p. 149).

Entretanto, uma pergunta seguida de uma resposta é destacada antes do início de um novo tópico. A pergunta feita é: “Só existe voz ativa quando o sujeito pratica a ação?”. Pela leitura dos conceitos trazidos até aqui, concluiríamos que a resposta seria “sim”, mas o autor responde que não, dizendo que o conceito

de voz ativa é **essencialmente gramatical** (grifo nosso). Em frases como “o animal recebeu um tiro” e “O menino levou uma surra”, temos voz ativa. Embora nessas frases os sujeitos sofram a ação, considera-se que elas estão na voz ativa porque as formas verbais (**recebeu** e **levou**) estão na voz ativa. (TERRA, 2011, p. 149).

Novamente, propomos algumas indagações: afinal, o critério para a definição da voz verbal é semântico, morfológico ou sintático? Dizer que o conceito é

essencialmente gramatical significa ignorar o critério semântico? Parece-nos mais um caso de diferentes interpretações teóricas na explanação dos conceitos e exemplos de vozes verbais nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa.

Joaquim Mattoso Câmara Jr escreve o *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*, que é uma tentativa de sistematizar os termos utilizados nos estudos da língua portuguesa. Assim, podemos ler no texto que preenche a contracapa do livro, que a obra serve como uma “enciclopédia linguística e gramatical da nossa língua (...), em que as coisas da língua são interpretadas e classificadas à luz das mais modernas conclusões de Linguística e da Filologia, em substituição a velhas e rotineiras afirmações.” (CÂMARA JR, 2011, contracapa).

Câmara Jr (2011) traz definições importantes para termos que serão constantemente utilizados em nossa análise. Destacamos, desde já, que os conceitos são norteados a partir da não coincidência entre voz passiva (entendida como forma passiva de um verbo) e passividade (entendida como a noção semântica de sentido passivo a um verbo).

Assim, pesquisamos neste dicionário alguns termos que nos são pertinentes para o nosso trabalho. Os vocábulos seguidos dos trechos que nos parecem pertinentes para o estudo do nosso objeto de pesquisa estão dispostos, a seguir, no Quadro 4.

Quadro 4 – Definições do Dicionário de Linguística e Gramática

(continua)

Vocábulo	Definição
<b>Agente</b>	O termo referente ao ser que pratica a ação, expressa ou implícita noutro termo que com ele forma sintagma. A frase verbal em português (...) se constrói no esquema de – agente + ação, que corresponde à análise – sujeito + verbo, na construção chamada de voz ativa, mas nem sempre nesse esquema o conceito de sujeito coincide com o de agente, como o de verbo nem sempre coincide com o de ação. (CÂMARA JR, 2011, p. 51)

<p><b>Sujeito</b></p>	<p>Termo da oração que (...) se articula com o predicado como determinante. É assim (...) o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração. (...) Quando se trata de um ser, não há coincidência necessária entre sujeito e agente, e na construção de voz passiva, o sujeito é necessariamente o paciente. (CÂMARA JR, 2011, p. 284-285)</p>
<p><b>Voz</b></p>	<p>Morfologicamente, voz designa a forma em que se apresenta o verbo para indicar a relação entre ele e seu sujeito. Em português, a apresentação fundamental, ou primária, da forma do verbo constitui o que se chama a voz ativa. A denominação decorre da circunstância de que aí o processo verbal é tratado como uma ação, ou atividade, de determinado ser sujeito, de quem, na representação linguística pelo menos, parte o processo; ex.: <i>o homem anda (...)</i> <i>o livro ensina</i>. Não há, pois, uma relação constante e indissolúvel entre os conceitos metafísicos de agente e ação e os conceitos gramaticais de sujeito e verbo da voz ativa, onde não raro há até, imanente, a) a inércia, ou b) a passividade do sujeito (ex.: a) <i>o menino dorme</i>, b) <i>o menino apanha uma surra</i>). (CÂMARA JR, 2011, p. 304)</p>
<p><b>Passiva</b></p>	<p>Em sentido estrito, a voz passiva é uma formulação dos verbos transitivos em que se inverte a formulação corrente dita voz ativa. (...) Em sentido lato, há duas construções passivas em português: a) passiva, propriamente dita, também chamada “analítica”, constituída pelo verbo auxiliar <i>ser</i>, em qualquer dos seus tempos verbais, e um particípio passado (...); b) médio-passiva, também chamada “sintética”, constituída do verbo na 3ª pessoa da forma ativa combinada com o pronome <i>se</i> na função de apassivador. (CÂMARA JR, 2011, p. 234)</p>

<b>Passividade</b>	Qualidade de paciente que um sujeito apresenta em relação ao processo verbal. Não raro, a passividade decorre da significação do semantema verbal e manifesta-se na própria voz ativa; exs.: <i>O meliante apanhou uma surra – Este menino aprende com um bom professor – O funcionário recebeu uma censura.</i> (...) Não há, portanto, coincidência absoluta entre passividade e construção passiva. (CÂMARA JR, 2011, p. 235)
--------------------	--

Fonte: (elaborado a partir de CÂMARA JR, 2011.)

José Carlos de Azeredo, autor da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, faz uma observação a respeito do fato de que os casos em que o sujeito não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, corroborando a visão de Abreu (2003) a respeito de o sujeito não prototípico ser não agente e não humano. O autor lista exemplos para ilustrar essa possibilidade: “A chuva alagou a cidade; (...) a corrente do relógio feriu meu pulso; o cofre guardava os documentos mais preciosos, o lixo entupiu o banheiro” (AZEREDO, 2013, p. 272-273).

O autor destaca verbos de ação que, mesmo apresentando sujeitos animados, não tem este termo como agente, mas sim experienciador do que foi expresso na frase, como em “Pedro quebrou o braço numa queda; (eu) arranquei um dente hoje; o cachorro feriu a orelha no arame farpado” (AZEREDO, 2013, p.273).

No subcapítulo referente às vozes do verbo e à inferência, no qual o autor pretende mostrar as sutis diferenças de sentido entre a voz ativa e a voz passiva, em relação ao ponto de vista do enunciado, Azeredo (2013) destaca a variação de efeito de sentido no seguinte par de frases: “O vento **esfriou** a comida / A comida **esfriou**” (AZEREDO, 2013, p. 276). Ele apresenta a seguinte explicação sobre o verbo nessas orações.

Pertence a uma classe de verbos – chamados ergativo ou inacusativos – que expressam tipicamente um processo de mudança de estado (...). Estes verbos empregam-se geralmente ora como transitivos (O vento esfriou a comida) ora como intransitivos (A comida esfriou). Esta variação produz uma relação de sentido análoga – embora não idêntica – à da oposição entre

construções ativa e passiva: o objeto direto, complemento da construção transitiva (Algo esfriou **a comida**), passa a sujeito da construção intransitiva (**A comida** esfriou), conservando, porém, a condição de paciente do processo expresso no verbo. (AZEREDO, 2013, p. 166)

Percebemos, então, que Azeredo (2013) aventura-se na tentativa de dar uma explicação para o caso já citado neste capítulo. Segundo o autor, existe uma classe de verbos que pertence a esse grupo, e ele ainda destaca que esses verbos geralmente são derivados de adjetivos (envelhecer, escurecer, alegrar, engrossar) ou de substantivos (enrugar, esfarelar, enlamear).

A preocupação de José Carlos de Azeredo com a identificação das diferentes predicções dos verbos, bem como a sua relação com os sujeitos, já aparecia antes na *Iniciação à Sintaxe do Português*, de 1999. O autor divide os verbos predicadores em grupos, de acordo com características combinatórias peculiares. Alguns desses grupos de verbos e suas características são apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 – Diferentes comportamentos verbais

<b>GRUPO 1</b>	<p><i>As folhas <u>caem</u> no outono.</i>  <i>Uma flor <u>nasceu</u> na rua.</i>  <i>O gato está <u>morrendo</u>.</i></p>	<p>Verbos que dispensam o sintagma preposicionado, de valor circunstancial.</p>
<b>GRUPO 2</b>	<p><i>Esse menino não <u>come</u> desde ontem.</i>  <i><u>Escrevi</u> durante a noite.</i>  <i>Nessa escuridão não consigo <u>enxergar</u>.</i></p>	<p>Verbos que dispensam o sintagma preposicional, mas admitem facultativamente um sintagma nominal (<i>Esse menino não <u>come</u> carne. <u>Escrevi</u> duas cartas. Não consigo <u>enxergar</u> o caminho).</i></p>
<b>GRUPO 3</b>	<p><i>Esse tecido <u>encolhe</u> após a lavagem.</i>  <i>A roupa <u>secou</u> rapidamente.</i>  <i>O sorvete vai <u>derreter</u>.</i></p>	<p>Verbos que se constroem com um sintagma nominal que tanto pode ser o seu sujeito (como nos exemplos) quanto seu objeto (A lavagem <u>encolheu</u> o tecido. Ela <u>seca</u> as roupas. O calor <u>derreteu</u> o sorvete).</p>

<b>GRUPO 4</b>	<p><i>Lúcia <u>visitava</u> seus amigos.</i>  <i>Ana <u>resumiu</u> a estória.</i>  <i>A polícia <u>interditou</u> a ponte.</i></p>	<p>Verbos que possuem um sintagma nominal como complemento obrigatório, diferentemente dos verbos do grupo 2.</p>
<b>GRUPO 5</b>	<p><i>Seu discurso me <u>empolgou</u>.</i>  <i>Esse esporte não me <u>interessa</u>.</i>  <i>O Congresso <u>decepcionou</u> o povo.</i></p>	<p>Verbos que admitem um reordenamento dos seus constituintes (<u>Empolguei-me</u> com seu discurso. Não me <u>interesso</u> por esse esporte. O povo <u>decepcionou-se</u> com o congresso).</p>

Fonte: (adaptado de AZEREDO, 1999, p.69)

É possível perceber, nos exemplos e conceitos trazidos pelo autor, que ele possui uma preocupação em destacar as possibilidades de construções com determinados verbos em língua portuguesa. Um dos nossos objetivos, nesta tese, será discutir, à luz da gramática sistêmico-funcional, essas possibilidades.

Celso Cunha e Lindley Cintra, na *Nova gramática do português contemporâneo*, parecem ignorar a problemática até aqui apresentada na sua explicação sobre o sujeito. Segundo os autores, "na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO." (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 146).

No entanto, os autores apontam um caso em que o sujeito não é nem agente, nem paciente, mas sede do processo verbal, ou seja, o lugar onde o processo se desenvolve, em exemplos como "Pedro é magro; Antônio permanece doente" (CUNHA; CINTRA, 2013, p.146). Incluem-se entre esses casos, os chamados verbos incoativos, que evocam uma mudança de estado, como "adoecer", ou "emagrecer".

Marcos Bagno faz uma apresentação do conceito de ergatividade, explicando o desaparecimento da voz média em língua portuguesa, com a supressão do clítico "se". Ele mostra que exemplos como "o espelho se quebrou / a porta se abriu / o eixo da roda se partiu" estão cedendo lugar a "o espelho quebrou / a porta abriu / o eixo da roda partiu" (BAGNO, 2014, p. 97). Com isso, segundo o autor, "os constituintes que

eram analisáveis como **pacientes** da ação descrita pelo verbo assumem o papel de **agentes**, que é o que caracteriza construções **ergativas**.” (BAGNO, 2014, p. 97).

A fim de ilustrar, o autor ainda cita mais alguns exemplos, como “eu opere a vesícula”; “você já reprovou na prova prática do DETRAN?” (BAGNO, 2014, p. 98). Percebemos, nesses exemplos, que o sujeito que deveria ter a função de agente, dada a forma do verbo, na verdade funciona como um paciente. Na frase “eu opere a vesícula”, o agente da operação não fui “eu”, mas sim algum médico; em “você reprovou na prova prática do DETRAN?”, o sujeito “você” na verdade é a pessoa quem sofreu a reprovação.

Diante disso, podemos perceber que, ao longo dos últimos cinco séculos, diferentes autores têm se preocupado com a definição de voz verbal e ao conceito de sujeito. A maioria deles limita-se a destacar o problema, sem, contudo, apresentar uma solução para tal.

Como nosso intuito é apresentar uma proposta de possível solução para o problema, apresentamos em 2.3 os conceitos que envolvem a perspectiva sistêmico-funcional de estudo da linguagem e que nortearam a nossa pesquisa.

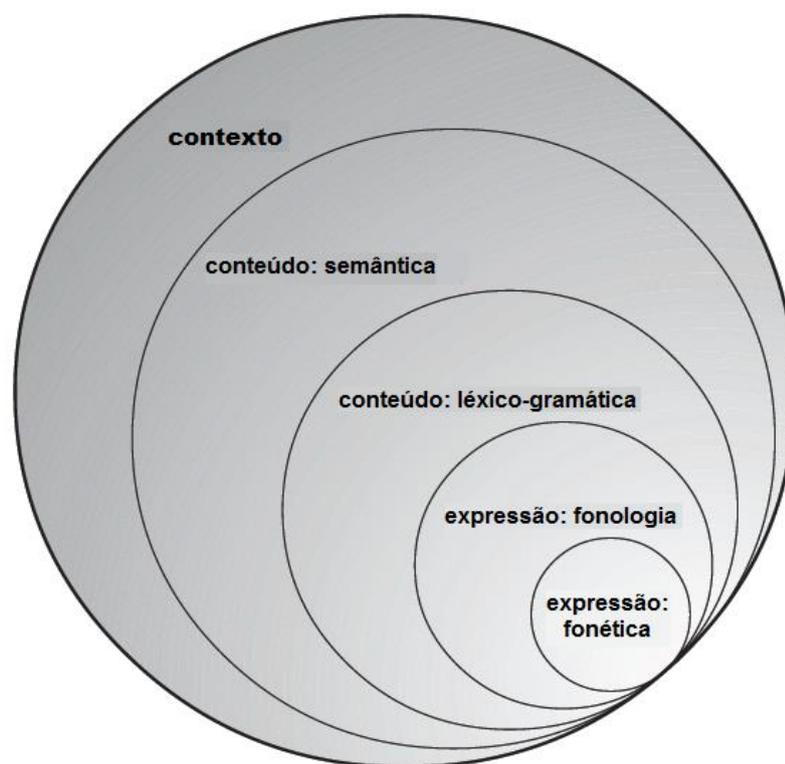
### 2.3 SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) entende a linguagem como um sistema, que, por este motivo, pode ser estratificada e categorizada. Para Halliday e Matthiessen (2004; 2014), “a linguagem é, em primeira instância, um recurso para produzir sentido; então o texto é um processo de construção de sentido em um contexto” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.3). Sob a perspectiva sistêmica, os autores declaram que uma das principais características dessa abordagem é a preocupação com a linguagem em sua totalidade, ou seja, “qualquer coisa dita sobre um determinado aspecto deve ser sempre entendido com referências ao quadro total” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.20).

Sendo assim, os estudos sistêmico-funcionais também abordam a linguagem de acordo com diferentes níveis ou estratificações: no plano da expressão, a linguagem apresenta as categorias da fonética e da fonologia (o sistema sonoro); no plano do conteúdo, estão a léxico-gramática e a semântica; no plano do contexto, encontram-se as três variáveis (campo, relações e modo), importantes nas escolhas do falante. A Figura 3 ilustra essa estratificação.

Nosso trabalho está centrado no plano do conteúdo, nas relações entre a manifestação léxico-gramatical e a manifestação semântica. Halliday e Matthiessen (2004; 2014) já destacam que essa divisão em estratos é meramente convencional para fins de estudos e que, portanto, padrões de construção de palavras ou frases refletem padrões de construção de sentidos.

Figura 3 – Estratificação



Fonte: (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.26).

Portanto, é essencial que partamos da noção de linguagem como sistema e da participação do contexto como um influente determinante para a apresentação da pesquisa realizada para esta tese. Além disso, podemos destacar o conceito que Martin, Matthiessen e Painter (2010) apresentam, respondendo à pergunta “O que é gramática funcional?”:

A gramática funcional é uma teoria de gramática. É um recurso para um envolvimento com a gramática de qualquer língua; é um meio de olhar para a gramática de uma língua em termos de como ela é utilizada. Ela interpreta a gramática de uma língua como um sistema – como um sistema que permite as pessoas interagirem uma com a outra e fazerem sentido da sua

experiência de mundo. Ela explora a gramática como sendo moldada, ao mesmo tempo em que desempenha um papel significativo nesse molde, pela maneira que levamos nossas vidas. (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p.1).

Notamos, a partir dessas informações, que as categorias que são aqui analisadas tratam da linguagem como sistema e da linguagem em uso. Uma observação pertinente para o nosso trabalho é o fato de que, segundo Martin, Matthiessen e Painter (2010), a gramática sistêmico-funcional pode ser aplicada a “qualquer língua existente”. Em virtude disso, tentamos, neste trabalho, transpor para a língua portuguesa categorias dadas prioritariamente para a língua inglesa.

Ainda sobre essa relação, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) fazem uma interessante comparação para explicar a diferença entre o sistema da língua e o texto. Segundo os autores, no nível da instanciação, é preciso entender o que é o sistema e o que é um texto. Esses dois conceitos estão interligados e podem ser comparados às noções de clima e tempo.

Clima e tempo não são dois fenômenos diferentes; em vez disso, eles são o mesmo fenômeno observado de diferentes pontos de vista do observador. O que nós chamamos de “clima” é o tempo visto com uma maior profundidade – é o que instanciamos na forma de tempo. O tempo é o texto, o que muda o tempo todo, impactando e, às vezes, perturbando nossa vida diária. O clima é o sistema, o potencial que realça esses efeitos variáveis. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27).

Assim, quando estudamos uma amostra de textos, é possível identificar padrões recorrentes em todos e descrevê-los a partir de tipos de textos. Essa identificação de padrões permite-nos configurar a existência de um sistema, saindo da ocorrência de uma instanciação em um único texto, para uma noção que percorre vários textos englobados em um mesmo tipo, isto é, em um mesmo sistema.

“A linguagem constrói a experiência humana” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 30) e, por isso, todos os recursos de que uma língua dispõe são mobilizados para atingir os propósitos de seus usuários. Sendo assim, os autores afirmam que a linguagem apresenta três metafunções, denominação esta consagrada a partir da gramática de 2004. Halliday e Matthiessen assim se manifestam:

Nós poderíamos tê-las chamado de “funções”; entretanto, existe uma longa tradição de falar sobre as funções da linguagem em contextos nos quais “função” simplesmente significa finalidades ou meios de usar a linguagem, e não tem significância para a análise da própria linguagem. Mas a análise

sistêmica mostra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem (...). O termo “metafunção” foi adotado para sugerir que a função era um componente integral dentro da teoria como um todo. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 31).

As metafunções da linguagem são, segundo os autores, três: ideacional, interpessoal e textual, conforme o propósito do usuário de, respectivamente, representar a experiência, estabelecer relações entre os interactantes de um evento comunicativo ou mesmo organizar a mensagem a ser falada ou escrita.

À metafunção de promover a experiência humana, os autores a chamam de metafunção ideacional, que entende a oração como uma representação e que se subdivide em dois componentes: o experiencial o lógico. O primeiro tem relação direta com o sistema de transitividade (processos, participantes e circunstâncias); o segundo está ligado ao complexo oracional, isto é, às possibilidades de relações lógico-semânticas entre orações em um texto.

Ao mesmo tempo, enquanto constrói a experiência, a linguagem também é responsável pela interatividade com as pessoas ao nosso redor. Essa função é chamada de metafunção interpessoal, que visualiza a oração como uma troca. Com ela, podemos, por meio de uma oração, informar, questionar, ordenar ou oferecer e, ainda, mostrar uma avaliação daquilo sobre o que estamos falando. Na análise da interpessoalidade, o discurso é organizado pelas noções de Sujeito e Modo, as quais, neste trabalho, não serão parte da nossa análise.

A gramática ainda mostra um terceiro componente, chamado de metafunção textual, que se relaciona à construção do texto e percebe a oração como uma mensagem. Ela se responsabiliza por “construir sequências de discurso, organizar o fluxo discursivo, criar coesão e continuidade” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 31). Nessa metafunção, organiza-se o discurso pelas noções de Tema e Rema, que, para este trabalho, não serão consideradas, já que o trabalho foca a oração como uma representação (metafunção ideacional).

Tendo em vista tais metafunções, Martin, Matthiessen e Painter (2010) entendem que estudar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional é focar a análise sobre a oração em vez de sobre a sentença. Para fazer isso, eles afirmam que existem três maneiras. Ao explicar que as três maneiras são “ideacional, interpessoal e textual”, percebemos que é feita uma clara referência às metafunções. Portanto, concluímos que as metafunções representam, em um primeiro momento, as

maneiras com as quais se pode observar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional.

As três metafunções hallidayanas para o estudo da linguagem são apresentadas na Figura 4, que as sintetiza.

Tendo em vista o objetivo do nosso trabalho, destacaremos agora o componente experiencial da metafunção ideacional, isto é, o sistema de transitividade, com todas as suas possibilidades de processos, participantes e circunstâncias dentro do sistema de construções possíveis das línguas. Após, o foco da discussão ficará sob os processos materiais e os participantes que podem se relacionar a esses processos.

Figura 4 – As metafunções



Fonte: (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004;2014)

O sistema que a GSF propõe para analisar a metafunção ideacional é o sistema de transitividade. Esse sistema é composto por seis tipos de processos categorizados, e cada um desses processos envolve diferentes tipos de participantes, de acordo com cada processo, e pode envolver diferentes tipos de circunstâncias, independente do tipo de processo. Assim, “cada tipo de processo constitui um modelo ou esquema

distinto para construir um domínio particular da experiência como uma figura de um tipo particular” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 213). Portanto, os tipos de processos são modelos de orações que podem ser construídas dentro do sistema de uma língua, e, dependendo do processo que ocorre, diferentes tipos de participantes podem configurar a oração.

Martin, Matthiessen e Painter (2010) apresentam uma explicação abrangente e comparativa com a gramática tradicional sobre a metafunção ideacional, ao afirmarem que

isso envolve olhar para os processos em um texto – processos nomeando eventos tomando lugar (“ir”, “cozinhar”, “pensar”, “dormir” e assim por diante) ou relações entre coisas (“ser”, “parecer”, “ter” e assim por diante). Então você divide o texto em processos e qualquer coisa que “vá com” eles (quem fez o quê com quem, onde, quando, como, por quê, etc). Se você tem alguma ideia do que é um verbo, você pode pensar em procurar por processos como se procura por verbos. Alguns de vocês talvez se lembrem da noção da gramática tradicional escolar de que verbos são palavras de “ação”. Isso pode ser útil, contanto que você mantenha em mente que muitos verbos (como “ser” e “ter”) referem-se a relações, não ações. (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p.5)

Sendo assim, entendemos a metafunção ideacional como a responsável pela identificação dos processos na gramática sistêmico-funcional (GSF). O sistema que a GSF propõe para analisar a metafunção ideacional é o sistema de transitividade. Esse sistema é composto por seis tipos de processos categorizados: materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais. A seguir, fazemos um breve resumo de cada um deles, segundo os conceitos de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

### 2.3.1 Processos principais

Os seis processos que compõem o sistema de transitividade são divididos, três a três, em dois grupos: os processos principais e os processos de fronteira. Primeiramente, estudaremos os três processos principais: materiais, mentais e relacionais.

Processos materiais são aqueles em que o verbo denota uma construção ou um acontecimento. Assim, existe sempre a presença de um Ator, responsável por essa ação. Os processos materiais podem ser **criativos** – quando o Ator promove a existência de outro participante – ou **transformativos** – quando o Ator modifica algum

aspecto de outro participante que já existe. Ainda, a ação praticada pelo Ator pode, ou não, estender-se a uma Meta, sendo o processo **transitivo**; se não houver a extensão a uma Meta, o processo é **intransitivo**. A Figura 5 resume os subtipos de processos materiais.

Figura 5 – Subtipos de processos materiais



Fonte: (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004;2014)

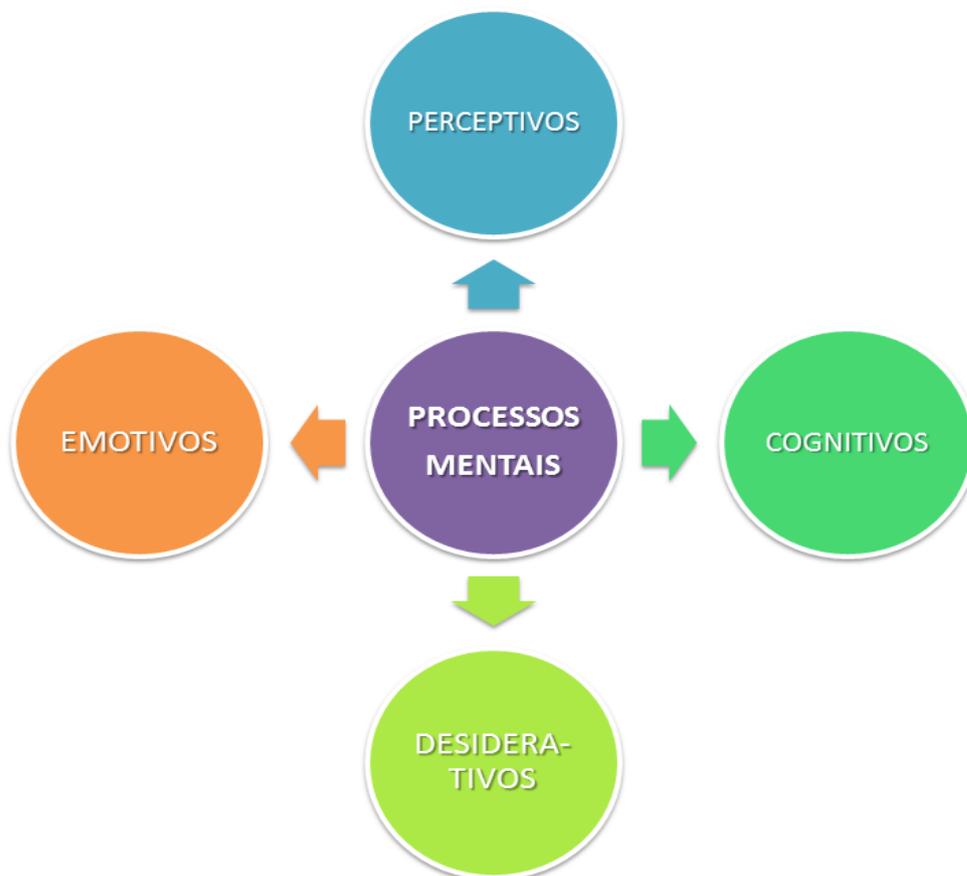
A imagem pode ser lida horizontalmente, de modo que convém observar que não são quatro categorias distintas, mas sim oposições: todos os processos materiais ou são intransitivos, ou são transitivos; e também todos os processos materiais ou são criativos, ou são transformativos. Ainda, outros participantes podem compor orações com processos materiais: Escopo, Beneficiário e Cliente. Como os processos materiais são a categoria principal para o nosso objeto de estudo, dedicaremos uma seção exclusiva a todos os participantes de processos materiais na sequência desta revisão.

Enquanto os processos materiais estão direcionados para os acontecimentos do mundo exterior, os processos mentais referem-se às experiências do mundo da

nossa própria consciência. Os processos mentais podem ser de percepção (**perceptivos**), de pensamento (**cognitivos**), de desejo (**desiderativos**) e de sentimento (**emotivos**).

Os processos mentais são acompanhados, geralmente, por dois participantes: o Experienciador e o Fenômeno. Então, um Experienciador é capaz de perceber, pensar, desejar ou sentir um determinado Fenômeno. A Figura 6 destaca os subtipos de processos mentais.

Figura 6 – Subtipos de processos mentais



Fonte: (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004;2014)

Destaca-se, em comparação com os processos materiais que, enquanto é imprescindível que o Experienciador (participante obrigatório) seja humano ou dotado de consciência, não é necessário que o Ator tenha essa característica. É pertinente relatar que, nos processos materiais, todos os participantes são coisas; já, nos processos mentais, o Fenômeno pode ser uma coisa, um ato ou um fato.

Processos relacionais, segundo Halliday e Matthiessen (2004; 2014) são os responsáveis por caracterizar (atributivos) ou identificar (identificativos) participantes em uma oração. Assim, todo processo relacional se conecta, necessariamente, a dois participantes (ao contrário do que ocorre com os processos materiais e mentais, que tem apenas um participante inerente, o Ator e o Experienciador, respectivamente).

Quando os processos relacionais são **atributivos**, os participantes obrigatórios chamam-se Portador e Atributo. Os próprios nomes já identificam qual participante representa a característica atribuída (Atributo) e o participante que possui a característica (Portador). Quando são **identificativos**, os participantes são nomeados Identificado e Identificador, sendo, naturalmente, o primeiro o participante que recebe uma identificação e o segundo, o que identifica. Além disso, ainda podem-se subdividir os processos relacionais em **intensivos** (um participante é alguma coisa), **possessivos** (um participante tem alguma coisa) ou **circunstanciais** (um participante está em algum lugar). A Figura 7 ilustra as possibilidades de configuração dos processos mentais.

Figura 7 – Subtipos de processos relacionais



### 2.3.2 Processos de fronteira

Além dos três principais processos já apresentados, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) apontam outros três processos que se situam na fronteira entre eles. Por esse motivo, esses processos apresentaram alguma característica em comum com dois dos processos principais.

Os processos comportamentais são processos que se situam entre os processos materiais e os processos mentais. Esses processos descrevem ações típicas do comportamento humano, como respirar, dormir e sorrir. Então, em orações com processos comportamentais temos sempre um Comportante que se aproxima do Experienciador (participante dos processos mentais) por representar um participante consciente, mas também se aproxima dos processos materiais por representar algo que o Comportante está fazendo. Por representar comportamentos de um participante, o processo comportamental é sempre intransitivo, característica que auxilia a diferenciá-lo, principalmente dos processos mentais.

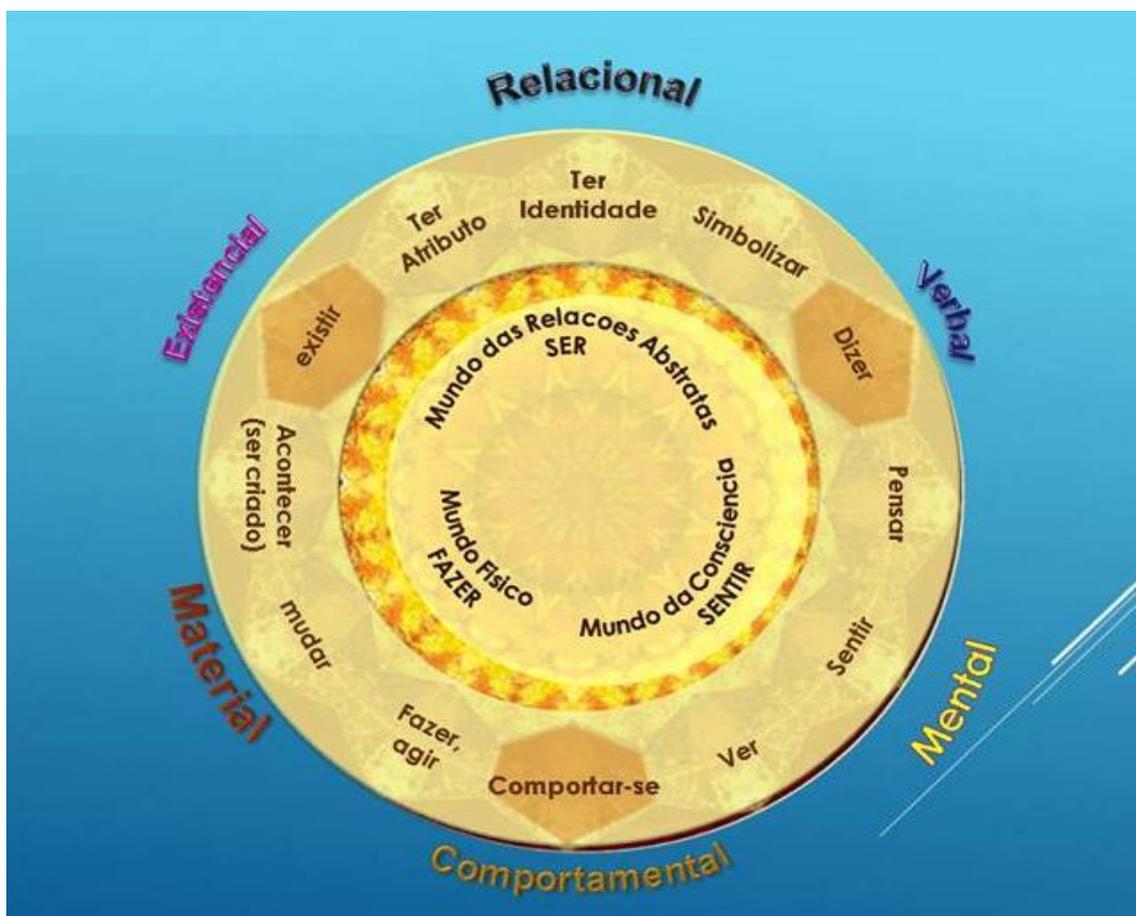
Hallyday e Matthiessen (2014) situam os processos verbais entre os processos mentais e os processos relacionais, pois são processos de “dizer”. Quando alguém diz alguma coisa, estabelece uma relação mental interna (pensar no que será dito) e uma relação atributiva externa (aquilo que é dito pertence a quem disse). Desse modo, os processos verbais apresentam um Dizente (quem diz) e uma Verbiagem (o que é dito). Em alguns casos, é possível que haja um Recebedor (aquele a quem a mensagem se dirige).

Os processos existenciais estão situados entre os processos materiais e os processos relacionais. Como o nome já denota, esses processos representam que algo existe (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A pesquisa de Lima (2012) demonstra que os processos existenciais também podem denotar, em diferentes contextos, algo que acontece, desde que o participante obrigatório não carregasse nenhum traço de agentividade. Por poder representar também algo que acontece, as orações com processos existenciais se aproximam das com processos materiais que denotam acontecimento e, por apresentar a existência de um participante (o Existente), aproxima-se dos processos relacionais, principalmente o do tipo circunstancial.

Os seis tipos de processos apresentados (principais e de fronteira) são ilustrados na Figura 8, a Mandala da Gramática da Experiência (SILVA, 2011), na qual

se destacam as proximidades de sentido entre determinados processos e demonstra exatamente por que alguns são denominados como fronteirios.

Figura 8 – Mandala da Gramática Sistêmico-Funcional



Fonte: (SILVA, 2011)

A Figura 8 ilustra os diferentes tipos de processos com os principais verbos que desempenham esses processos. Na imagem, percebemos as relações entre os processos apresentados aqui como principais e de fronteira. Os processos verbais fazem fronteira entre os processos relacionais e mentais; os processos comportamentais fazem fronteira com os processos mentais e materiais; os processos existenciais, com os materiais e relacionais. Além disso, destacamos que alguns verbos também se situam em uma região de fronteira entre outros, sendo nesses casos difícil identificar o processo que ocorre em orações que contenham esses verbos. Para conseguir tal identificação, torna-se essencial conhecer a noção de contexto.

### 2.3.3 Cotexto e identificação dos processos

A identificação dos processos é uma atividade mais complexa que simplesmente memorizar quais pertencem ao grupo dos materiais, dos mentais ou dos relacionais. A análise pressupõe o entendimento do cotexto, que, segundo Fuzer e Cabral (2014), configura-se como “o ambiente que envolve o elemento linguístico na oração.” (FUZER; CABRAL, 2014, p.44).

Então, é fundamental observar que, para identificar o processo como sendo de um tipo ou de outro, faz-se necessário analisar toda a oração. Para exemplificar, as autoras demonstram duas possibilidades de funcionamento para o verbo “tocar”, transcritos abaixo.

Meu amigo	toca	violão.
<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Escopo</b>

(FUZER; CABRAL, 2014)

A música	me	toca	profundamente.
<b>Fenômeno</b>	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Circunstância</b>

(FUZER; CABRAL, 2014)

No primeiro exemplo, segundo as autoras, o participante “Meu amigo” é agente da ação “tocar” (ou seja, é o Ator). O processo é material por ser uma ação física, que constrói uma figura<sup>8</sup> de *fazer* em relação ao outro participante “violão” (que, no caso, é o Escopo). No segundo, é o participante “me” que experiencia o processo mental “tocar” (e, por isso, é o Experienciador), que se relaciona ao Fenômeno “A música” representa um estado de consciência, uma figura de *sentir*. Destacamos, então, que os verbos não são materiais, mentais ou relacionais, mas sim os processos que lhes correspondem em um determinado contexto. Tal funcionamento depende da análise do cotexto.

<sup>8</sup>A noção de figuras materiais será explicitada no item 2.3.6.

Após a apresentação dos processos que compõem o sistema de transitividade da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional, aprofundamos o estudo dos participantes que podem compor orações com processos materiais, um dos objetos de investigação deste trabalho.

### 2.3.4 Participantes dos processos materiais

Conforme Halliday e Matthiessen (2004; 2014), existem cinco diferentes participantes que podem estar presentes em orações com verbos que desempenham o papel de processos materiais: Ator, Meta, Escopo, Beneficiário e Cliente. Vimos que os processos materiais podem ser transitivos ou intransitivos, e, ainda, criativos ou transformativos. A ocorrência de alguns desses cinco participantes dependerá, entre outros fatores, também dessas possibilidades.

O Ator é o participante obrigatório dos processos materiais. Ele figura em processos materiais, tanto intransitivos quanto transitivos, tanto criativos quanto transformativos. Assim, segundo os autores, “esse participante traz à tona o desdobramento do processo através do tempo, conduzindo-o a um resultado diferente da fase inicial desse desdobramento” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 225), ou seja, o Ator é o participante responsável pelo desencadeamento da ação desempenhada pelo processo material.

A partir disso, percebemos que o papel do Ator configura-se de acordo com cada tipo de processo material. Em processos materiais intransitivos, o processo material representa um acontecimento, e o único participante presente na oração será o próprio Ator; já em processos materiais transitivos, o desdobramento do processo se estende a uma Meta, sobre a qual o Ator desempenha um impacto de duas diferentes maneiras: criando a Meta (processos materiais criativos) ou transformando a Meta de alguma maneira (processos materiais transformativos). Nesse caso, o resultado obtido pelo processo material incide sobre a Meta, e não sobre o Ator.

Eu	escrevo	a carta.
<b>Ator</b>	<b>Processo material</b>	<b>Meta</b>

(BECHARA, 2010)<sup>9</sup>

<sup>9</sup>A fonte representa a obra de onde o exemplo foi retirado, mas a análise foi realizada por nós.

No exemplo, observamos que o Ator é o agente responsável pelo processo de escritura da carta. Assim, ele atua sobre o processo, criando a existência da carta a partir desse momento. Por sua vez, a carta, que representa a entidade que é criada pelo processo, configura-se como Meta.

Aureliano	comprou	óculos novos.
<b>Ator</b>	<b>Processo material</b>	<b>Meta</b>

(TERRA, 2011)<sup>10</sup>

Nesse exemplo, o termo “Aureliano” desempenha o papel de Ator do processo material “comprou”. Diferentemente do exemplo anterior, o participante que funciona como Meta (óculos novos) sofre uma transformação (ele não pertencia a Aureliano e agora pertence).

Halliday e Matthiessen (2004; 2014) destacam, ainda, que pode haver confusão entre os participantes Ator e Meta em exemplos cujos processos materiais estejam envolvidos em orações com processos materiais concretos ou abstratos. Assim,

com um processo concreto, é mais claro entender qual papel um dado participante está desempenhando: existe uma distinção explícita entre “o menino chutou”, onde o *menino* é Ator, e “o menino foi chutado”, onde o *menino* é Meta. Mesmo com processos concretos, entretanto, nós temos que reconhecer que existem alguns exemplos onde o Ator é involuntário, e, então, tem aspectos parecidos com a Meta; por exemplo “o turista desabou”. Apesar de o verbo ser ativo, isso é mais um acontecimento do que uma ação: a prova não é “o que o turista fez?”, mas sim “o que aconteceu com o turista?”. Com processos mais abstratos, nós frequentemente encontramos formas “operativas” e “receptivas” lado a lado, com pequenas diferenças entre elas: por exemplo (transformativo) “a escola das garotas e dos garotos combinaram/foram combinadas”; (criativo) “uma nova abordagem está evoluindo/está sendo evoluída”. Existe ainda alguma diferença: se a forma “receptiva” é usada, nós poderemos fornecer um Ator explícito – nós perguntamos “por quem?”, enquanto com a forma “operativa” nós não podemos. E isso é o que justifica nós ainda darmos um status funcional diferente ao participante nesses dois casos. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 244).

<sup>10</sup>A fonte representa a obra de onde o exemplo foi retirado, mas a análise foi realizada por nós, conforme os pressupostos de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

Com essa citação, percebemos que as distinções entre Ator e Meta dependem diretamente da estrutura do verbo, se ela é uma estrutura ativa (operativa) ou passiva (receptiva). Além disso, os exemplos que destacam as diferenças entre esses participantes podem ser muito mais complexos e semelhantes do que normalmente parecem.

O Escopo é um participante que não é afetado de maneira alguma pelo desempenho do processo. Existem dois tipos de Escopo. O primeiro tipo, chamado de Escopo Entidade, é o participante que representa uma entidade que existe independentemente do processo, ou seja, que não é criada nem transformada pelo processo. O segundo, chamado de Escopo Processo, é o participante que não representa nenhuma entidade, mas sim outro nome para o processo. Desse modo, o Escopo difere da Meta, principalmente, por ser um participante que não é criado nem transformado pelo Ator, assim como a Meta o é.

Odete	deu	um soco.
<b>Ator</b>	<b>Processo material</b>	<b>Escopo</b>

(MOURA NEVES, 2000)<sup>11</sup>

Observamos, no exemplo, que o participante “Odete” desempenha o processo material “dar”, o qual, na verdade, só pode ser entendido em sua totalidade se for analisado juntamente com o Escopo desse processo “um soco”. Assim, temos que a ação praticada por “Odete” é “dar um soco”. Isso configura “um soco” como Escopo Processo, isto é, uma extensão do próprio processo e não um participante que é afetado por ele.

Os participantes nomeados como Beneficiário e Cliente apresentam algumas características em comum, como o fato de serem representados por um grupo nominal que denota um ser humano e serem participantes afetados pelo processo tal qual a Meta (e diferentemente do que ocorre com o Escopo), mas que se beneficiam da ação.

Diante disso, é necessário destacar as diferenças entre ambos. O Beneficiário representa o participante para o qual os bens são dados. Nesse caso, os bens são

---

<sup>11</sup>A fonte representa a obra de onde o exemplo foi retirado, mas a análise foi realizada por nós, conforme os pressupostos de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

representados pela Meta. O Cliente representa o participante para o qual serviços são feitos. Da mesma forma, os serviços são representados pela Meta.

(Eu)	Entreguei	o serrote	ao marceneiro.
<b>Ator</b>	<b>Processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Beneficiário</b>

(AZEREDO, 2013)<sup>12</sup>

Nesse exemplo, observamos que o Ator está implícito na desinência do verbo (por isso, marcado entre parênteses no primeiro quadro do exemplo). Esse participante desempenha o papel do processo “entreguei”, que tem como Meta “o serrote”. O participante “ao marceneiro” é o Beneficiário porque representa a pessoa que recebeu o serrote.

(Eu)	Ensino	ao aluno	a gramática.
<b>Ator</b>	<b>Processo material</b>	<b>Cliente</b>	<b>Meta</b>

(ALMEIDA, 2009)<sup>13</sup>

À semelhança do exemplo anterior, o Ator também está implícito no verbo e é representado pelo participante “Eu”. O termo “a gramática” funciona como Meta porque representa aquilo que é ensinado, e o termo “ao aluno” é o Cliente, representando o ser a quem se presta o serviço de ensinar a gramática. Por esse motivo, consideramos “ensino” como processo material, pois está inclusa a noção de “ação de ensinar”, e não o processo mental que lhe seria inerente.

Após a apresentação dos participantes, ilustrada por exemplos, o Quadro 6 apresenta um resumo de todos os participantes de processos materiais aqui descritos.

<sup>12</sup>A fonte representa a obra de onde o exemplo foi retirado, mas a análise foi realizada por nós, conforme os pressupostos de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

<sup>13</sup>A fonte representa a obra de onde o exemplo foi retirado, mas a análise foi realizada por nós, conforme os pressupostos de Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

Quadro 6 – Possíveis participantes dos processos materiais

<b>Participante</b>	<b>Características</b>	<b>Presente em qual tipo de processos materiais?</b>
<b>Ator</b>	Desencadeia o processo.	<i>intransitivos e transitivos</i> ( <u>criativos</u> e <u>transformativos</u> )
<b>Meta</b>	É afetado pelo processo desempenhado pelo Ator.	Apenas <i>transitivos</i> ( <u>criativos</u> e <u>transformativos</u> )
<b>Escopo</b>	Não é afetado pelo processo desempenhado pelo Ator.	Apenas <i>intransitivos</i>
<b>Beneficiário</b>	Beneficia-se de um bem oferecido pelo Ator.	Apenas <i>transitivos</i> ( <u>transformativos</u> )
<b>Cliente</b>	Beneficia-se de um serviço oferecido pelo Ator.	<i>intransitivos</i> (se possuírem Escopo) e <i>transitivos</i> (principalmente, <u>criativos</u> )

Fonte: (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014)

Halliday e Matthiessen (2004; 2014) ainda acrescentam a possibilidade de um Atributo (participante característico de processos relacionais) figurar em orações com verbos que desempenham um processo material. No entanto, não destacaremos essa possibilidade em nosso trabalho pois, apesar de o Atributo ser um participante importante na configuração de processos relacionais, a sua relação com os processos materiais não é pertinente aos objetivos desta pesquisa.

### 2.3.5 Relação entre os participantes obrigatórios de cada processo

A gramática sistêmico-funcional (GSF) define, no sistema de transitividade, que cada um dos seis tipos de processos já descritos deve possuir ao menos um participante relacionado ao verbo, participante que é chamado de obrigatório. Assim, nosso objetivo nesta seção é apresentar as características de cada um desses participantes obrigatórios, em comparação com o Ator, já descrito na seção 2.2 anteriormente.

O Experienciador é o participante obrigatório dos processos mentais. Ele é o participante que sente, pensa, deseja ou percebe um determinado Fenômeno. Sendo assim, parece-nos natural afirmar que não é possível ocorrer um processo mental sem que um Experienciador esteja a ele relacionado. Martin, Matthiessen e Painter (2010) destacam que até existe a pequena possibilidade de o Experienciador ser um participante não humano, mas, nesse caso, o participante “tem que ser construído metaforicamente como ‘personificado’” (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p.103).

Os processos relacionais representam um caso à parte porque, nesse tipo de processo, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) apontam sempre dois participantes obrigatórios, de acordo com o tipo de processo. Assim, Portador e Atributo são participantes obrigatórios de processos relacionais atributivos; Identificado e Identificador são participantes obrigatórios de processos relacionais identificativos. Então, seria impossível conceber uma oração com processo relacional e apenas um participante. Dessa forma, destacaremos apenas as características do Portador e do Identificado, que devem ser representados por grupos nominais, semelhantemente ao que ocorre com os participantes obrigatórios dos demais processos. O Portador é o participante de quem se destaca alguma característica atribuída a ele (algum Atributo), e o Identificado é o participante que recebe alguma característica que o destaca dentro de um determinado grupo, isto é, alguma característica que o identifique (Identificador).

O Comportante corresponde ao participante inerente a processos comportamentais. Uma característica pertinente desse tipo de processo é que ele se define, em geral, pela presença apenas desse participante somado a esse processo,

sem a presença de outros participantes, nem de Circunstâncias. Assim, o Comportante corresponde ao participante humano que tem um comportamento destacado no processo.

Com processos verbais, chamamos o participante obrigatório de Dizente. Esse é o participante que pode desempenhar o processo de “falar, contar, informar, perguntar, ordenar, oferecer, ameaçar, sugerir, e assim por diante” (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p. 106). Segundo os autores, esse participante é geralmente humano, mas também pode ser um participante não humano que possa falar como humanos ou então alguma outra fonte simbólica, como “um papel” ou “um formulário”.

Os processos existenciais sempre possuem um único participante: o Existente. Portanto, esse participante, obrigatório em orações com esse tipo de processo, é trazido à existência através do processo. Por esse motivo, representa muito mais um paciente do processo do que um agente, já que não possui nenhum traço de agentividade sobre o processo.

Os destaques feitos aqui a cada um dos participantes inerentes a cada um dos seis tipos de processos descritos no sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional estão resumidos no Quadro 7.

Quadro 7 – Tipos de processos do sistema de transitividade

(continua)

Tipo de processo	Participante obrigatório	Principais Características
<b>Material</b>	<i>Ator</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desencadeia o processo;</li> <li>- É agente do processo;</li> <li>- Pode ser um participante humano ou não humano;</li> <li>- Pode ser representado por termo concreto ou abstrato.</li> </ul>
<b>Mental</b>	<i>Experienciador</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sente, pensa, deseja ou percebe através do processo;</li> <li>- É um participante humano ou com características humanas.</li> </ul>

<b>Relacional</b>	<i>Portador / Identificado</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recebem alguma característica ligada a ele pelo processo;</li> <li>- O Portador recebe um Atributo que o caracteriza;</li> <li>- O Identificado recebe um Identificador que o diferencia dos demais.</li> </ul>
<b>Comportamental</b>	<i>Comportante</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem um comportamento seu destacado pelo processo;</li> <li>- É um participante humano ou com características humanas;</li> <li>- Geralmente, é o único participante ligado ao processo.</li> </ul>
<b>Verbal</b>	<i>Dizente</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fala, conta, informa, pergunta, ordena, oferece, ameaça, sugere, entre outros;</li> <li>- É um participante humano ou com características humanas.</li> </ul>
<b>Existencial</b>	<i>Existente</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É trazido à existência pelo processo.</li> <li>- É sempre o único participante ligado ao processo.</li> </ul>

Fonte: (adaptado de MARTIN, MATTHIESSEN; PAINTER, 2010)

Ainda, Martin, Matthiessen e Painter (2010) afirmam que, em algumas orações, podem existir termos que desempenham o papel de um agente adicional, que difere de todos os participantes descritos na seção 4.1. Segundo os autores, esse participante sempre têm um papel agentivo ou causativo. Os exemplos dados por eles são apresentados no Quadro 8, traduzido por nós.

Quadro 8 – Agentes adicionais de processos

<b>Agente adicional</b>				
<b>Você</b> (Iniciador)	<b>irá ajudar</b> (processo...)	<b>-nos</b> (Ator)	<b>a monitorar</b> ... material)	<b>isso.</b> (Meta)
<b>Esses programas</b> (Indutor)	<b>permitem a</b> (processo...)	<b>os pais</b> (Experienciador)	<b>entenderem</b> ... mental)	<b>suas responsabilidades.</b> (Fenômeno)
<b>Sua experiência</b> (Designador)	<b>faz com que</b> (processo...)	<b>ele</b> (Identificado)	<b>seja</b> ...relacional identificativo)	<b>o melhor juiz.</b> (Identificador)
<b>A nova escola</b> (Atribuidor)	<b>fez</b> (processo...)	<b>ele</b> (Portador)	<b>ser</b> ...relacional atributivo)	<b>mais rebelde.</b> (Atributo)

Fonte: (adaptado de MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p. 109)

Percebemos, a partir do Quadro 8, que esse tipo de agente adicional só ocorre em orações complexas, objeto de estudo do componente lógico da metafunção ideacional, assunto que não será abordado em nosso trabalho. Ainda, percebemos que essa definição de papel adicional de agente tem relação estreita com a ergatividade, conceito que apresentaremos no item 2.5.

### 2.3.6 Caracterização das figuras materiais

Halliday e Matthiessen (1999) apresentam uma noção de divisão do estudo das orações em figuras. Assim, os seis processos que compõem o sistema de transitividade são analisados sob um ponto de vista mais semântico do que sintático,

distribuindo-se de acordo com as noções de quatro figuras: de fazer (incluindo de acontecer), de sentir, de dizer e de ser (incluindo de ter).

Segundo os autores, “existem dois aspectos entrelaçados na configuração de uma figura: o domínio da experiência à qual a figura pertence, e a natureza da interação entre os participantes” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 128).

Quanto ao domínio da experiência, destacamos que as figuras de fazer e de acontecer (as que são diretamente pertinentes para o objetivo deste trabalho) apresentam dois parâmetros de realização que devem ser sempre avaliados: o tempo e a energia.

O tempo é determinante porque fazer envolve provocar uma mudança ao longo do tempo. Assim a mudança que ocorre na figura de fazer depende de fatores de diferentes dimensões: circunstanciais (movimento ou disposição, concreto ou abstrato), qualitativas (cor, tamanho, formato), possessivas (transferência de dono, perda ou acréscimo de partes) ou existenciais (criação ou destruição). A mudança de qualquer uma dessas dimensões só pode ser avaliada levando em consideração o tempo.

A energia significa que toda ação de fazer demanda um gatilho que o promova, o qual virá tipicamente de algum dos participantes envolvidos (em movimentos voluntários), mas que pode também estar fora da figura (como em “cair”). Destacamos aqui que o conceito de energia como gatilho que promove uma ação e a possibilidade de esse gatilho estar fora do domínio da oração – mas ainda dentro do domínio da experiência – serão essenciais para atingir os objetivos desta pesquisa.

Halliday e Matthiessen (1999) descrevem diferentes tipos de ações de fazer e de acontecer. Os autores justificam a necessidade de descrever esses diferentes tipos principalmente pelo fato de que, ao longo da história do estudo da linguagem,

em toda a grande tradição, gramáticos e filósofos centraram-se principalmente nas figuras de fazer. Certos subtipos foram bastante explorados: geralmente aqueles que têm algum aspecto estrutural especial, como figuras envolvendo transferência de posse (“dar”), onde existe um participante adicional (Beneficiário, reconhecido na gramática tradicional como objeto indireto ou dativo). E figuras de fazer na sua forma mais simples (John correu. Mary atirou a bola) permaneceram por mais de dois milênios como a fundação da teoria da transitividade. Porém, tem havido pouca atenção ao tratamento sistemático do total alcance das orações materiais com seus recursos e subtipos. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 147-148).

Com isso, apresentamos o Quadro 9, que sumariza, segundo os autores, os principais tipos de orações materiais já reconhecidos pela tradição dos estudos gramaticais. Além disso, apresentamos exemplos traduzidos do inglês e apresentados por Halliday e Matthiessen (1999).

Quadro 9 – Tipos de orações materiais

<b>INTRANSITIVOS</b>		<b>TRANSITIVOS</b>	
Processos com apenas um participante (quem faz). <i>Exemplo: John correu.</i>		Processos com, pelo menos, dois participantes (quem faz e o que é feito). <i>Exemplo: Mary atirou a bola.</i>	
<b>AÇÃO</b> Processos com um ato intencional feito por um ser animado (humano, geralmente). <i>Exemplo: John correu.</i>	<b>EVENTO</b> Processos com um ato não intencional ou evento inanimado. <i>Exemplos: John caiu. / A chuva caiu.</i>	<b>DISPOSITIVOS</b> Processos com uma Meta que já existe previamente à ação. <i>Exemplo: Mary atirou a bola.</i>	<b>CRIATIVOS</b> Processos com uma Meta que passa a existir mediante a ação desempenhada pelo processo. <i>Exemplo: Jack construiu uma casa.</i>

Fonte: (adaptado de Halliday e Matthiessen, 1999)

A distribuição dos subtipos no Quadro 9 sinaliza que existem, analisando a noção de figuras, dois subtipos de processos materiais: intransitivos e transitivos, no sistema de transitividade. Entre os processos intransitivos, existem dois novos subtipos: processos de ação e de evento; entre os transitivos, outros dois subtipos: processos dispositivos e criativos.

### 2.3.7 Natureza da interação entre os participantes

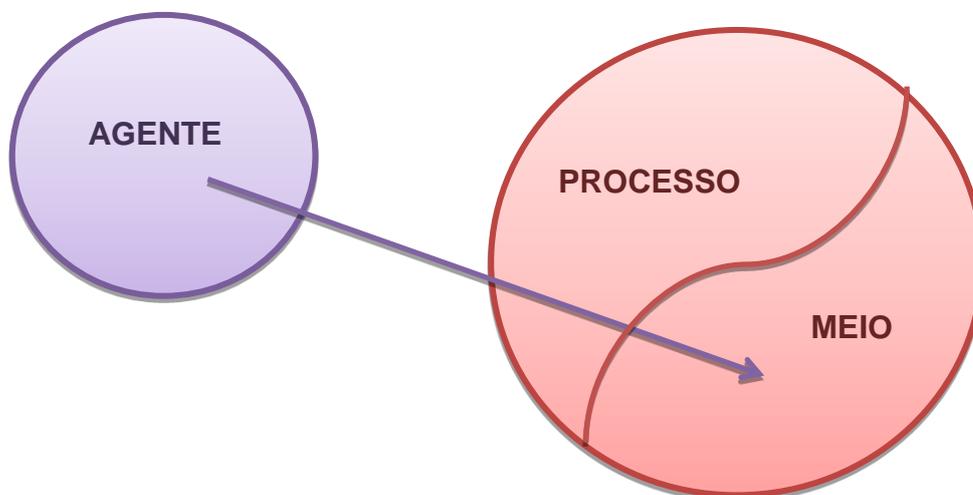
De acordo com Halliday e Mathiessen (1999), existem dois modelos (distintos, mas complementares) de participação interativa com os processos dentro da noção de figuras: particularista – que diversifica nossa experiência em quatro domínios

(fazer, sentir, dizer ou ser) – e generalista – que unifica nossa experiência através dos diferentes domínios.

O modelo particularista representa o que foi discutido até este momento, no texto: distinção entre um pequeno número de figuras (de fazer, de sentir, de dizer e de ser), com diferentes processos envolvidos e diferentes participantes inerentes a elas. Diante disso, destacamos a figura de fazer, a qual os autores descrevem como baseada, prototipicamente, num esquema de “ação e impacto”. Esse esquema mostra que existe sempre um Ator que promove a ação, a qual pode ser estendida ou não a uma Meta, que representa o participante que recebe o impacto.

O modelo generalista apresenta um participante central, que é comum a todos os processos: o Meio (participante pelo qual o processo é atualizado), que somado ao processo, forma o núcleo de uma figura. Sendo assim, podemos determinar que o Meio corresponde a, “independentemente do tipo de figura, o participante que está mais intimamente ligado ao processo” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 155). Os autores sinalizam que descrever o Meio como “atualizando” um processo significa dizer que não pode haver um processo sem que haja um elemento através do qual o processo deixe de ser virtual para ser real. Ainda nessa perspectiva, a figura formada por Meio + processo pode, ou não, ser causada por um participante externo: o Agente. A Figura 8 mostra a complementaridade entre Meio e processo, juntamente com a influência provocada por um Agente externo.

Figura 9 – Ergatividade: Agente e Meio



Percebemos, então, que o modelo nomeado por Halliday e Matthiessen (1999) como modelo particularista refere-se ao estudo da transitividade, na gramática sistêmico-funcional, e que o modelo generalista tem relação direta com o que conhecemos hoje por ergatividade. Já descrevemos as noções de agente, sujeito e vozes verbais, bem como o sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional nas seções 2.1, 2.2 e 2.3; agora, descreveremos o de ergatividade, na seção 2.4, aprofundando os estudos de ergatividade em língua portuguesa.

## 2.4 SISTEMA DE ERGATIVIDADE

Encontramos, no Portal da Língua Portuguesa, na seção intitulada Dicionário de Termos Linguísticos, a seguinte definição para o termo “ergatividade”:

Termo usado na descrição gramatical de línguas como o esquimó e o basco em que o objecto de um verbo transitivo e o sujeito de um verbo intransitivo exibem o mesmo caso – o absolutivo, enquanto o sujeito do verbo transitivo é ergativo. Este termo é também usado nas línguas que, como o português, têm construções ergativas. (ERGATIVIDADE, In: Portal da Língua Portuguesa)

Como nosso interesse é o estudo dessas ocorrências em língua portuguesa, utilizamos as “construções ergativas” mencionadas na definição, para as quais também encontramos o significado de “termo usado para referir construções em que o objecto de um verbo funciona como o sujeito da construção” (Portal da Língua Portuguesa).

Entendemos, assim, que a ergatividade é um campo de estudos no qual se configura uma alternância entre as funções de agente e paciente relacionados a um mesmo processo. As construções ergativas são processos frequentes em diferentes línguas como a portuguesa e podem ser estudadas de acordo com diferentes perspectivas.

Nesse trabalho, apresentamos a perspectiva sistêmico-funcional dos estudos de ergatividade, que norteia, somada ao sistema de transitividade, toda a pesquisa apresentada nesta tese.

### 2.4.1 Perspectiva sistêmico-funcional da ergatividade

Os estudos em gramática sistêmico-funcional (MATTHIESSEN, 1995; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2014) introduzem um conceito importante para a compreensão do papel dos participantes nas orações. Para os autores, há dois modelos através dos quais as orações são construídas: a transitividade e a ergatividade. Enquanto o primeiro é um caso de extensão, o segundo configura-se como um caso de aprofundamento da oração. Se vista sob o ângulo da transitividade, a oração pode ser transitiva ou intransitiva; se analisada sob o ponto da ergatividade, aflora a questão de agência. Assim, de acordo com o modelo ergativo, existem duas noções importantes para a análise: o Meio e o Agente. O Meio representa o participante pelo qual o processo é realizado; o Agente é o causador externo do processo.

Matthiessen (1995) ainda considera a distinção entre orações médias e efetivas. Com isso, destacamos que, segundo o autor, as orações efetivas constroem uma combinação que possuem uma ação sendo causada por um agente (por exemplo, “Henrique abriu a porta”, em que “Henrique” é o Agente), enquanto as orações mediais não a possuem (por exemplo, “A porta abriu”). Essa relação entre as categorias da ergatividade (Agente e Meio), participando de orações que podem ser consideradas mediais ou efetivas, será essencial na determinação das características do participante que representa o objetivo de estudo deste trabalho.

Martin, Matthiessen e Painter (2010) fazem uma comparação entre o estudo da transitividade e da ergatividade. Segundo os autores, a transitividade possibilita a identificação de participantes adicionais em um processo, além do participante obrigatório, por exemplo, se um processo material possui apenas o Ator (sendo intransitivo) ou se possui algum outro participante, como a Meta (sendo transitivo). Por outro lado, a ergatividade não está preocupada com o acréscimo ou decréscimo de participantes, mas sim com o papel desempenhado por eles. Algumas orações apresentam apenas o Meio através do qual o processo é realizado, sendo chamadas de orações mediais; outras apresentam o Meio e o Agente causador desse processo, sendo chamadas de orações efetivas. O Quadro 10 apresenta os resumos trazidos pelos autores.

Quadro 10 – Relação entre Meio e Agente

<b>Processo e Meio (mediais)</b>	<b>Agente promovendo a ação (efetivas)</b>
<i>A pizza cozinhou.</i>	<i>Tim cozinhou a pizza.</i>
<i>As roupas secaram.</i>	<i>Mac secou as roupas.</i>
<i>As notícias espalharam.</i>	<i>Sue espalhou as notícias.</i>
<i>O navio afundou.</i>	<i>A tempestade afundou o navio.</i>

Fonte: (adaptado de MARTIN, MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p.110)

O quadro acima apresenta exemplos de processos materiais analisados sob o ponto de vista da ergatividade. Analisaremos exemplos como esses, mas sob o ponto de vista da transitividade, determinando quais seriam as características do participante que compõem os processos nos exemplos da coluna à esquerda. Destacamos, desde já, que temos ciência de que os estudos da ergatividade analisam as orações sob outra perspectiva, através da qual se consegue plenamente observar o comportamento de termos que alternam entre agentes e pacientes de determinados verbos conforme o emprego.

Tendo em vista esse objetivo, destacamos que Martin, Matthiessen e Painter (2010) apresentam um quadro comparativo, com a relação entre o papel ergativo de cada um dos participantes dos diferentes processos do sistema de transitividade. Aqui, apresentamos parte desse quadro, com o destaque para os participantes de processos materiais com os seus respectivos papéis dentro do modelo da ergatividade. No Quadro 11, portanto, apresentamos a correspondência entre os papéis dos diferentes participantes de processos materiais de acordo com os sistemas de transitividade e ergatividade.

Quadro 11 – Papel transitivo e papel ergativo

<b>Papel transitivo</b>	<b>Papel ergativo</b>	<b>Exemplo</b>
Ator (intransitivo)	Meio	<i><u>Eles</u> correram.</i>
Ator (transitivo)	Agente	<i><u>Eles</u> moveram a cadeira.</i>
Meta	Meio	<i>Eles moveram <u>a cadeira</u>.</i>
Beneficiário/ Cliente	Beneficiário	<i>Eles <u>me</u> deram aquele livro. Eles construíram a caixa de areia <u>para ela</u>.</i>
Escopo	Escopo	<i>Eles fizeram <u>uma dança</u>.</i>

Fonte: (adaptado de MARTIN, MATTHIESSEN; PAINTER, 2010, p.111)

Destacamos que o quadro contempla as possibilidades de o Ator ser o Meio através do qual o processo ocorre – em exemplos como “Eles correram”, no qual é através do participante “Eles” que o processo “correr” acontece – e também de o Ator ser o Agente causador do processo – em exemplos como “Eles moveram a cadeira”, no qual o participante “Eles” promove o processo “moveram”.

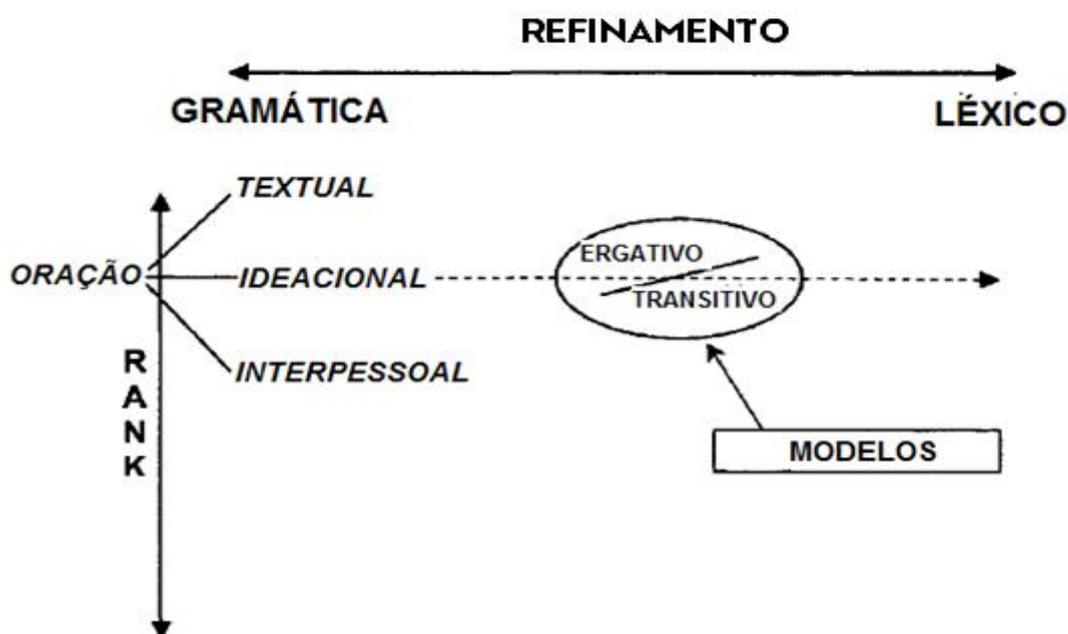
Convém observar, portanto, que os modelos ergativo e transitivo não são formas opostas de denominar os processos que podem ser desempenhados por diferentes participantes na construção experiencial de uma língua. Esses modelos são, na verdade, complementares, representando dois pontos de vista diferentes sob o mesmo objeto.

Segundo Halliday (1994) a noção semântica que abrange o modelo ergativo é a causação. Afinal, o aspecto colocado em discussão na análise do sistema de ergatividade é a presença ou a ausência de um Agente que promove o desenvolvimento do processo, ou seja, se o processo é representado como causado

por uma força externa ou como causado por si mesmo. Já o modelo transitivo, para o autor, tem como noção semântica referente a extensão, isto é, a preocupação do modelo transitivo é se os participantes estendem ou não a sua ação a outros participantes e, principalmente, qual é o papel de cada participante nessa interação.

Sobre essa complementaridade entre os modelos transitivo e ergativo, Caffarel (2006) apresenta o *continuum* de refinamento<sup>14</sup> (aqui transcrito na Figura 10), na realização de padrões gramaticais. Assim, uma determinada “parte da mensagem” pode ser realizada congruentemente por um item lexical ou metaforicamente por uma combinação de itens lexicais” (CAFFAREL, 2006, p. 59).

Figura 10 – Interpretação da transitividade e da ergatividade dentro do modelo sistêmico-funcional



Fonte: (CAFFAREL, 2006, p. 59).

Na obra, em que Caffarel (2006) transcreve o funcionamento da gramática da língua francesa, autora afirma que

nós não estamos tentando classificar a língua francesa como ergativa ou transitiva na base da realização de suas funções gramaticais (...), nós

<sup>14</sup> Por não encontrarmos tradução específica para o termo *delicacy*, optamos por traduzi-lo por “refinamento”, após longas discussões com nosso grupo de estudos.

estamos tentando estabelecer se as noções semânticas de ergatividade e transitividade são noções teóricas que podem servir para explorar padrões de representação experiencial em francês ou **em qualquer outra língua** (grifo nosso). (CAFFAREL, 2006, p. 59-60).

Caffarel (2006) destaca que a maioria dos processos podem ser usados ergativamente ou não ergativamente. Para ilustrar esse funcionamento, a autora apresenta exemplos para o verbo “abrir”, aqui transcritos já traduzidos para a língua portuguesa.

A porta	abriu.	∅
<b>Meio</b>	<b>Processo</b>	

(CAFFAREL, 2006)

Louis	abriu	a porta.
<b>Agente</b>	<b>Processo</b>	<b>Meio</b>

(CAFFAREL, 2006)

Como a ergatividade usa como processo semântico a causação, no primeiro exemplo, o processo é entendido como causado por si mesmo. Desse modo, não apresenta um Agente, e o participante “a porta” é entendido como o Meio. Já no segundo exemplo temos um processo causado por uma causa externa (o Agente) que, no caso, é representado por “Louis”. Semelhante ao exemplo anterior “a porta” é o Meio através do qual o processo é realizado.

Destacamos aqui que, nesta tese, um dos objetivos do nosso trabalho é analisar como os exemplos acima poderiam ser categorizados de acordo com o modelo transitivo. Diante disso, acreditamos que devam existir categorias pertencentes ao sistema de transitividade que expliquem as diferenças de realização entre um e outro exemplos. O processo “abriu” é um processo material. Quanto aos participantes que se relacionam a esse processo, entendemos, portanto, que, no segundo exemplo, não restariam dúvidas em identificar “Louis” como Ator e “a porta” como Meta. No entanto, certamente poderia se discutir o participante que está representado por “a porta”, no primeiro exemplo. Na análise de Caffarel (2006), “a

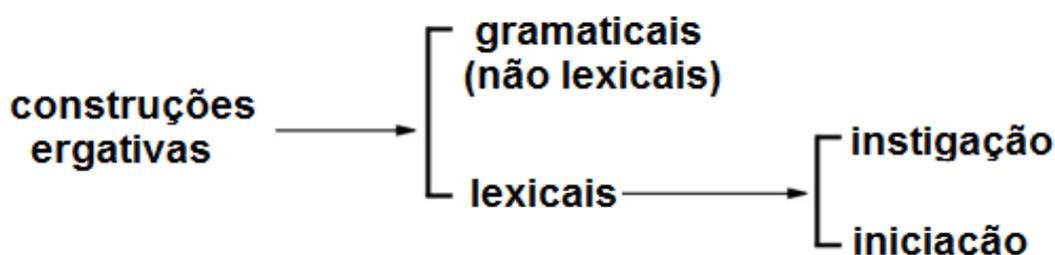
porta”, no primeiro exemplo, é um participante que pode ser interpretado como sendo Ator (modelo transitivo) e Meio (modelo ergativo) ao mesmo tempo (CAFFAREL, 2006, p. 65-66).

Resumindo a distinção entre os sistemas de transitividade e de ergatividade na gramática sistêmico-funcional, Caffarel (2006) destaca que,

enquanto a perspectiva transitiva projeta uma visão classificatória do mundo que reflete diferentes domínios da experiência, como fazer e acontecer, pensar e dizer, e ser e ter, envolvidos em diferentes tipos de processos; a perspectiva ergativa projeta uma visão generalizada do mundo, que não discrimina os processos mas foca em se o processo é realizado por si mesmo ou não (ou por uma causa externa) (CAFFAREL, 2006, p. 66).

Podemos concluir, portanto, que a ergatividade se preocupa com a análise da causação nas orações de uma determinada língua, ou seja, se ela tem uma causa externa ou se é causada por si mesma. Sobre o conceito de causação, García (2013) acrescenta que o conceito de causação não pode estar limitado à ergatividade lexical, como em “ele quebrou a janela” (oração cujo Agente é “ele”, ou seja é causada por “ele”) e “a janela quebrou” (oração causada por si mesma, sem a presença de um Agente externo). Para comprovar seu argumento, a autora propõe um remapeamento da ergatividade lexical, que pode ser visualizado na Figura 11.

Figura 11 – Remapeamento da ergatividade lexical



Segundo a autora, é possível subdividir o sistema de ergatividade em ergatividade gramatical (não lexical) e ergatividade lexical, a qual pode ser novamente subdividida em ergatividade lexical por instigação ou ergatividade lexical por iniciação.

A ergatividade gramatical ocorre em pares de orações como “John alimentou a criança” e “A criança comeu”, em que o par ergativo/não ergativo se estabelece pela construção gramatical, e não pelo léxico, isto é, ambas as construções são feitas com verbos diferentes para formar o par ergativo/não ergativo. Já a ergatividade lexical ocorre em pares como “John quebrou o vidro” e “O vidro quebrou”, nos quais o mesmo verbo permite construções causadas por um Agente externo (John) e causadas por si mesma, respectivamente.

No entanto, “nem todas as ergativas lexicais são criadas igualmente, seguindo a reivindicação inicial de que a divisão ergativo/transitivo (...) é muito geral” (GARCÍA, 2013, p. 38). Para subdividir as construções ergativas lexicais em instigação e iniciação, a autora retoma os exemplos “John quebrou o vidro” e “O vidro quebrou”, e apresenta os exemplos “John rolou a bola” e “A bola rolou”.

A autora explica que, apesar de os exemplos “John quebrou o vidro” e “John rolou a bola” apresentarem análises semelhantes, ou seja, John é o Agente e “o vidro” e “a bola”, respectivamente são o Meio; existe uma diferença de sentido na função do participante em “O vidro quebrou” e “A bola rolou”. Segundo García (2013), não é possível fazer a pergunta “O que o vidro fez?”, no primeiro exemplo; porém é perfeitamente aceitável fazer a pergunta “O que a bola fez?”, no segundo. Assim, “isso mostra a diferença gramatical entre a realização de ações e acontecimentos” (GARCÍA, 2013, p. 39). Afinal, não podemos fazer a pergunta “O que o vidro fez?” no primeiro exemplo por se tratar de um acontecimento, mas podemos fazer a pergunta “O que a bola fez?” no segundo exemplo por se tratar de uma ação.

Essa diferença marca, para a autora, a diferença entre instigação (“John quebrou o vidro”), em que o Agente é responsável pelo processo e iniciação (“John rolou a bola”), em que o Agente dá início a um processo que ocorre causado por si mesmo.

García (2013) ainda apresenta outra análise para marcar a diferença entre instigação e iniciação. Quando comparamos as frases “John quebrou o vidro” e “John rolou a bola”, se eliminamos o Meio (“o vidro” e “a bola”, respectivamente), o papel do Agente (“John”) muda completamente. Na oração “John quebrou”, o participante

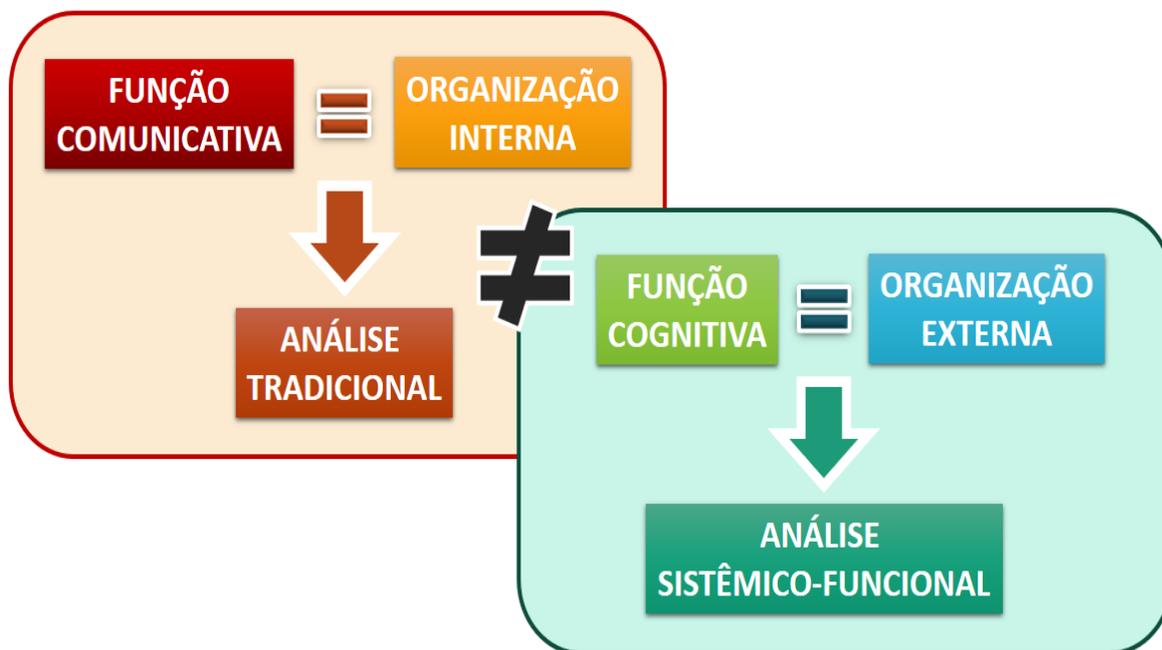
“John” continua sendo o Agente de um processo com Meta não declarada (implícita); mas, na oração “John rolou”, o participante “John” passa a ser o Meio. Com isso, a primeira oração continuaria sendo causada por um Agente externo, mas a segunda passaria a ser causada por si mesma.

Ainda, sobre a importância do estudo da ergatividade para a descrição do funcionamento das línguas, Simon-Vandenberg, Taverniers e Ravelli (2003) afirmam que, se consideradas as realizações dos diferentes tipos de processos descritos no sistema de transitividade, cerca de 15% podem figurar em orações ergativas, sendo a sua maioria em processos materiais. Nesses processos, o índice sobe para aproximadamente 40%.

Segundo os autores, o número de construções ergativas realizadas no discurso dos falantes da língua inglesa aumenta quando são analisados discursos orais. Eles destacam que isso pode significar o que Halliday (1994) já havia mencionado: que a língua inglesa está se tornando cada vez mais ergativa. Qualquer fenômeno de mudança na estrutura linguística ocorre primeiro no discurso oral, para depois ser apropriado ao discurso escrito.

Para McCleary (1982), existe uma distinção que pode ser feita no campo do discurso, que atua diretamente nas noções de transitividade e ergatividade. Segundo o autor, o discurso pode ser distinguido de acordo com uma função comunicativa e uma função cognitiva. A função comunicativa é a responsável pela organização interna do discurso, enquanto a cognitiva, pela interpretação do mundo exterior. Assim, a análise da transitividade estaria associada ao domínio cognitivo, associando-se a traços da situação percebida como um evento. Considerando essa perspectiva, a transitividade assume a necessidade da percepção do contexto de situação, vendo-se refletida na organização do discurso. Em termos sistêmico-funcionais, poderíamos entender que a determinação de um termo como Ator ou Meta, por exemplo, não depende exclusivamente da organização interna da oração, mas sim dos seus fatores externos. É nesse ponto que acreditamos que a ergatividade pode auxiliar na identificação dos participantes que compõem uma oração junto a um determinado processo. A Figura 12 sumariza esses dois tipos de função comunicativa e cognitiva.

Figura 12 – Funções comunicativa e cognitiva



Fonte: (adaptado de MCCLEARY, 1982)

Seria pertinente acrescentar, portanto, que a visão do discurso conforme sua função comunicativa, foi a visão adotada pela análise das gramáticas tradicionais, que definem os termos ligados ao verbo de uma oração como sujeito, objeto, adjunto, entre outros, conforme sua organização interna, isto é, sua função em relação aos demais participantes. Já a análise sistêmico-funcional leva em consideração a função cognitiva, já que depende da interpretação externa dos seus elementos constituintes, ou seja, a função que eles desempenham em um determinado contexto. Dessa noção, surge a necessidade de levar em consideração não somente o sistema de transitividade, mas também a ergatividade.

Por fim, Halliday e Matthiessen (2004; 2014) destacam também que existe um equívoco na afirmação de que existem verbos na língua inglesa que podem funcionar como transitivos e intransitivos. De fato, existem verbos que assumem essa condição, mas, para os autores, na verdade, a maioria desses verbos funciona não como transitivo ou intransitivo, mas sim como ergativo ou não ergativo. Sobre essa relação, eles destacam que

existem pares transitivos e intransitivos (de verbos), como “o turista caçou / o turista caçou o leão”, onde “o turista” é Ator em ambos. Mas a maioria dos verbos de alta frequência na linguagem fazem pares de outro tipo, como “o turista acordou / o leão acordou o turista”, onde a relação é ergativa. Se expressarmos essa estrutura em termos transitivos, “o turista” é Ator em uma e Meta na outra, mas ainda é o turista quem parou de dormir em ambos os casos. Compare os pares “o barco navegou / Mary navegou no barco”, “a roupa rasgou / o prego rasgou a roupa”, “os olhos de Tom fecharam / Tom fechou os olhos”, “o arroz cozinhou / Paul cozinhou o arroz (...).(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 340).

Notamos, assim, que Halliday e Matthiessen (2004; 2014) entendem que, em processos intransitivos, o Meio da análise ergativa corresponde ao Ator da análise transitiva. Isso ocorre porque os processos são interpretados como causados por si mesmo, o que faria com que o participante fosse o próprio responsável pelo processo em exemplos como “o turista acordou”, “o barco navegou”, “a roupa rasgou” e “o arroz cozinhou”, citados acima. Nosso intuito é investigar mais detalhadamente esses processos, com base nos estudos da GSF.

Após a explanação dos conteúdos sistêmico-funcionais relacionados aos sistemas da ergatividade e da transitividade, fazemos um levantamento dos trabalhos que já destacaram a ergatividade aplicada diretamente ao português.

#### **2.4.2 Alguns estudos de ergatividade em língua portuguesa**

Destacamos desde já que existe uma bibliografia muito escassa a respeito do estudo da ergatividade na língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional. A maioria dos trabalhos disserta sobre a ergatividade em língua inglesa ou centra seus estudos em língua ditas propriamente ergativas, diferenciando-as das que não o são.

Em trabalho direcionado à aquisição da linguagem, Pontes (1986) destaca o caso da interpretação feita por crianças de construções com apenas um participante. Segundo a autora, quando essas construções ocorrem com o participante em posição ao sujeito, as crianças tendem a atribuir a este participante as mesmas características do objeto direto (em termos da GT) de construções com dois participantes. Para exemplificar, a autora usa o exemplo “Vai acaba as páginas”, transcrito da fala de uma criança, mostrando que, ao não fazer a concordância do termo “as páginas” com o verbo, a criança interpreta este termo como um objeto direto, e não como um sujeito. Ao fazer essa referência, a autora destaca que devem ser levados em consideração: a posição dos termos ocorrendo após o verbo, o não

desencadeamento de concordância verbal e a propriedade agentiva dos participantes como não humanos e inanimados. Em termos sistêmico-funcionais, diríamos que ocorre a interpretação do termo como uma Meta, e não como um Ator, sinalizando que a dificuldade de identificar este termo como Ator ou Meta também ocorre na fase de aquisição da linguagem. A autora destaca, ainda que, de acordo com essa hipótese, haveria uma aproximação do padrão da língua portuguesa com o padrão próprio das línguas ergativas.

Já para Abraçado (1999), essa hipótese é mais complexa, e existem problemas em identificar o participante de construções como “Vai acabá as páginas” como sendo um objeto direto (em termos da GT). Para a autora, ocorrem casos em que essa concordância é observada, como em “Chegaram os meninos”, o que implica em considerar o termo “os meninos” como sujeito e não como objeto. Diante disso, a autora acrescenta que essa diferença deve levar em consideração as características agentivas do participante que está envolvido, a saber, se ele é humano e animado ou não humano e inanimado. Assim, se compararmos os exemplos “O João veio” e “A bicicleta caiu”, teremos que, no primeiro caso, “o João” será sempre interpretado como sujeito, independentemente da ordem dos termos (Em “Veio o João” interpretaríamos João também como sujeito; já no segundo caso, “a bicicleta” pode ser interpretada diferentemente, tendendo a ser identificada como objeto direto caso este termo esteja posposto ao verbo, como em “Caiu a bicicleta”).

Abraçado (1999) também acrescenta que esse fenômeno, embora perceptível em estudos na aquisição da fala por crianças, pode ser percebido na fala de falantes adultos nativos do português. Esse seria, portanto, o principal indicativo de que a língua portuguesa passa por um processo de mudança, o que a aproxima das línguas ergativas.

Em outra obra, Abraçado e Vale (2014) destacam que

os verbos de uma língua apresentam graus de causalidade, isto é, de acordo com os propósitos comunicativos dos falantes, prestam-se a revelar as causas de um processo, ou deixarem-nas implícitas. Nesta linha, em que a ergatividade se define dentro de uma teoria concernente às causas, o ergativo não implica ausência de uma causa, mas sim uma maneira mais implícita de apresentá-la. (ABRAÇADO; VALE, 2014, p.127)

Isso significa afirmar que a ergatividade não é responsável pelo apagamento do agente que causa um evento, mas sim o seu enfraquecimento ou sua omissão. É

válido ressaltar que não existem eventos que ocorrem sem uma causa, mas sim com uma causa implícita.

Ainda sobre a diferença entre as ordens SV(O) (sujeito-verbo-(objeto)) e VS (verbo-sujeito), Pezzatti (1993) afirma que essas duas ordens representam padrões de construção sintática nomeados respectivamente como nominativo e ergativo. Assim, orações na ordem SV(O) representariam um padrão nominativo, enquanto a ordem VS caracterizaria um padrão ergativo. Por possuir essa dupla possibilidade, a autora identifica o português como sendo uma língua de ergatividade cindida.

Assim, a ergatividade cindida consiste em representar o fato de que uma mesma língua pode operar ora sobre uma base ergativo-absolutiva e ora sobre uma base nominativo-acusativa. Segundo a autora, existem dois fatores aplicados ao português que determinam essa ergatividade cindida: a natureza semântica do participante e a do verbo. Diante disso, existiria uma ordem hierárquica de características para que o falante de uma língua interprete o participante como agente responsável pela ação ou não. Sendo assim, em primeiro lugar teríamos o falante, como sendo o agente por excelência, em segundo lugar, o destinatário, após, seres animados não humanos e, por último, seres inanimados. Em termos sistêmico-funcionais, a Figura 13 representa a ordem hierárquica proposta por Pezzatti (1993)

Figura 13 – Tendência crescente de agentividade



Fonte: (adaptado de PEZZATI, 1993)

Destacamos, neste momento, que a noção de que atribuir a um participante a noção de que ele é o agente responsável parece extremamente conectada à identificação de seus traços característicos como, pelo menos, humano e animado.

Ainda, para ilustrar o padrão de ergatividade cindida do português, Pezzati (1993) apresenta a comparação entre dois exemplos:

João	abriu	a porta.
------	-------	----------

(PEZZATI,1993)

A porta	abriu.	∅
---------	--------	---

(PEZZATI, 1993)

No primeiro exemplo, temos “João” como agente-sujeito<sup>15</sup> em padrão nominativo e “a porta” como absolutivo. Já no segundo, percebemos a manutenção do padrão absolutivo de “a porta”, mas assumindo a posição de sujeito (em termos da GT). Isso define que o primeiro exemplo é uma construção nominativa, enquanto o segundo representa uma construção ergativa. A autora justifica, ainda, que essas duas construções diferem quanto ao papel semântico exercido pelo sujeito gramatical básico: a primeira construção tem como sujeito gramatical “João” (o agente), enquanto a segunda tem “a porta” (o paciente). Em sua visão, isso demonstra que, em construções ergativas, o participante paciente (absolutivo) assume toda a importância, omitindo o participante agente. Para Pezzati (1993), esse tipo de construção é frequente quando a explicitação do agente não é relevante para o propósito discursivo.

Para Bittencourt (2001), causatividade e ergatividade estão intimamente relacionadas, não se podendo separar uma da outra. Assim, a autora estabelece a separação entre o *causador* e o *causado*. Nessa perspectiva, o evento *causado* é dependente da ação do evento *causador*, em que a causatividade está pautada por participantes com os traços humano, animado e voluntário.

Cançado (2005) destaca que é necessário distinguir as propriedades semânticas que são relevantes na interface entre semântica e sintaxe. A partir de um

---

<sup>15</sup> Notemos que “sujeito” é um conceito da metafunção interpessoal. Ao se referir ao sujeito gramatical básico, Pezzatti (1993) enfoca o que Halliday e Halliday e Matthiessen denominam “participante”.

trabalho empírico, a autora determinou como características relevantes: ser desencadeador de um processo, ser afetado por esse processo, estar em algum estado, e ter o controle sobre esse desencadeamento, processo ou estado.

Observamos, então, que em exemplos como “João quebrou o vaso”, João é desencadeador do processo porque tem o controle sobre o processo, sendo possível a criação de exemplos como “João decidiu não mais quebrar o vaso”. Entretanto, na configuração de exemplos como “João quebrou a perna”, o participante João não mais possui o controle sobre o processo, já que não seria coerente a construção “João decidiu não mais quebrar a perna”.

Ciríaco (2007) destaca que a formação de um par causativo-ergativo só ocorre quando o verbo é causativo. Segundo a autora, um dos participantes deve assumir, necessariamente, o papel semântico de desencadeador do processo e o outro, de afetado pelo processo. Caso um desses dois papéis não ocorra, também não ocorre a formação do par ergativo. Para ilustrar tal possibilidade, Ciríaco (2007) apresenta exemplos como “João recebeu uma carta” e “João subiu a montanha”. No primeiro, não temos a formação do par causativo-ergativo (\*Uma carta recebeu) porque “João” não é o desencadeador do processo; no segundo, não ocorre a formação do par (\*A montanha subiu) em virtude de a montanha não ser afetada pelo processo.

Souza (1999) demonstra preocupação com a classificação de um participante como humano ou não humano. Segundo o autor, as orações que possuem construções com um participante humano afetado são diferentes daquelas com um participante não humano afetado. Afinal, seres humanos são agentes causadores típicos, o que revelaria uma maior ambiguidade nas construções com um único participante presente na oração, como seria o caso de “Eu preocupei minha mãe / Minha mãe preocupou”. Fica ambíguo, na segunda oração, se o participante “minha mãe” foi afetado por uma preocupação ou se é objeto de uma preocupação desencadeada por um agente externo.

Percebemos, então, que em diferentes autores que investigam a ergatividade em língua portuguesa, já existem definições de critérios puramente semânticos na inter-relação com processos sintáticos de construção.

Após o levantamento dos estudos sobre a ergatividade conforme a perspectiva sistêmico-funcional e sobre a ergatividade em funcionamento na língua portuguesa, passaremos ao próximo capítulo, no qual detalhamos os procedimentos passo a passo para a realização desta pesquisa.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Inicialmente, mostramos uma contextualização geral da pesquisa. Após, a definição dos *corpora* utilizados, bem como os critérios para as escolhas de ambos. Por fim, temos o detalhamento dos passos dados para a realização da pesquisa.

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa explicitada neste trabalho está inserida nos estudos da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional, pois esta aborda os participantes que podem compor orações com processos materiais do sistema de transitividade. Além disso, está relacionada ao estudo do sistema de ergatividade, na confluência entre os participantes Agente e Meio, com os diferentes participantes que compõem os diferentes processos do sistema de transitividade.

Assim, nossa principal pergunta de pesquisa, que norteia todo o trabalho realizado é: “Quais são as características semânticas de um participante específico das orações com processos materiais que, aparentemente, diferem dos demais participantes já listados pela bibliografia?”. Ao responder a essa pergunta, objetivamos contribuir para os estudos sistêmico-funcionais em língua portuguesa, consolidando ainda mais uma teoria que, conforme recentes trabalhos, já vem se mostrando bastante útil à elucidação de questionamentos linguísticos outrora não respondidos.

Nossa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois visa a uma melhor interpretação de fenômenos linguísticos que ocorrem em diferentes orações na língua portuguesa, com uma abordagem sistêmico-funcional. Afinal, a pesquisa também se classifica como qualitativa por não ser traduzida em números, mas sim por entender o objeto de estudo através de interpretações da realidade (RAMOS, 2009). Ainda, para Filck (2009), a pesquisa qualitativa refere-se muito à produção e à análise de textos, fazendo uma transcrição das observações feitas durante o processo de pesquisa.

Para atingir nossos objetivos, fizeram-se necessárias duas etapas fundamentais do processo de pesquisa. Em um primeiro momento, realizamos um trabalho de coleta, análise e descrição dos processos que ocorrem e identificação da

função dos participantes relacionados a esses processos em 43 exemplos de 25 verbos diferentes, já apresentados por diferentes gramáticos da língua portuguesa como casos especiais na definição de sujeito e da voz verbal. Após o levantamento das principais obras escritas sobre o estudo gramatical da língua portuguesa, selecionamos os exemplos e demos início à análise. Em um segundo momento, dada a necessidade de analisar o fenômeno ocorrendo em diferentes contextos, viabilizando uma análise mais específica, delimitamos o nosso *corpus*, composto por 68 exemplos (dos mesmos 25 verbos já analisados nas gramáticas) retirados do Corpus Brasileiro, do Grupo de Estudos de Linguística de Corpus (GELC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

### 3.2 DEFINIÇÃO DOS CORPORA

Nosso trabalho tem o intuito de sistematizar as características de um Participante de processos materiais, mostrando quais são os aspectos semânticos que o envolvem. Para que isso fosse possível, delimitamos duas etapas analíticas bem definidas. Na primeira, fizemos um percurso cronologicamente linear em gramáticas da língua portuguesa, a fim de colhermos casos de transitividade, voz verbal e agentividade que normalmente geram discussão entre estudiosos. Na segunda etapa, tendo em vista a contextualização de porções de linguagem com verbos causadores de discussão, recorreremos a um corpus legitimado e abrigado em uma das mais tradicionais universidades brasileiras (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP). A intenção desse percurso de análises foi conseguir investigar as ocorrências em situações reais de comunicação escrita e oral.

#### 3.2.1 A busca nas gramáticas

A definição do nosso primeiro material de consulta partiu da coleta de ocorrências de verbos em diferentes gramáticas da língua portuguesa – e já especificada na seção de revisão da literatura deste trabalho. Tais verbos foram considerados, pelos autores, discutíveis do ponto de vista da definição de passividade, ou seja, quanto à definição de se estavam em voz ativa, passiva, média ou neutra identificação e categorização do agente ou do paciente. Os verbos encontrados são

apresentados, em ordem alfabética, seguidos da problemática apontada pelo autor da obra da qual foram retirados e da sua devida referência, no Quadro 12.

Quadro 12 – Verbos e exemplos retirados das gramáticas analisadas para compor o *corpus*

(continua)

VERBO	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA
ABRIR	No português brasileiro, a oração “A porta se abriu” torna-se “A porta abriu”, em um exemplo de desaparecimento da voz média, com a queda do clítico “se”.	BAGNO, 2014
ALAGAR	Os casos em que o sujeito <sup>16</sup> não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, como em “A chuva alagou a cidade”.	AZEREDO, 2013
AMAR	Em “Meu filho ama tua sobrinha”, não é fácil diagnosticar quem é o agente e quem é o paciente do conteúdo verbal, pode ser meu filho, tua sobrinha ou ambos simultaneamente.  É considerado verbo com forma ativa aquele que pode ser convertido em voz passiva, como “Eu amo a verdade” (“A verdade é amada por mim”).	MACAMBIRA, 1978  BARROS, 1540
APANHAR	Em “O enteado apanhava muito da madrasta”, o enteado não está praticando nada, talvez esperneando e gritando desesperado.	MACAMBIRA, 1978
APRENDER	Em “Os pais sempre aprendem com os filhos”, o sujeito “pais”, embora seja considerado agente de uma voz ativa, não pratica ação alguma.	FARACO; MOURA, 1999
ARRANCAR	Caso em que, mesmo sendo animado, o sujeito não é agente, mas sim o experienciador do que foi expresso, como em “(Eu) arranquei um dente hoje”.	AZEREDO, 2013

<sup>16</sup> A grafia “sujeito” aqui refere-se ao termo da gramática tradicional, entendido prototipicamente como o agente da ação de verbos na voz ativa. Quando nos referirmos a esta concepção de sujeito, grafaremos esta palavra em letras minúsculas. Entretanto, quando nos referirmos a Sujeito na perspectiva sistêmico-funcional, empregaremos a inicial maiúscula tal como Halliday e Matthiessen (2004; 2014) o fazem.

CORTAR	A voz passiva não é aquela na qual o sujeito “sofre os efeitos da ação verbal”, pois em exemplos como “Eu cortei o dedo”, não há voz passiva, mas o sujeito certamente sofre a ação.	CASTILHO, 2010
DECEPCIONAR	Verbo que admite um reordenamento dos seus constituintes (“O congresso decepcionou o povo” ou “O povo decepcionou-se com o congresso”).	AZEREDO, 1999
DERRETER	Verbo que se constrói com um sintagma nominal que tanto pode ser o seu sujeito (“O sorvete vai derreter”) quanto seu objeto (“O calor derreteu o sorvete.”).	AZEREDO, 1999
EMPOLGAR	Verbo que admite um reordenamento dos seus constituintes (“Seu discurso me empolgou” ou “Empolguei-me com seu discurso”).	AZEREDO, 1999
ENCOLHER	Verbo que se constrói com um sintagma nominal que tanto pode ser o seu sujeito (“Esse tecido encolhe após a lavagem”) quanto seu objeto (“A lavagem encolheu o tecido”).	AZEREDO, 1999
ENGORDAR	Em “Eu engordei muito desde março”, o sujeito indica o paciente, isto é, a pessoa que sofreu o processo descrito pelo verbo.	PERINI, 2010
ENSINAR	A denominação de voz ativa decorre da circunstância de que aí o processo verbal é tratado como uma ação, ou atividade, de determinado ser sujeito, de quem, na representação linguística pelo menos, parte o processo (“o livro ensina”).	CÂMARA JR., 2011
ENTUPIR	Os casos em que o sujeito não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, como em “O lixo entupiu o banheiro”.	AZEREDO, 2013
ESFRIAR	Os casos em que o sujeito não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, como em “A comida esfriou”.	AZEREDO, 2013

FERIR	<p>Os casos em que o sujeito não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, como em “A corrente do relógio feriu meu pulso”.</p> <p>Caso em que, mesmo sendo animado, o sujeito não é agente, mas sim o experienciador do que foi expresso, como em “O cachorro feriu a orelha no arame farpado”.</p>	AZEREDO, 2013
GUARDAR	<p>Os casos em que o sujeito não apresenta o papel de agente do verbo são, geralmente, casos em que o verbo se refere a um ser não animado, como em “O cofre guardava os documentos mais preciosos”.</p>	AZEREDO, 2013
INTERESSAR	<p>Verbo que admite um reordenamento dos seus constituintes (“Esse esporte não me interessa” ou “Não me interesso por esse esporte”).</p>	AZEREDO, 1999
LEVAR	<p>Em “Ele levou uma surra” temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva</p> <p>Em “O menino levou uma surra” temos voz ativa. Embora nessa frase o sujeito sofra a ação, considera-se que ela está na ativa porque a forma verbal (<b>levou</b>) está na ativa.</p>	SACCONI, 2006  TERRA, 2011
PARTIR	<p>No português brasileiro, a oração “O eixo da roda se partiu” torna-se “O eixo da roda partiu”, em um exemplo de desaparecimento da voz média, com a queda do clítico “se”.</p>	BAGNO, 2014
QUEBRAR	<p>Em “O pires quebrou”, alguma pessoa, ou animal, ou coisa (como o vento) quebrou o pires, pois não existe ação sem causa.</p> <p>No português brasileiro, a oração “O espelho se quebrou” torna-se “O espelho quebrou”, em um exemplo de desaparecimento da voz média, com a queda do clítico “se”.</p> <p>O exemplo “A vidraça quebrou” não apresenta agente implícito em sua interpretação semântica, mas o exemplo “O livro foi rasgado” possui um agente não especificado.</p>	ALMEIDA, 2009  BAGNO, 2014  PERINI, 2007

RECEBER	<p>“Os criminosos recebem o merecido castigo” é um exemplo em que não há voz passiva, mas há passividade.</p> <p>Em “O cantor recebeu muitos aplausos”, o sujeito “cantor”, embora seja considerado agente de uma voz ativa, não pratica ação alguma.</p> <p>A voz é ativa quando o sujeito é agente, ou pelo menos ponto de partida da afirmação, como em “O lobo recebe um tiro”.</p> <p>Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal, ou, de alguma forma, o ponto de partida da afirmação enunciada, como em “Eles receberam o presente”.</p> <p>Em “o animal recebeu um tiro” temos voz ativa. Embora nessa frase o sujeito sofra a ação, considera-se que ela está na voz ativa porque a forma verbal (<b>recebeu</b>) está na voz ativa.</p>	<p>BECHARA, 2010</p> <p>FARACO; MOURA, 1999</p> <p>LUFT, 1989</p> <p>LEITÃO, 1995</p> <p>TERRA, 2011</p>
ROLAR	<p>O exemplo “Uma pedra rolou daquele morro” apresenta sujeito não prototípico, pois não é agente, não é humano e não é determinado.</p>	<p>ABREU, 2003</p>
SECAR	<p>Verbo que se constrói com um sintagma nominal que tanto pode ser o seu sujeito (“A roupa secou rapidamente”) quanto seu objeto (“Ela seca as roupas”).</p>	<p>AZEREDO, 1999</p>
SOFRER	<p>Em “O prefeito sofreu severas críticas”, o sujeito “prefeito”, embora seja considerado agente de uma voz ativa, não pratica ação alguma.</p>	<p>FARACO; MOURA, 1999</p>

Fonte: (elaborado pelo autor)

Do total de ocorrências, considerando que algumas são repetidas, isto é, mais de um autor citou o mesmo verbo como uma ocorrência especial quanto à definição da voz verbal e do papel dos seus participantes no contexto, obtivemos 25 diferentes verbos a serem analisados. Esses 25 verbos compuseram um total de 43 processos a serem analisados à luz da teoria sistêmico-funcional, destacando a relação com participantes e circunstâncias presentes em cada caso.

O critério para a escolha de quais gramáticos comporiam o trabalho foi o respaldo teórico do autor nos estudos da gramática da língua portuguesa, e o espaço dado à discussão pretendida em sua obra. Destacamos que foram lidas diversas obras de autores brasileiros e portugueses, mas muitas não foram descritas no trabalho por não cederem espaço a essa discussão nos seus textos.

Convém destacar que optamos por selecionar um *corpus* de exemplos retirados de gramáticas porque, conforme explicado na seção de Introdução, é justamente desses exemplos que partiu a motivação para a realização do trabalho. A dificuldade na análise desses exemplos, apontada pelos gramáticos, também é uma dificuldade nossa, como professores de língua portuguesa no ensino básico. Entretanto, percebemos que, para verificar a ocorrência dos fenômenos linguísticos já observados em diferentes textos de diferentes gêneros discursivos em língua portuguesa, seria necessária a inclusão de um novo *corpus*, que permitisse uma análise que levasse em consideração as noções de contexto.

### 3.2.2 O Corpus Brasileiro

Para realizar uma análise contextual, fizemos a opção pelo Corpus Brasileiro, do GELC<sup>17</sup> da PUCSP. Nossa escolha deveu-se ao fato de que, por definição encontrada no próprio site que disponibiliza o *corpus* online (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/>), o “Corpus Brasileiro tem a proposta de ser um corpus acessível a todos os brasileiros, por meio de uma interface simples e poderosa de acesso ao maior acervo da língua portuguesa brasileira existente”.

Esse projeto, sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (LAEL) da PUCSP, com apoio da FAPESP, disponibiliza um *corpus* composto por um bilhão de palavras do português brasileiro, em textos de diferentes gêneros discursivos. Ao acessar o *corpus*, qualquer usuário tem acesso aos termos em linhas de concordância nas quais ocorrem. Convém observar que não se pode ter acesso aos textos integralmente, visto que isso violaria leis de direitos autorais.

---

<sup>17</sup> GELC: Grupo de Estudos Linguagem e Currículo

No sítio na internet do Corpus Brasileiro (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/>), na aba Acesso, encontramos a informação de que existem dois meios possíveis de acessar o *corpus*. Optamos pela plataforma de hospedagem Linguateca (<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>), dada a facilidade de acesso e de análise dos exemplos em cada ocorrência. O fornecimento do cotexto foi essencial para a percepção da real função do participante que pretendemos categorizar neste trabalho.

Assim, conforme especificaremos na seção de resultados desta pesquisa, investigamos novamente ocorrências dos mesmos 25 processos analisados, todas presentes com casos de ergatividade que permitiam a inclusão do mesmo participante ora como Meta de um processo material que possui Ator explícito e facilmente identificado, ora como um participante não nomeado, que não tem características suficientes para ser identificado como Ator, nem como Meta, nem como qualquer outro participante de processos materiais existentes. A coleta foi realizada manualmente, a partir de cada uma das ocorrências encontradas para os verbos já previamente selecionados.

Para fins ilustrativos, apresentamos no Quadro 13, os 8 processos que compõem o primeiro grupo dentre os cinco que formamos para sistematizar as ocorrências encontradas. Ao longo da seção de resultados, apresentaremos as análises separadas pelos cinco grupos (G1, G2, G3, G4 e G5).

Quadro 13 – Verbos e exemplos pesquisados no Corpus Brasileiro

(continua)

ABRIR	Museu da Moda no Palácio do Louvre, o Museu da Moda, inaugurado pelo ministro da Cultura, Philippe Douste-Blazy, <b>abre</b> ao público amanhã.
ALAGAR	O trecho próximo à ponte das Bandeiras também <b>alagou</b> .
DERRETER	Em um litro de terebintina, coloque dois tabletes de cânfora e espere que <b>derretam</b> .
ENCOLHER	Nos anos 80, os apartamentos « <b>encolheram</b> » por razões econômicas.

ENTUPIR	Um infarto ocorre quando as artérias que levam sangue ao músculo do coração <b>entopem</b> .
ESFRIAR	"Abafou o bule para que o chá não <b>esfriasse</b> ."
QUEBRAR	É o mesmo que perguntar: Quando teremos um carro que não <b>quebre</b> nunca?
SECAR	As unhas <b>secarão</b> muito mais rapidamente.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Na próxima seção, destacamos os passos da análise em cada um dos *corpus* já especificados.

### 3.3 PASSOS DA ANÁLISE

Destacamos desde já que esta é uma pesquisa qualitativa, que trabalha com a categorização de um participante de processos materiais com características diferentes dos já existentes (Ator, Meta, Beneficiário, Cliente e Escopo). Assim, este trabalho não tem preocupações quantitativas, como o número de ocorrências deste participante em exemplos com um determinado verbo em um determinado gênero do discurso, embora pudemos perceber, ao longo da análise, que sua ocorrência é frequente.

Primeiramente, recorreremos a trabalhos em língua portuguesa que tenham realizado pesquisas semelhantes à nossa, em busca de referências para um melhor aprofundamento do nosso objeto de investigação. Encontramos poucos, porém significativos trabalhos que se destinam a discutir as definições de voz verbal e de papel dos participantes em relação ao processo, em exemplos da língua portuguesa. Entendemos que o diálogo com outros trabalhos na área da Linguística Sistêmico-Funcional contribui para um crescimento desses estudos na língua portuguesa.

A seguir, preocupamo-nos com a noção de sujeito. Por isso, iniciamos o trabalho com o detalhamento feito por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) para as categorias de sujeito gramatical, sujeito lógico e sujeito psicológico. Após, realizamos

uma extensa pesquisa nas gramáticas de autores consagrados pela tradição linguística em estudo da norma culta da língua portuguesa. Entre vários autores que se limitavam a definir as vozes verbais sem se aprofundarem em pormenores, destacamos alguns que traziam à tona a discussão de alguns exemplos que causavam dúvidas quanto à definição da voz verbal. Na busca, foram analisados sempre os capítulos referentes a “vozes verbais” e “sujeito”, nos quais entendemos que poderíamos encontrar referências a essa discussão. Exemplos dessas obras estão destacados no capítulo 2.

Em terceiro lugar, fizemos uma elucidação das abordagens sistêmico-funcionais que são pertinentes a esta análise: a noção de linguagem, as metafunções, o sistema de transitividade, os tipos de processos, os participantes dos processos materiais, as figuras materiais e a ergatividade. Essas explanações podem ser encontradas também no capítulo 2. O objetivo foi esgotar as possibilidades de a aparente divergência apontada pelos gramáticos tradicionais como problemática já ter sido elucidada pela teoria sistêmico-funcional. A partir disso, entendemos que podíamos especificar a função desse participante e, conseqüentemente, propor um nome a ele, de acordo com o cruzamento dos sistemas de transitividade e ergatividade da gramática sistêmico-funcional.

Na sequência, observamos a análise feita na revisão da literatura para destacar todos os verbos que apareceram em exemplos apresentados pelos autores das gramáticas como problemáticos em relação à definição de voz ativa (ou agentividade) e voz passiva (ou passividade), no capítulo 4. Muitos desses verbos apareceram em mais de uma ocorrência, no entanto, como já destacamos, nossa pesquisa não é quantitativa e, por isso, preocupou-se apenas em analisar os exemplos ocorridos. As gramáticas que apresentaram exemplos a serem analisados por nós neste trabalho, em ordem cronológica, foram: BARROS (1540); MACABIRA (197); LUFT (1989); LEITÃO (1995); AZEREDO (1999); FARACO e MOURA (1999); ABREU (2003); SACCONI (2006); PERINI (2007); ALMEIDA (2009); BECHARA (2010); CASTILHO (2010); PERINI (2010); TERRA (2011); AZEREDO (2013); CUNHA e CINTRA (2013) e BAGNO (2014).

Realizada a coleta, nosso quinto passo foi analisar, à luz dos conceitos trazidos pelo sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, qual seria a função de cada um dos participantes nessas orações. Os exemplos estão destacados com a letra E maiúscula, seguida do número correspondente desde 1 até 43. Os resultados

estão dispostos por verbos, em ordem alfabética, destacando os exemplos encontrados com esses verbos nas gramáticas analisadas e nos textos de diferentes gêneros discursivos analisados. Para exemplificar, mostramos o exemplo nomeado E0, que servirá de modelo para todos os exemplos apresentados na pesquisa.

E0			
	<b>Participante</b>	<b>tipo de processo</b>	<b>Outros participantes</b>

(Fonte do exemplo)

Nomeamos como “Participante” o participante que é nosso principal objeto de investigação, que aparentemente não pode ser considerado Ator, nem Meta, nem Beneficiário, nem Cliente, nem Escopo. A identificação do processo será sempre a de processo material<sup>18</sup>, pois corresponde ao processo que abrange todo o nosso trabalho. Outros participantes serão destacados também na análise, de acordo com cada ocorrência. Ainda, os exemplos e sua respectiva análise sistêmico-funcional estão seguidos de uma explanação das dificuldades em categorizar um participante.

Seguindo a etapa de apresentação de resultados, separamos os verbos analisados em ordem alfabética, com a discussão dos resultados obtidos com as análises. Na primeira parte, os verbos que compõem a seção de discussão inicial estão dispostos no Quadro 13. Assim, para cada verbo, existem tantos quantos forem os exemplos encontrados nas gramáticas abordadas no capítulo 1.

Nosso sétimo passo, após uma categorização de 25 processos considerados de análise controvertida por diferentes autores de gramáticas da língua portuguesa, foi a separação desses 25 processos em grupos, agora considerados semanticamente “processos”, conforme características próximas de ocorrências: processos materiais que formam o par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo (G1); processos mentais já categorizados pelo sistema de transitividade da GSF (G2); processos materiais com passividade inerente (G3); processos materiais com análise dependente de

<sup>18</sup> Em alguns casos, apareceram ocorrências de orações com outros processos, com o intuito de ilustrar diferentes possibilidades de análise pela teoria sistêmico-funcional. Nesses casos, o processo foi nomeado como mental, relacional, verbal, comportamental ou existencial, conforme a ocorrência.

interpretação por metáfora (G4); e processos que podem ser interpretados como processo relacional + Atributo (G5).

Conseqüentemente, o oitavo passo foi a análise de 68 orações de cada um dos 25 processos selecionados como de ocorrência ergativas no Corpus Brasileiro da PUCSP, com o objetivo de verificar o contexto de ocorrência, no capítulo 5. Para isso, estabelecemos o critério de buscar ocorrências desses exemplos em cada um dos tempos verbais possíveis em língua portuguesa: no modo indicativo – presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito; no modo subjuntivo – presente, pretérito imperfeito e futuro; nas formas nominais – infinitivo, gerúndio e particípio. Por questões de extensão do trabalho, não apresentamos a análise de todos os exemplos encontrados, já que muitos eram identificados com análises muito semelhantes. Com isso, pretendemos esgotar as possibilidades, a fim de encontrar exemplos de ocorrência ergativas em situações de comunicação real em língua portuguesa.

Assim, o nono passo consistiu na sistematização da nossa proposta de criação de um participante, a ser somado aos participantes já nomeados como Ator, Meta, Beneficiário, Cliente e Escopo, na configuração de processos materiais. Ao final, no décimo passo, reunimos nossas considerações finais acerca de tais ocorrências e, principalmente, reafirmamos a necessidade de categorização desse Participante de processos materiais no sistema de transitividade da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional, em língua portuguesa. Acreditamos que essa categoria é extremamente necessária, dada a frequência e importância desses exemplos nos textos de diferentes gêneros discursivos.

## 4 TRANSITIVIDADE, VOZ E AGENTIVIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, apresentamos nossa primeira análise, de acordo com os sistemas de transitividade e ergatividade da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), dos exemplos encontrados nas gramáticas. Os verbos estão dispostos em ordem alfabética, e os exemplos analisados são tantos quantos forem os encontrados no *corpus* composto pelas gramáticas analisadas e cuja descrição pode ser visualizada no capítulo 4, referente à metodologia adotada.

### 4.1 ANÁLISES DOS ACHADOS EM GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Apresentamos nossa análise a partir de orações coletadas em 17 gramáticas da língua portuguesa. Realizamos um levantamento em livros de autores expressivos e localizamos os verbos por eles considerados de interpretação especial quanto a voz, agência e passividade: BARROS (1540); MACAMBIRA (1978); LUFT (1989); LEITÃO (1995); AZEREDO (1999, 2013); FARACO E MOURA (1999); ABREU (2003); SACCONI (2006); PERINI (2007, 2010); ALMEIDA (2009); BECHARA (2010); CASTILHO (2010); TERRA (2011); CUNHA e CINTRA (2013); BAGNO (2014).

É válido ter presente que, apesar de os exemplos coletados nesta seção serem provenientes de várias gramáticas consideradas de outras abordagens diferentes da nossa, apresentamos, na segunda linha dos quadros ilustrativos, nossa categorização correspondente à da perspectiva sistêmico-funcional, embasamento teórico desta pesquisa.

#### 4.1.1 Abrir

O verbo “abrir” apresentou, no *corpus*, uma única ocorrência apontada por Bagno (2014) como de classificação diferenciada.

E1	Alguém	abriu	a porta.
	<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(BAGNO, 2014)

E2	A porta	abriu	∅
	<sup>19</sup> Participante	<b>processo material</b>	

(BAGNO, 2014)

No primeiro exemplo, a análise sistêmico-funcional revela: “Alguém” é o Ator que desempenha o processo material transformativo “abriu”, visto que provoca uma transformação espacial na porta, que, antes do processo está fechada e, após o processo, está aberta. Esse processo estende-se à Meta “a porta”.

No segundo, o único participante que se relaciona a esse processo é “a porta”, que corresponde ao que nomeamos apenas como Participante, devido à impossibilidade de ser identificado como qualquer um dos outros participantes de processos materiais descritos por Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

Observamos que “a porta” não é o Ator do processo, por não carregar o traço de agentividade essencial a esse participante, isto é, por não ser o agente desencadeador do processo. Da mesma forma, também não pode ser a Meta, pois o processo é intransitivo e tem verbo com estrutura ativa (operativa). Quanto aos demais participantes, “a porta” não é um Escopo do processo porque é um participante diretamente afetado pelo processo, tampouco um Beneficiário ou Cliente, já que não é um participante humano que se beneficia da ação.

Resta-nos, então, identificar “a porta” como um participante essencial do processo, que se configura como ponto de partida da informação, visto que é o Tema (analisando-o de acordo com a metafunção textual). Por isso, podemos identificar “a porta” como o sujeito psicológico da oração. Esse participante é também o sujeito gramatical, mas não o sujeito lógico, visto que não o interpretamos como o agente responsável pelo processo.

Além disso, identificamos que, no exemplo, podemos interpretar “a porta” como o elemento que recebe e executa a ação desempenhada pelo processo “abriu”. No entanto, existiria significativa diferença semântica entre o exemplo E2 e o exemplo “a porta foi aberta”, pois neste caso, entende-se que alguém (um participante implícito) é agente do processo “abriu” e “a porta” recebe a ação desse processo. O sistema de

---

<sup>19</sup> Nomearemos, em nossa análise, como “Participante” os casos que, com nossa proposta de criação de um participante, serão resolvidos e esclarecidos ao final da apresentação da pesquisa.

transitividade fornece categorias para esta interpretação: o agente implícito é o Ator e “a porta” é a Meta, pois o verbo tem estrutura passiva (receptiva), permitindo tal configuração. No exemplo E2, não entendemos como existindo um participante implícito que desempenha o processo de “abriu”, mas sim como um evento que acontece com a porta.

Essa análise de que o processo não possui nenhum participante que o desempenho é comum com processos existenciais, nos quais não existe um participante com traços de agentividade que promova a existência de outro participante. Em exemplos como “Existia uma porta ali”, o participante “uma porta” seria facilmente identificado como o Existente do processo. Porém, no exemplo E2, o processo é material, e não existencial, o que impede, obviamente, essa categorização de “a porta” como Existente.

#### 4.1.2 Alagar

No caso do verbo “alagar”, temos, em Azeredo (2013), um exemplo que representa um fenômeno da natureza e, portanto, talvez sem a ocorrência direta de um agente desencadeador do processo, como se observa no exemplo E3.

E3	A chuva	alagou	a cidade
	<sup>20</sup> Ator/Participante	processo material	Meta

(AZEREDO, 2013)

O processo “alagou” é identificado como um processo material transformativo e transitivo. O participante “a cidade” é a Meta, que sofre o alagamento provocado pela chuva. Ao tentarmos identificar o papel desempenhado pelo participante “a chuva”, a tendência natural é aceitá-lo como Ator, já que ela provoca o alagamento da cidade. Contudo, talvez não seja coerente entender que um ser inanimado possa carregar o traço de agentividade característico de seres animados para, intencionalmente, desempenhar uma ação.

---

<sup>20</sup> Utilizaremos uma dupla identificação separada por “/” em casos nos quais acreditamos que pode haver dúvida na categorização e, conseqüentemente, podem ser abordados em estudos futuros, mas que não serão investigados por nós.

Se tivéssemos um exemplo como “o vilão alagou a cidade”, em um contexto de filme de super-herói, no qual intencionalmente algum personagem alagasse uma cidade com o objetivo de destruí-la, seria possível identificar “o vilão” como o Ator sem dificuldade alguma. Mas no caso do participante “a chuva”, não é possível fazer a mesma análise, já que esta carrega em si mais um traço de circunstância causadora do alagamento do que propriamente o seu agente desencadeador.

Salientamos uma observação pertinente para os exemplos analisados até então. Tanto no caso do participante “a porta”, em “a porta abriu” (exemplo E2, seção 4.1), como no caso de “a chuva” em “a chuva alagou a cidade”, os Participantes “a porta” e “a chuva” parecem ter uma relação próxima com as Circunstâncias de processos: no primeiro caso, a circunstância é de instrumento; no segundo, é de causa.

#### 4.1.3 Amar

A discussão sobre o verbo “amar” foi feita em dois exemplos. A primeira é apresentada por Macambira (1978), na qual o autor observa que, no exemplo E4, não é possível determinar qual dos dois participantes ama quem, nem se ambos se amam mutuamente. É válido ressaltar que o contexto tem um papel essencial na análise de exemplos como este, se considerarmos a perspectiva sistêmico-funcional.

E4	Meu filho	ama	tua sobrinha.
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>

(MACAMBIRA, 1978)

Macambira (1978) destaca a incoerência da tradição gramatical em classificar o verbo “ama”, nesse exemplo, como um caso de voz ativa, já que não se pode afirmar que o sujeito é agente. O sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional já apresenta uma solução para este caso: “amar” é entendido como um processo mental afetivo, no qual existe um Experienciador (“meu filho”) de um Fenômeno (“tua sobrinha”). A GSF deixa claro que o Experienciador de processos mentais difere do Ator de processos materiais, justamente porque não carrega em si a mesma noção

de desencadeador de um processo, mas sim a noção de ser que experimenta um fenômeno que acontece consigo.

O outro exemplo foi encontrado em Barros (1540), uma das primeiras gramáticas escritas em língua portuguesa. O autor considera que o exemplo E5 seja um caso de voz ativa porque pode ser convertido em voz passiva (“a verdade é amada por mim”).

E5	Eu	amo	a verdade.
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>

(BARROS, 1540)

O critério utilizado por Barros (1540) para a definição de ativa e passiva é meramente estrutural, com a possibilidade de conversão de uma voz em outra. Na análise sistêmico-funcional, não é a estrutura que define a identificação do processo, mas sim os papéis desempenhados pelos participantes. Assim, teríamos, tanto em “eu amo a verdade”, quanto em “a verdade é amada por mim”, o participante “eu” (ou “por mim”) como o Experienciador, e o participante “a verdade” como Fenômeno do processo mental “amo” (ou “é amada”).

Assim, percebemos como os traços semânticos que definem a real ação de um participante frente a um processo são componentes essenciais na identificação de qual a sua função e qual é o tipo de processo que desempenha.

#### 4.1.4 Apanhar

O verbo “apanhar” está em um exemplo encontrado também em Macambira (1978), com a proposição de uma discussão acerca do papel do enteado em E6.

E6	O enteado	apanhava	muito	da madrasta.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Ator/Participante</b>

(MACAMBIRA, 1978)

Para o autor, não se pode afirmar que o enteado está praticando ação alguma, já que ele é alvo de uma ação praticada pela madrasta. Esse caso parece bastante interessante para ser analisado sob a ótica da gramática sistêmico-funcional. O participante “o enteado” representa claramente o sujeito gramatical e o sujeito psicológico da oração, mas não é identificado como o sujeito lógico. Afinal, a passividade inerente ao processo “apanhava” (se alguém apanha, é porque recebe uma ação) não permite que interpretemos “o enteado” como agente desencadeador do processo.

Nos termos do sistema de transitividade, temos “apanhava” claramente como um processo material transformativo. Quanto aos demais elementos, o único que não deixa dúvidas quanto à sua categorização é a Circunstância de intensidade “muito”. Os outros dois termos não são identificados com a mesma clareza. Analisando o contexto, “o enteado” sofreu uma ação e “a madrasta” praticou, porém ela não pratica a ação de “apanhar”, pois o próprio processo carrega a noção de passividade que já mencionamos. Caso tivéssemos um exemplo como “A madrasta espancava muito o enteado”, teríamos certamente “A madrasta” como Ator do processo “espancar” e “o enteado” como a Meta. Assim, percebemos que esse exemplo não poderia receber a mesma análise que “O enteado era muito espancado pela Madrasta”, isto é, com “o enteado” sendo a Meta e “a madrasta” o Ator. Parece-nos incoerente identificá-los dessa forma, visto que o processo não é o mesmo. Também não nos parece coerente a identificação desse participante como Beneficiário, pois a sua estrutura em língua portuguesa não nos parece ser a de ocupação de sujeito gramatical do processo.

Assim, identificamos, por ora, “O enteado” como um elemento central para o qual a ação converge e sem o qual não é possível descrever o processo. Da mesma forma, entendemos “da madrasta” como uma especificação do responsável pelo acontecimento.

#### **4.1.5 Aprender**

O verbo “aprender” teve uma ocorrência no *corpus*, em exemplo de Faraco e Moura (1999), analisado no exemplo E7. Para os autores, usando a nomenclatura tradicional, com verbos como “aprender”, tem-se um caso de voz ativa, mesmo que o

sujeito não seja agente da ação expressa pelo verbo, pois o conceito de sujeito é gramatical (ou seja, os autores não consideram sujeito lógico e sujeito psicológico), e existem verbos que carregam uma noção de passividade, à semelhança do que foi observado na análise do verbo “apanhar” (seção 4.4).

E7	Os pais	sempre	aprendem	com os filhos
	<b>Experienciador</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo mental</b>	<b>Circunstância</b>

(FARACO; MOURA, 1999)

Considerando a nomenclatura sistêmico-funcional, e a análise que leva em consideração o contexto, temos que “aprender” carrega uma noção de passividade inerente ao próprio processo. Em E7, entendemos “aprendem” como um processo mental, visto que a pessoa que aprendeu sofre uma alteração de sua capacidade cognitiva ao longo do processo. O termo “sempre” é uma Circunstância de afirmação e tempo. Mas a dúvida surge ao analisarmos os papéis de “os pais” e de “com os filhos”. Se analisarmos exclusivamente a ação que ocorre, ignorando a passividade do verbo, temos “os pais” recebendo uma lição e os filhos praticando uma ação. Assim, classificamos “os pais” como o Experienciador, e “com os filhos” poderia ser um termo entendido como Circunstância.

#### 4.1.6 Arrancar

O exemplo E8, que aparece em Azeredo (2013) com o verbo “arrancar”, merece atenção especial, por apresentar uma ocorrência bastante diferente das encontradas até este momento: um caso em que o participante que deveria corresponder ao agente da ação tem a função, na verdade, de um paciente que sofre com a ação.

E8	Eu	arranquei	um dente	hoje.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Circunstância</b>

(AZEREDO, 2013)

O autor comenta que se trata de um exemplo no qual o sujeito “eu” (usando aqui a nomenclatura tradicional) não é agente da ação “arranquei”, mas sim um experienciador<sup>21</sup> dessa ação. A análise pelo sistema de transitividade não nos fornece um Experienciador de um processo mental seguido de um Fenômeno, apesar da coincidência nos termos utilizados. O processo “arranquei” não corresponde a um processo mental perceptivo, cognitivo, emotivo, nem desiderativo. Temos que “arranquei” é um processo material transformativo e transitivo, porque promove uma mudança de estado em um participante (eu), com uma Meta (um dente) que sofre diretamente a ação desempenhada pelo processo. Ainda, “hoje” desempenha o papel de Circunstância de tempo.

Ao analisarmos a função do participante “eu” na composição do processo surge a dúvida: dependendo do contexto, ele pode ser considerado Ator ou não. Se interpretarmos que o próprio “eu” arrancou o seu dente, teremos um Ator. No entanto, se interpretarmos que ele não arrancou o próprio dente, mas sim que algum dentista o tenha feito, não podemos identificá-lo como Ator. Beneficiário ou Cliente também não é, pois não se beneficia do processo (talvez até se beneficie das consequências do processo, já que o dente poderia estar doendo, mas não do próprio processo); Escopo tampouco é, já que ele sofre diretamente pelo processo. Sabendo que o participante “eu” sofre o processo, nossa tendência seria, nessa interpretação, classificá-lo como Meta, mas já temos uma Meta: “um dente”.

Convém destacar, ainda, que, em ambas as interpretações, o participante “eu” corresponde ao sujeito gramatical e psicológico da oração. No entanto, na primeira análise ele corresponde também ao sujeito lógico, mas na segunda análise não. Essa distinção parece frequente em diversas ocorrências ergativas.

#### **4.1.7 Cortar**

A análise do verbo “cortar” está diretamente relacionada com a recém apresentada na análise do verbo “arrancar” (seção 4.6). O exemplo E9 aparece em Castilho (2010).

---

<sup>21</sup> O termo “experienciador” é grafado aqui com letra minúscula por não se tratar do participante Experienciador que se relaciona a processos mentais, este sim grafado com letra maiúscula.

E9	Eu	cortei	o dedo
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(CASTILHO, 2010)

Castilho (2010) explica que o exemplo surgiu pela voz de um aluno, durante uma aula em que ele explicitava o conceito de voz passiva como sendo aquela em que o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo. Ele informa que o aluno deu o exemplo “eu cortei o dedo”, como um caso em que o sujeito “eu” é o alvo de todo o sofrimento consequente da ação. Destacamos, primeiramente, o curioso raciocínio do aluno, que pensou no exemplo mais lógico possível de sofrimento do sujeito.

Em uma análise sistêmico-funcional, observamos que “cortei” é certamente um processo material transformativo, que transforma a Meta “o dedo” provocando um corte. O participante “eu”, no entanto, encontra uma objeção para ser identificado como Ator: quando alguém corta o dedo, esperamos que essa ação tenha acontecido acidentalmente, e não por vontade da pessoa. A única ação praticada por esse participante seria a de movimentar a mão em direção a algum lugar que provocasse o corte, mas ela não praticaria a ação de “cortar”.

Salientamos, mais uma vez, que, se o autor não houvesse fornecido o contexto da interpretação feita pelo aluno, poderíamos entender que alguém propositalmente praticou a ação de cortar o dedo, sendo assim entendido como um Ator do processo e, além de sujeito gramatical e psicológico, também seria o sujeito lógico da oração.

Acrescentamos, ainda, outra discussão que poderia ser feita a partir do verbo “cortar” em um exemplo como “eu cortei os cabelos”. Nesse caso, além da Meta “os cabelos”, teríamos um participante que tem a intenção de realizar a ação desempenhada pelo processo, mas não é ele quem efetivamente pratica a ação – provavelmente seja o cabeleireiro. Apesar de diferente do exemplo apresentado por Castilho (2010), parece-nos mais um exemplo em que temos um Participante ainda sem definição específica de características.

#### 4.1.8 Decepcionar

Azeredo (1999) apresenta uma categorização para verbos que admitem uma reordenação dos seus constituintes, mantendo-se o mesmo sentido.

E10	O povo	se decepcionou	com o congresso
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno/Circunstância</b>

(AZEREDO, 1999)

E11	O congresso	decepcionou	o povo.
	<b>Participante</b>	<b>processo mental</b>	<b>Experienciador</b>

(AZEREDO, 1999)

Segundo o autor a oração presente em E10 tem o mesmo sentido que E11. Analisaremos primeiramente o exemplo E10. O verbo “decepcionar-se” representa um processo mental emotivo, “com o congresso” pode ser entendido como o Fenômeno ou como uma Circunstância de causa (o congresso é a causa da decepção do povo) e, por fim, “o povo” é identificado como Experienciador da decepção.

A análise desse exemplo não apresenta dificuldades, mas não se pode dizer o mesmo do exemplo E11. Se identificássemos “decepcionou” igualmente como processo mental emotivo, teríamos “o congresso” como Experienciador e “o povo” como o Fenômeno. No entanto, não podemos aceitar como coerente essa análise visto que quem se decepciona é “o povo”. Então, teríamos “o povo” como Experienciador e “o congresso” como Fenômeno, mas essa identificação ainda não nos parece a análise mais adequada.

Entendemos, nesse caso, que vale a pena centrar a análise no significado que o verbo “decepcionou” transmite aos seus participantes. A interpretação é a de que o congresso praticou alguma ação, não se sabe qual (aumentou os impostos, por exemplo) que resultou em uma decepção do povo. Sendo assim, mesmo que entendêssemos “decepcionou” como um processo material, isto é, um processo que provoca uma transformação no povo, não poderíamos entender “o congresso” como Ator, pois não foi a ação de “decepcionar” que ele exerceu, essa ação foi apenas um resultado, uma consequência, de outra ação sua, a qual é desconhecida.

A análise sistêmico-funcional deve levar em consideração o uso real da linguagem, em situações reais de comunicação. Um exemplo como E11 traz muitas informações implícitas, que a princípio não podem ser analisadas sem conhecer o contexto.

Importante observar, ainda, que, em E11, ocorre um fenômeno interessante. O participante “o povo” não é o sujeito gramatical nem o sujeito psicológico da oração (é “o congresso” quem assume esse papel). Entretanto, parece-nos que é o sujeito lógico, já que quem tem certa noção de agentividade sobre o processo é “o povo”.

#### 4.1.9 Derreter

Os exemplo E12 e E13, com o verbo “derreter”, são casos apontados por Azeredo (1999) como verbos em que um termo pode ser tanto seu objeto quanto seu sujeito (usando a nomenclatura gramatical tradicional). Assim, em “o calor derreteu o sorvete”, temos “o sorvete” como objeto direto, mas, em “o sorvete vai derreter”, o termo passa a ser sujeito.

E12	O calor	derreteu	o sorvete.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO,1999)

E13	O sorvete	vai derreter.	∅
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(AZEREDO,1999)

O sistema de transitividade, entretanto, analisa o papel desempenhado pelos participantes em relação ao processo, independente de sua posição na frase ou de aspectos unicamente sintáticos (como a presença ou ausência de preposição). O verbo “derreter” desempenha um processo material, que promove uma transformação na Meta, causada por um Ator. Assim, o mais comum é encontrarmos orações como E12, com o Ator “o calor” provocando uma ação sob a Meta “o sorvete”.

Entretanto, em E13, surge uma aparente incoerência: se considerarmos “vai derreter” como um processo material transformativo, “o sorvete” não pode ser identificado nem como Ator, nem como Meta. Em comparação com E12, deveria ser a Meta, já que sofre a transformação. Mas, sendo a Meta, não conseguiríamos

identificar o Ator responsável pelo derretimento. Mesmo que consideremos um agente implícito da ação de “derreter”, o próprio “calor”, para manter a comparação com entre os dois exemplos, ao inserirmos o segmento de maneira explícita teríamos: “o sorvete vai derreter pelo calor / com o calor / por causa do calor”.

Nesse caso, os segmentos “pelo calor”, ou “com o calor”, ou “por causa do calor”, seriam interpretados como Circunstância de causa, e não como Ator. Por isso, salientamos mais uma vez a proximidade que pode existir entre o papel semântico de Ator e as diversas circunstâncias possíveis em um processo, como as análises dos verbos “abrir” e “alagar”, nos itens 1 e 2, respectivamente, já nos mostraram. O critério que define o Ator como um agente **responsável** (grifo nosso) por uma ação parece ser o que promove a dúvida entre esse participante e uma Circunstância de causa que, em parte, também pode ser entendida como a circunstância **responsável** (grifo nosso) por uma ação.

#### 4.1.10 Empolgar

Com o verbo “empolgar”, ocorre situação semelhante à do verbo “decepcionar” (seção 4.8). Azeredo (1999) afirma que o exemplo E14 pode ser reordenado como E15, sem significativa alteração de sentido. Para explicitar a comparação entre os dois verbos, comparamos os exemplos E14 e E15 com, respectivamente, os exemplos E10 e E11, que correspondem às análises do verbo “decepcionar”.

E14	(Eu)	empolguei-me	com seu discurso
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno/Circunstância</b>

(AZEREDO,1999)

E15	Seu discurso	me	empolgou.
	<b>Participante</b>	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>

(AZEREDO,1999)

A semelhança com a análise de “decepcionar” ocorre principalmente porque a análise de E14 é exatamente a mesma de E10: Experienciador + processo mental + Fenômeno. No exemplo E15, o participante “Eu” está implícito e é Experienciador do processo mental afetivo “empolguei-me”, enquanto o Fenômeno “com seu discurso” indica a causa da empolgação.

Em E15 também percebemos alguma semelhança com o exemplo E11, pelo fato de o processo “empolgar” também parecer desempenhar um processo mental neste caso, já que representa uma experiência do participante “me”, o qual se configura como Experienciador do processo.

Há diferença, porém, na identificação das características do participante “seu discurso”. Em E8 podemos perceber algum traço de agentividade no participante “seu discurso”. Porém, parece mais coerente afirmar que o Dizente desse discurso – entendendo a possibilidade de que, se houve um discurso, é porque alguém, através de um processo verbal, tornou-o um discurso – é quem age simultaneamente sobre o processo material “empolgou”. Entenderíamos, portanto, que, se ocorreu um discurso, é porque alguém proferiu um discurso. Sendo assim, existe um processo verbal implícito no grupo nominal “seu discurso”. O fato de alguém ter proferido esse discurso é, na realidade, o que empolgou o participante “me”. Assim, o participante “seu discurso” assume muito mais uma condição de Circunstância de instrumento, do que de Fenômeno.

#### 4.1.11 Encolher

O verbo “encolher” apresenta duas análises (E16 e E17) bastante semelhantes às análises dos exemplos E12 e E13 (verbo “derreter”), respectivamente. A discussão trazida por Azeredo (1999) é a de que o substantivo “tecido” pode funcionar tanto como objeto direto quanto como sujeito do verbo “encolher”, utilizando uma nomenclatura de acordo com a tradição gramatical do estudo de língua portuguesa

E16	A lavagem	encolheu	o tecido.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO,1999)

E17	Esse tecido	encolhe	após a lavagem.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

(AZEREDO,1999)

Analisando-os de acordo com o sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, as certezas são as de que, em E16 e em E17, o processo “encolher” funciona como um processo material, que promove uma transformação no tamanho do tecido. Também nos parece concreto que, em E16, “o tecido” desempenha o papel de Meta, e que, em E17, “após a lavagem” representa uma Circunstância temporal.

Não ficam tão claras as características que envolvem o participante que ocupa a posição temática em ambos os exemplos. Em E16, “a lavagem” aproxima-se da noção de Ator, por ser o elemento responsável pelo encolhimento do tecido. Porém, uma análise mais detalhada faz com que percebamos a impossibilidade de uma lavagem atuar, livre e conscientemente, sob o encolhimento do tecido. Para que ocorra uma lavagem, é necessário que alguém pratique a ação de lavar. Assim, o substantivo “lavagem” envolve um processo subentendido: “alguém (Ator) lavou (processo material) o tecido (Meta)”. Consequentemente, essa lavagem realizada por um Ator não identificado no contexto é que promoveu o encolhimento do tecido. Não nos parece adequado, portanto, entender “a lavagem” como Ator do processo “encolheu”.

Da mesma forma, em E17, não entendemos “esse tecido” como um Ator do processo “encolhe”, já que fica claro que o tecido é alvo do encolhimento, e não responsável por ele. Poderíamos entendê-lo como uma Meta, já que sofre um encolhimento, mas a estrutura verbal não corresponde a uma estrutura receptiva com um Ator subentendido, como teríamos em “esse tecido foi encolhido”. Nesse último exemplo teríamos “esse tecido” como Meta, “foi encolhido” como processo material em estrutura receptiva (passiva) e “por alguém” como Ator implícito do processo.

Poderíamos dizer, então, que no exemplo E17, temos “esse tecido” como sujeito gramatical e psicológico da oração, mas não lógico. A função de sujeito lógico não é ocupada por nenhum participante explícito nem implícito. Todavia, se tivéssemos um exemplo como “esse tecido foi encolhido”, o sujeito lógico corresponderia a um termo subentendido no contexto.

#### 4.1.12 Engordar

O verbo “engordar” foi problematizado por Perini (2010) em exemplo no qual ele considera que o sujeito é paciente, isto é, sofre o processo descrito pelo verbo (utilizando a nomenclatura gramatical tradicional).

	Eu	engordei	muito	desde março.
E18	<b>Comportante</b>	<b>processo comportamental</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>
	<b>Portador</b>	<b>processo relacional + Atributo<sup>22</sup></b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

(PERINI, 2010)

Em nossa análise, identificamos os segmentos “muito” e “desde março” como Circunstância, respectivamente, de intensidade e de tempo. Acreditamos que o verbo “engordei” pode ser interpretado de duas maneiras. A primeira possibilidade seria entender “engordei” como um processo comportamental, que transforma os atributos físicos do participante Eu. Segundo essa análise, categorizaríamos o participante “Eu” como o Comportante do processo comportamental “engordei”, que representa um processo fisiológico.

A segunda seria como uma paráfrase de “fiquei gordo”, o que o tornaria uma soma de processo relacional + Atributo, entendendo o termo Eu como um Portador. Por essa análise, teríamos a possibilidade de um único processo desempenhar, ao mesmo tempo, o papel de processo somado ao papel de um participante. Entendemos assim, que “engordar” e “ficar gordo” são processos agnatos e que, portanto, não poderiam ter análises de funcionamento diferentes. Entendemos que analisar o verbo “engordei” desdobrando-o em uma forma sinônima (fiquei gordo) abriria um precedente para reanalisar inúmeras outras categorizações dos tipos de processos, entre já analisadas ou não neste trabalho; mesmo assim, acreditamos que seja válido ressaltar a possibilidade, principalmente pelo fato de que só é possível perceber que alguém “engordou” se percebermos o resultado dessa ação, que é justamente “ficar gordo”.

<sup>22</sup> Este hipótese é nossa e será desenvolvida em estudos posteriores.

#### 4.1.13 Ensinar

Câmara Jr. (2011) destaca que E19 é um exemplo de voz ativa porque o processo “ensina”, ao menos na representação linguística, representa uma atividade que parte do termo “o livro”.

E19	O livro	ensina.	Ø
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	

(CÂMARA JR, 2011)

A análise de que, em termos da gramática tradicional do português, “o livro” pode ser entendido como sujeito agente do verbo “ensina” porque o processo parte dele nos parece próxima da noção que se tem de Tema, em termos da gramática sistêmico-funcional. Afinal, o Tema representa, na metafunção textual, exatamente o ponto de partida do enunciado. Como ponto de partida, “o livro” é sujeito psicológico. Por isso, também é facilmente atribuído à noção de sujeito gramatical, termo com o qual o verbo concorda, porém não é entendido como sujeito lógico.

Mas nossa análise corresponde à metafunção ideacional, tentando encontrar, no sistema de transitividade, as respostas para categorizar em participantes já estabelecidos a função desempenhada por certos termos em determinadas orações. No caso de E19, temos um caso semelhante aos já encontrados para outros verbos nesta pesquisa: o termo que a princípio seria identificado como um Ator – mas que propomos que não o seja – apresenta traços de Circunstância de instrumento. Entendemos, então, que alguém pode utilizar o livro com a intenção de ensinar, ou seja, “alguém (Ator) ensina (processo material) com o livro (Circunstância de instrumento)”.

#### 4.1.14 Entupir

O verbo “entupir” é ilustrado por Azeredo (2013) como um exemplo de que o sujeito que não pratica a ação de um verbo é geralmente não humano.

E20	O lixo	entupiu	o banheiro.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO, 2013)

Nossos resultados até aqui parecem comprovar a afirmação do autor, na medida em que os termos que designamos apenas como “Participante” corresponderam, na maioria dos casos, a um participante não humano.

Em E20, entendemos “entupiu” como um processo material que provoca uma transformação na Meta (“o banheiro”), e “o lixo” desempenha um papel que não pode ser descrito por nenhuma das categorias de participantes de processos materiais já conhecidas, sendo, então, identificado apenas como Participante. Esse exemplo ocorre à semelhança de “o lixo enfeia a rua”, apresentado na seção de Introdução desta tese. Em ambos os exemplos, “o lixo” é o sujeito gramatical e também psicológico das orações, mas não representa o sujeito lógico, já que alguém enfeiou a rua colocando o lixo nela e alguém entupiu o banheiro colocando nele o lixo, respectivamente.

Mais uma vez, notamos a proximidade das características desse participante com a de uma Circunstância e, mais uma vez, o valor dessa Circunstância parece ser o de instrumento. Assim, é possível inferir a existência de um participante implícito que colocou o lixo no banheiro e que, conseqüentemente, esse lixo provocou um entupimento.

#### 4.1.15 Esfriar

Também em Azeredo (2013), temos a análise do verbo “esfriou” nos exemplos E21 e E22. Para o autor, esse verbo pertence aos chamados verbos ergativos ou inacusativos, que expressam uma mudança de estado e são empregados ora como transitivos, ora como intransitivos.

E21	O vento	esfriou	a comida.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO, 2013)

E22	A comida	esfriou.	Ø
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(AZEREDO, 2013)

Azeredo (2013) destaca que os exemplos representam, em relação ao sentido, orações análogas, mas não idênticas. Segundo ele, o objeto direto “a comida” (usando a nomenclatura tradicional) em E21, passa a sujeito em E22, conservando, porém, a sua condição de paciente.

Em termos sistêmico-funcionais, temos que “esfriou” é um processo material, que provoca uma transformação. Em E21, “a comida” é certamente a Meta, porque sofre uma transformação quanto à sua temperatura. No entanto, não ficamos seguros em considerar “o vento” como Ator do processo, pois é um participante não humano, que não poderia conscientemente praticar o ato de esfriar a comida. Talvez um ser humano agente que deixasse a comida no vento com a intenção de esfriá-la pudesse ser um Ator implícito, ou talvez simplesmente não haja Ator nesse caso. Em E22, existem semelhanças semânticas para considerar “a comida” como Meta do processo material “esfriou”, mas não há a correspondência sintática: o verbo não tem estrutura receptiva (passiva), conforme já frisamos em outras oportunidades.

Nesse ponto, consideramos pertinente ressaltar as diferentes implicações semânticas entre um exemplo como E22 (“a comida esfriou”) e um exemplo como “a comida foi esfriada”. Observamos que, no segundo caso (exemplo hipotético), teríamos certamente uma Meta (“a comida”) e um processo material com estrutura receptiva (“foi esfriada”). Assim, a interpretação desse exemplo seria a de que alguém provocou o esfriamento daquela comida propositalmente; enquanto, em E31, não haveria a necessidade de alguém ter provocado esse esfriamento, poderia apenas a comida ter naturalmente esfriado, por alguém ter demorado muito para comê-la. É justamente esse tipo de implicação que nos intriga e nos faz questionar a identificação desses participantes nesse tipo de processo.

#### 4.1.16 Ferir

Azeredo (2013) também traz duas análises acerca do verbo “ferir”, com semelhanças e diferenças entre elas. Em ambas, o autor discute as características semânticas do sujeito (nomenclatura tradicional) em relação ao verbo, como não sendo um agente da ação. Ele destaca que os sujeitos não são os praticantes conscientes da ação de ferir alguém ou alguma coisa, nem da ação de ferir a si mesmo.

E23	A corrente do relógio	feriu	meu pulso.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO, 2013)

Nesse exemplo, temos análise semelhante à dos verbos “alagar” e “esfriar”. Assim, existe um participante “a corrente do relógio” que é, aparentemente, responsável pelo processo material (“feriu”) que ocorrem sob a Meta (“meu pulso”). No entanto, se considerarmos que “a corrente do relógio” é um participante não animado e não consciente, não seria possível entendê-lo como Ator do processo, por isso o identificamos como Participante. O Ator do processo poderia estar implícito como a pessoa que colocou o relógio no pulso (provavelmente o próprio “eu” que possui o pulso), ou então ser um caso em que simplesmente não haja Ator responsável pelo processo.

E24	O cachorro	feriu	a orelha	no arame farpado.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Circunstância</b>

(AZEREDO, 2013)

Em E24, observamos uma análise análoga à dos verbos “arrancar” e “cortar”. É coerente identificar “feriu” como um processo material, “a orelha” como a Meta e “no arame farpado” como Circunstância de lugar. Porém, colocar “o cachorro” na função de Ator seria responsabilizar o animal por um provável acidente. Então, “o cachorro” não é o agente responsável pelo ferimento da própria orelha (não sendo o Ator do

processo), deixando esse termo sem uma categoria pré-definida dentre os participantes já descritos por Halliday e Matthiessen (2004; 2014), portanto o identificamos apenas como Participante. Ainda, apesar de não conseguirmos identificar Ator algum responsável pelo processo participante, a gramática sistêmico-funcional afirma que o Ator é um participante obrigatório, seja explícito, seja implícito.

Relembramos aqui que o sistema de transitividade abrange seis tipos de processos que podem ocorrer, agrupando diferentes participantes de acordo com cada processo. Alguns desses participantes são considerados obrigatório, outros opcionais. O que percebemos em nossa análise, ao invés disso, é que existem casos que fogem a essa regra, às vezes com a ausência de um participante obrigatório, às vezes com a aparência de um participante que não tem as suas características descritas.

#### 4.1.17 Guardar

Em exemplo apresentado juntamente aos exemplos E3 (verbo “alagar”), E20 (verbo “entupir”) e E23 (verbo “ferir”), Azeredo (2013) discute o exemplo E25.

E25	O cofre	guardava	os documentos mais preciosos.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO, 2013)

O exemplo é curioso, porque se trata de um processo material (“guardava”) com uma Meta (“os documentos mais preciosos”), mas que não é desempenhado pelo participante “o cofre”. Fica evidente, na interpretação da oração, que alguém utilizou o cofre com a intenção de guardar documentos considerados os mais preciosos. Sendo assim, é clara também a interpretação de que “o cofre” representa apenas os sujeitos gramatical e psicológico da oração. O sujeito lógico corresponderia ao participante não explicitado que utilizou o cofre para guardar “os documentos mais preciosos”.

Assim sendo, acreditamos que não seja coerente considerar “o cofre” como Ator do processo. Afinal, “o cofre” não desempenha ação alguma, ao contrário,

permanece imóvel numa condição de total inércia e passividade. O participante “o cofre” não se beneficia da ação – impedindo que o identifiquemos como Beneficiário ou Cliente –, mas certamente é afetado diretamente pelo processo – não permitindo que o entendamos como Escopo. Resta-nos, novamente, entendê-lo como um Participante, de características ainda não sistematizadas, mas já observadas como recorrentes: a proximidade com as características de uma Circunstância está presente mais uma vez. No caso, poderíamos entender o exemplo E25 como semelhante a “alguém guardava os documentos mais preciosos no cofre”, ainda que houvesse pequenas diferenças entre ambos.

#### 4.1.18 Interessar

O verbo “interessar” é apresentado em dois exemplos por Azeredo (1999) como caso semelhante ao de “decepcionar” e “empolgar”.

E26	(Eu)	não	me interesse	por esse esporte.
	<b>Experienciador</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>

(AZEREDO, 1999)

E27	Esse esporte	não	me	interessa.
	<b>Fenômeno/Participante</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>
	<b>Portador</b>	<b>Polaridade Negativa</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo relacional + Atributo</b>

(AZEREDO, 1999)

O exemplo E26 não apresenta problemas quanto à sua análise sistêmico-funcional: o participante implícito “Eu” é o Experienciador do Fenômeno “por esse esporte”, por meio do processo mental “me interesse”, que está modificado pelo

elemento de polaridade negativo “não”. Destacamos que “interessar-se” não deve ser interpretado como processo material visto que não cria nem transforma nenhum participante, apenas representa um juízo de valor de um determinado participante.

Já no exemplo E27, as dúvidas são muitas. Como identificar o processo “interessa”? Se mantivermos sua identificação como “processo mental”, teríamos que “esse esporte” seria o Fenômeno e “me” o Experienciador. No entanto, acreditamos haver dúvida no entendimento do participante “esse esporte” como Fenômeno e, por este motivo, identificamo-lo apenas como “Participante”.

Uma segunda possibilidade de análise é interpretar a oração presente em E27 como sendo a mesma intenção de “esse esporte não é interessante para mim”. Nesse caso, teríamos a sequência: Portador (“esse esporte”) + polaridade negativa (“não”) + processo relacional (“é”) + Atributo (“interessante”) + Circunstância de ângulo (“para mim”). Se a configuração seria simples para esse exemplo, não o seria tanto para o exemplo E27. Teríamos que considerar “me” como Circunstância de ângulo e “interessa” como uma soma de processo relacional + Atributo.

Observamos, assim, que, em alguns exemplos, a única solução para encontrar uma categorização adequada para determinados participantes e determinados processos é, mediante a interpretação do contexto da oração, aproximar o sentido dessa oração ao de outras orações que possuem participantes com características específicas suficientes para serem identificados.

#### **4.1.19 Levar**

Em Sacconi (2006) e Terra (2011) encontramos exemplos equivalentes de análise do verbo “levar”, nomeados como E28 e E29, respectivamente. Ambos os autores consideram esse um caso de voz ativa, porque a estrutura do verbo é a de voz ativa, mesmo que o sujeito não pratique a ação do verbo (utilizando a nomenclatura da tradição gramatical). Para Sacconi (2006), o verbo tem sentido passivo, mas a voz verbal não é passiva e, para Terra (2011), o sujeito sofre a ação, mas a voz não é passiva porque não há o clítico “se” ligado ao verbo, nem a forma auxiliar seguida de participio.

E28	Ele	levou	uma surra.
	<b>Cliente/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Escopo</b>

(SACCONI, 2006)

E29	O menino	levou	uma surra.
	<b>Cliente</b>	<b>processo material</b>	<b>Escopo</b>

(TERRA, 2011)

O sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional já oferece categorias que resolvam a questão do termo “uma surra”, que é considerado Escopo do processo material “levou”. Afinal, “levar uma surra” equivale a “apanhar”, o que faz com que o termo “uma surra” não seja diretamente afetado pelo processo, mas seja uma parte dele, o que caracteriza a figura do Escopo.

Nossa dúvida recai novamente sobre a função do participante “ele” ou “o menino”. Como analisamos na seção referente ao verbo “apanhar”, a expressão “levar uma surra” já se caracteriza, por si só, como uma expressão passiva, um processo que representa alguém que sofre uma ação, e não alguém que a pratica por vontade própria. Sendo assim, não poderíamos classificar “o menino” como Ator, tampouco poderia ser considerado uma Meta, dada a estrutura do verbo. Identificamos esse participante, então, como o Participante que pretendemos sistematizar.

#### 4.1.20 Partir

Para Bagno (2014), o exemplo E30 é um caso de queda do clítico “se”, em que as orações “o eixo da roda partiu” e “o eixo da roda partiu-se” são equivalentes. O autor ainda chama esse tipo de construção de ergativa, no sentido de que um termo que deveria ser o objeto direto, por sua característica de paciente, assume a condição de sujeito (termos da nomenclatura gramatical tradicional).

E30	O eixo da roda	partiu.	∅
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(BAGNO, 2014)

O sistema de transitividade da GSF analisa o verbo “partiu” como desempenhando um processo material, já que processa uma transformação do seu participante. O participante “o eixo da roda” é quem sofre essa transformação, mas a estrutura do verbo não lhe permite ser identificado como Meta que sofre um processo praticado por um Ator implícito no contexto. Observamos, nesse momento, que também parece haver uma constância na identificação de um Participante quando o processo demonstra ações que acontecem com o participante, e não ações que alguém pratica.

#### 4.1.21 Quebrar

O verbo “quebrar” foi encontrado em quatro exemplos nas gramáticas pesquisadas. Desses, três apresentam análises bastante semelhantes. Apresentaremos, portanto, primeiramente, as três análises que convergem em relação às ocorrências, nos exemplos E31, E32 e E33. Posteriormente, apresentaremos a análise que diverge dos três primeiros casos, no exemplo E34.

E31	A vidraça	quebrou.	∅
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(PERINI, 2007)

E32	O pires	quebrou.	∅
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(ALMEIDA, 2009)

E33	O espelho	quebrou.	∅
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	

(BAGNO, 2014)

Os autores trazem explicações diferentes para o fenômeno explicitado nos exemplos. Para Perini (2007), em exemplos como E31, não há agente na representação semântica, ao contrário do que acontece, por exemplo, em “meu livro foi rasgado”, em que o agente está implícito na frase. Almeida (2009) tem opinião exatamente oposta: para ele, em E32 fica evidente que alguma coisa quebrou o pires (o vento ou alguma pessoa), e esse alguém é que deveria ser considerado o sujeito. Por fim, Bagno (2014) acredita que se trata de caso semelhante ao que já explicitamos neste trabalho na análise do verbo “partir”, com a queda do clítico “se” do exemplo “o espelho se quebrou”, característico do português brasileiro atual.

A única diferença entre os três exemplos é o objeto que sofreu o processo material “quebrou” em cada caso: a vidraça, o pires ou o espelho, respectivamente. A dúvida recai justamente sobre a análise deste termo. Não é um Ator, porque não é o responsável pela quebra. Não pode ser a Meta pela estrutura do verbo, nem pode ser Beneficiário, Cliente ou Escopo, por não se enquadrar em tais características.

E34	Pedro	quebrou	o braço	numa queda.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Circunstância</b>

(AZEREDO, 2013)

O exemplo E34 apresentado por Azeredo (2013) difere bastante dos outros três exemplos de ocorrências do verbo “quebrar”, porque apresenta dois participantes relacionados diretamente ao processo. Assim, “quebrou” é um processo material, “o braço” é a Meta (o participante que sofre diretamente a quebra) e “numa queda” é a Circunstância temporal. A problemática centra-se na identificação do participante “Pedro”. A análise é semelhante à que temos para os verbos “arranquei” (seção 4.6) e “cortei” (seção 4.7), pois permite duas interpretações.

Da mesma forma que “arranquei”, o verbo “quebrou” não desempenha, na nomenclatura sistêmico-funcional, um processo mental para que “Pedro” seja considerado um Experienciador, como o classificou, utilizando uma definição não técnica, o autor.

Uma primeira análise possibilitaria entender “Pedro” como Ator do processo, entendendo que ele propositadamente praticou a ação de quebrar o seu braço. Isso faria com que entendêssemos “Pedro” como sujeito gramatical, psicológico e lógico da oração. No entanto, uma segunda análise (e essa nos parece mais adequada) permitiria entendermos que “Pedro” é um participante diretamente relacionado ao processo “quebrou”, mas que também sofre a quebra, motivada por algum fator externo não explicitado na oração. Não seria conveniente dizer que “Pedro” se beneficiou de alguma forma dessa quebra de braço, o que nos leva a identificá-lo somente como um Participante.

Observamos aqui que temos a plena consciência de que o termo identificado como Participante no exemplo E34 possui características semânticas bastante diferentes do Participante nos exemplos E31, E32 e E33. Por ora, não estamos fazendo essa diferença entre os participantes (nomeando-os diferentemente) porque nossa intenção é agrupar os participantes com características similares e diferenciar, ao final do trabalho, aqueles que não as possuem.

#### **4.1.22 Receber**

O verbo receber foi encontrado em cinco exemplos no *corpus*. Diferentemente do verbo “quebrar” (seção 4.21), no entanto, dessa vez as ocorrências podem ser todas analisadas da mesma maneira, sob o ponto de vista sistêmico-funcional, embora os autores Luft (1989), Leitão (1995), Faraco e Moura (1999), Bechara (2010) e Terra (2011) apresentem opiniões diferentes sobre o que ocorre. Enquanto os dois primeiros consideram “o lobo” e “os criminosos” como sujeitos agentes do verbo “receber” (exemplos E35 e E36) simplesmente por serem o ponto de partida da afirmação – ou seja, o sujeito psicológico – os outros três autores entendem que são casos de voz ativa pela estrutura verbal – ou seja, o sujeito gramatical –, mesmo que o verbo contenha uma noção de passividade (exemplos E37, E38 e E39). Nos cinco casos, o participante identificado como sujeito pelos autores das obras de onde os exemplos foram retirados não correspondem à noção hallidayana de sujeito lógico.

E35	O lobo	recebe	um tiro.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(LUFT, 1989)

E36	Os criminosos	receberam	o presente.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(LEITÃO, 1995)

E37	O cantor	recebeu	muitos aplausos.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(FARACO; MOURA, 1999)

E38	Os criminosos	recebem	o merecido castigo.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(BECHARA, 2006)

E39	O animal	recebeu	um tiro.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(TERRA, 2011)

Pelo sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, o verbo “receber”, independentemente do tempo e da pessoa verbal em que esteja conjugado, é um processo material, e os termos subsequentes “um tiro”, “o presente”, “muitos aplausos” e “o merecido castigo” representam a Meta, isto é, aquilo que foi recebido. No entanto, os participantes que antecedem o processo, em posição temática, não

apresentam traços semânticos de Ator, porque não é possível que pratiquem a ação de receber, dada a passividade inerente ao próprio processo.

#### 4.1.23 Rolar

O verbo “rolar” obteve uma ocorrência em Abreu (2003), que considerou “uma pedra”, no exemplo E40, como um sujeito não prototípico, por ser um participante não agente, não humano e não determinado.

E40	Uma pedra	rolou	daquele morro.
	<b>Ator/Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

(ABREU, 2003)

O exemplo E40 nos pareceu um dos mais complexos a serem analisados. Numa observação prévia, não haveria problemas em destacar “uma pedra” como Ator do processo material “rolou”, que aconteceu na Circunstância de localização “daquele morro”. Uma análise mais minuciosa, no entanto, fez com que percebêssemos que “uma pedra”, na verdade, não é o agente responsável pelo rolamento, mas sim o participante que sofre o rolamento. O agente responsável por esse rolamento (que será entendido como o sujeito lógico da oração) é parte de um infinito de possibilidades: o vento (se a pedra for leve), um terremoto, uma pessoa que a empurrou, um animal, entre outros. Portanto, é essencial que se analisem, à luz da teoria sistêmico-funcional, os exemplos em acordo com a ação que realmente se desenvolve durante o processo.

#### 4.1.24 Secar

Azeredo (1999) discute a possibilidade de alguns verbos possuírem um termo que pode funcionar tanto como seu sujeito quanto como seu objeto direto (em termos da tradição gramatical). Dois desses verbos já foram analisados (“derreter” e “encolher”). Agora, apresentamos a análise das ocorrências do verbo “secar” encontradas no *corpus*.

E41	Ela	secou	as roupas.
	<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

(AZEREDO, 1999)

E42	A roupa	secou	rapidamente.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>
	<b>Portador</b>	<b>processo relacional + Atributo</b>	<b>Circunstância</b>

(AZEREDO, 1999)

O exemplo E41 possui uma análise simples, utilizando as funções propostas pelo sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional: “Ela” é Ator do processo material transformativo e transitivo “secou”, que tem como Meta “as roupas”. A problemática tratada neste trabalho se estabelece no exemplo E42. Apesar de ser fácil afirmar que “secou” continua sendo um processo material transformativo e que “rapidamente” é uma Circunstância de modo, não encontramos a mesma facilidade na análise de “a roupa”. É certo que “a roupa”, em E42, não tem a mesma agentividade do termo “Ela” em E41, o que não nos permite identificar esse termo como Ator. Da mesma forma, “a roupa” não pode ser entendida como Meta, dada a estrutura ativa (operativa) do verbo.

Ainda, destacamos uma segunda possibilidade de análise. Semelhantemente ao que acontece com “engordar” e “interessar”, o verbo “secou” poderia ser entendido, em E42, como uma soma de processo relacional + Atributo. Assim, teríamos que o exemplo pode ser interpretado como “A roupa ficou seca rapidamente”, em que “a roupa” é Portador, “ficou” é processo relacional e “seca” é Atributo. Dessa forma, se “secou” é processo que se aproxima semanticamente de “ficou seca”, também pode ser entendido como a soma de um processo com um participante.

#### 4.1.25 Sofrer

Faraco e Moura (1999) explicam o que ocorre no exemplo E43 como sendo um caso em que o verbo está na voz ativa, mas carrega em si uma noção de passividade. Por esse motivo, “o prefeito” é gramaticalmente o sujeito do verbo, mesmo que não pratique a ação expressa pelo verbo. Conforme já destacamos na análise do verbo “aprender” (seção 4.5), os autores utilizam um critério meramente gramatical: “o prefeito” é o sujeito gramatical da oração (e também o sujeito psicológico), mesmo não sendo o sujeito lógico.

E43	O prefeito	sofreu	severas críticas.
	<b>Experienciador/Participante</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>

(FARACO; MOURA, 1999)

Analisando o exemplo de acordo com o sistema de transitividade da GSF, percebemos que “sofreu” é um processo mental emotivo. Por meio dele, “o prefeito” é o Experienciador das “severas críticas”, o Fenômeno.

Ao compararmos o verbo “sofrer”, aqui analisado, com o verbo “receber” (item 22), percebemos que a diferença de análise se baseia no processo desempenhado pelo verbo. Como “sofrer” é um processo tipicamente mental, é simples identificar “o prefeito” como Experienciador e “severas críticas” como Fenômeno. Porém, como “receber” não é processo mental, mas sim material, se tivéssemos um exemplo como “o prefeito recebeu severas críticas”, poderíamos entender as “severas críticas” como a Meta, mas não conseguiríamos atribuir as características de Ator ao primeiro participante, visto que não tem a agentividade sobre o processo.

#### 4.2 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Após a análise dos exemplos que compõem o *corpus* de gramáticas, conseguimos categorizar os 25 verbos em 5 grupos descritos no Quadro 14.

Quadro 14 – Grupos de processos na análise do *corpus* gramáticas

G1	G2	G3	G4	G5
<p><b>Processos materiais que formam o par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo.</b></p>	<p><b>Processos mentais (já categorizados pelo sistema de transitividade da GSF).</b></p>	<p><b>Processos materiais com passividade inerente.</b></p>	<p><b>Processos materiais com análise dependente de interpretação por metáfora.</b></p>	<p><b>Processos que podem ser interpretados como Processo relacional + Atributo.</b></p>
<p><i>ABRIR</i> <i>ALAGAR</i> <i>DERRETER</i> <i>ENCOLHER</i> <i>ENTUPIR</i> <i>ESFRIAR</i> <i>QUEBRAR</i> <i>SECAR</i></p>	<p><i>AMAR</i> <i>APRENDER</i> <i>DECEPCIONAR</i> <i>EMPOLGAR</i> <i>SOFRER</i></p>	<p><i>APANHAR</i> <i>LEVAR</i> <i>PARTIR</i> <i>RECEBER</i> <i>ROLAR</i></p>	<p><i>ARRANCAR</i> <i>CORTAR</i> <i>ENSINAR</i> <i>FERIR</i> <i>GUARDAR</i></p>	<p><i>ENGORDAR</i> <i>INTERESSAR</i></p>

Fonte: (elaborado pelo autor)

Assim, pretendemos, à luz da teoria sistêmico-funcional, determinar as características do participante não nomeado encontrado nas análises desses verbos, ilustrando-as dentro de um contexto específico.



## 5 A SISTEMATIZAÇÃO DE UM NOVO PARTICIPANTE

Neste momento, situados na metafunção ideacional da LSF, apresentamos análises de processos materiais – seguindo as categorias dos sistemas de transitividade e ergatividade da gramática sistêmico-funcional – encontrados no Corpus Brasileiro da PUC-SP<sup>23</sup>, conforme destacado na seção referente à explicitação da metodologia adotada.

Sendo assim, nesta seção, expomos a análise de ocorrências em 68 exemplos dos 25 diferentes verbos, agora categorizados como processos, demonstrados no capítulo anterior, separados conforme os grupos de ocorrência: processos materiais que formam o par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo; processos mentais já categorizados pelo sistema de transitividade; processos materiais com passividade inerente; processos materiais com análise dependente de interpretação por metáfora; processos que podem ser interpretados como processo relacional + Atributo.

Como já destacamos, ao longo da tese, enfocamos, neste momento, apenas exemplos de orações que apresentam a questão central discutida nesta tese: um Participante de processos materiais que não pode ser identificado como Ator, nem como Meta, nem como Beneficiário, nem como Cliente, nem como Escopo Propomos, com isso, a criação de um participante no sistema de transitividade, tomando como ponto de partida a ergatividade.

### 5.1 PROCESSOS MATERIAIS QUE FORMAM O PAR NOMINATIVO-ACUSATIVO/ERGATIVO-ABSOLUTIVO.

Primeiramente, os oito (8) processos que, nas análises, acusaram a formação do par nominativo/ergativo e que foram buscados do Corpus Brasileiro PUC-SP.

#### 5.1.1 Abrir

A análise do processo “abrir” demonstrou diferentes e numerosas ocorrências cujo foco está no participante que estará aberto, e não naquele que efetivamente realiza a ação.

---

<sup>23</sup> Todos os exemplos desta seção foram retirados do CB-PUC.

Ainda sobre o tema moda e artes plásticas, **abre** nesta quarta a exposição de Pinky Wainer, 42, com suas telas de lindos vestidos.

E44	abre	nesta quarta	a exposição de PinkyWaine, 42, com suas telas de lindos vestidos
	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Participante</b>

Em E44, o processo material “abre” aparece seguido da Circunstância temporal “nesta quarta”. Na sequência, “A exposição de PinkyWaine, 42, com suas telas de lindos vestidos” desempenha um papel essencial na configuração do processo, já que representa “aquilo que estará aberto”. Percebemos, claramente, que a intenção do autor da oração é a de informar aos leitores quando se dará a abertura da exposição de PinkyWaine. Sendo assim, não podemos identificar este participante como Ator do processo de abertura. Afinal, não é ele o responsável por desencadear o processo, e sua ação provoca um resultado. O Ator do processo, analisando contextualmente, é provavelmente representado pelos organizadores da exposição, ou pelo próprio artista que “abrirá as portas” para o público conhecer o seu trabalho – é o causador do processo, o responsável pela realização da ação. Além de ficar implícito que o Ator do processo, podemos perceber que o aspecto temporal também é importante aqui – o tempo é pontual (“nesta quarta”).

Algumas das danceterias **abrem** às 6h.

E45	Algumas das danceterias	abrem	às 6h
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

No exemplo E45, a intenção do autor é a de informar o horário de abertura (representado pela Circunstância temporal “às 6h”) de algumas danceterias. Observamos, nesse caso, que “algumas das danceterias” representam o foco do processo, o ponto de partida da informação – aqui em posição temática. Sendo assim, não podemos classificar este Participante como Ator, tampouco como Meta. A Meta de um processo corresponde ao participante sobre o qual o processo se desdobra,

sendo criado ou transformado por este processo. Não nos parece ser o que ocorre com “Algumas das danceterias” neste exemplo.

Uma porta secreta subitamente **abriu** e Yuri pôde escapar.

E46	Uma porta secreta	subitamente	abriu
	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo material</b>

Nesse exemplo, o autor cria um suspense no processo de abertura de uma porta secreta, reforçado pela Circunstância “subitamente”, indicadora de aspecto pontual, como se não soubesse (ou não quisesse informar) quem foi o responsável pela abertura da porta, a qual constitui um acontecimento (GARCIA, 2013). Em termos sistêmico-funcionais, não ser possível identificar o responsável pelo processo equivale a não ser possível identificar o Ator. Sendo assim, o foco da informação recai, mais uma vez, sobre “Uma porta secreta”, em posição temática, que representa um Participante diretamente afetado pelo processo, e não uma mera extensão desse processo, como o seria se fosse uma Meta. Fica evidente na análise desse exemplo a formação do par acusativo/ergativo entre “uma porta secreta abriu” e “alguém abriu uma porta secreta”.

As portas externas **abriam** sem o elevador estar no pavimento.

E47	As portas externas	abriam	sem o elevador no pavimento.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

E47 mostra um exemplo em que se destaca uma reclamação acerca de um defeito nas portas externas do elevador. Afinal, estas abriam sem a presença do elevador para que o usuário entrasse. O processo material tem como foco um Participante que não é o Ator responsável pela abertura, nem a Meta de extensão do processo. Antes, parece aproximar-se de uma Circunstância de instrumento: as portas seriam o instrumento utilizado para realizar o processo de abertura. No entanto, este

Participante, além de não possuir características estruturais de Circunstância, é o foco principal da mensagem, isto é, o Participante obrigatório a partir do qual emerge toda a informação. Circunstâncias são elementos que, se descartados, não comprometem a estrutura da frase. Em virtude disso, conseguimos identificar “As portas externas” como sujeito gramatical da oração, mas não como sujeito lógico.

Loja **abrirá** domingo para o Dia dos Pais da Reportagem Local Os shoppings de São Paulo e a maioria das lojas de confecção e calçados ficarão abertos no próximo domingo, que antecede o Dia dos Pais.

E48	Loja	abrirá	domingo	para o dia dos pais
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

No exemplo E48, temos um anúncio que tem como finalidade esclarecer para os leitores que uma determinada loja estará aberta em um determinado domingo para que os consumidores possam comprar presentes para o dia dos pais. Fica implícito na análise da oração que o responsável pelo desencadeamento do processo é o dono da loja, ou alguém com o mesmo poder para tomar tal decisão. Assim, a Loja não é o Ator do processo. Essa análise retoma a noção de metáforas de transitividade (DAMASCENO, RODRIGUES E NOBRE, 2014). Da mesma forma, não faria sentido alguém anunciar que “O dono da loja abrirá a loja no domingo para o dia dos pais”. Afinal, a informação que é interessante para o leitor é a de que a loja estará aberta, e não a de quem será o responsável por deixá-la aberta. Assim, percebemos, novamente, que o Participante que estamos analisando é sempre o foco principal, o centro, o eixo sobre o qual circula todo o restante da informação.

Embora E44, E45, E46, E47 e E48 se comportem à semelhança das metáforas de transitividade preconizadas por Damasceno; Rodrigues e Nobre (2014), julgamos pertinente, uma vez que estamos abordando a ergatividade, considerar os participantes “a exposição de PinkyWaine, 42, com suas telas de lindos vestidos”, “algumas das danceterias”, “uma porta secreta”, “as portas externas” e “loja” como os seres que foram impactados pela ação de outrem – o causador do acontecimento (GARCIA, 2013).

### 5.1.2 Alagar

Nas análises do processo “alagar”, notamos como mais pertinentes os processos com foco no ente que foi alagado e não naquele que alagou. Isso se justifica pelo fato de que em todos os casos o responsável pelo alagamento foi a chuva. Essa previsão bastante lógica parece fazer com que os autores das frases não considerem necessário destacar o Ator do processo, mas sim outro participante.

Em março do ano passado, ele perdeu tudo o que tinha porque **alagou** tudo depois de uma chuva .

E49	alagou	tudo	depois de uma chuva
	<b>processo material</b>	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>

Em E49, percebemos a informação contextual da data de ocorrência do alagamento e da afirmação de que uma determinada pessoa perdeu tudo o que possuía. A justificativa para a perda é o fato de que após uma chuva, seus pertences foram alagados. Diante disso, identifica-se: o processo material “alagou”, a Circunstância temporal “depois de uma chuva” e o Participante “tudo” que representa “aquilo que foi alagado”, tomando característica de apassivado (BECHARA, 2010; CAMARA JR, 2011). Por essa razão, não temos “tudo” como um Ator (antes, a chuva poderia, de maneira implícita, ser identificada como Ator responsável pelo processo). Entendemos, assim, que “tudo” é o foco do processo, inclusive pelo fato de o lamento por a pessoa ter perdido tudo ser a principal intenção da informação dada.

Ruas **alagam** na zona sul de São Paulo As avenidas da zona sul foram as mais alagadas pelas chuvas de ontem, segundo a CET.

E50	Ruas	alagam	na zona sul de São Paulo
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Nesse exemplo, temos uma clássica manchete de jornal que informa aos leitores em qual localidade (Circunstância de lugar) ocorreu um alagamento de ruas. Fica evidente, mesmo sem estar explicitado, que o Ator responsável pelo processo é a chuva. Todavia, o autor da manchete dá destaque às Ruas como foco da informação. Assim, o participante principal diretamente relacionado ao processo é mais uma vez um ente afetado pelo processo, e não o seu agente responsável.

Ruas **alagaram**, casas desmoronaram, um açude rompeu e uma ponte desabou.

E51	Ruas	alagaram
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Semelhante ao exemplo anterior, E51 ganha o reforço contextual de “casas” que sofreram o processo de desmoronamento, de “um açude” que sofreu um rompimento e de “uma ponte” que sofreu um desabamento. Nessa linha de raciocínio, interpretamos o exemplo como um caso em que “Ruas” sofreram um alagamento. Essa passividade presente na caracterização do Participante aliada a um verbo cuja estrutura não é a de passividade corresponde justamente ao nosso objeto de análise. Fica claro que “Ruas” não pode ser considerado Ator nem Meta do processo material “alagaram”.

pelo menos 4 casas desmoronaram e Jardim Pantanal voltou a **alagar**

E52	Jardim Pantanal	voltou a alagar
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Em E52, mais uma ocorrência semelhante às anteriores, mas com uma ênfase no fato de que o Participante “Jardim Pantanal” ter “voltado a alagar” e não simplesmente “alagado”. Sendo assim, parece-nos que a intenção do autor é dar destaque à reincidência dos alagamentos no Jardim Pantanal. Novamente, não há um destaque explícito ao Ator responsável pelos alagamentos, pois não faria sentido que fosse outro que não a chuva.

Quando chove, as aulas são suspensas porque a escola **alaga** facilmente.

E53	A escola	alaga	facilmente
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

No último exemplo de destaque às análises do processo “alagar”, notamos que é possível recuperar o Ator responsável pelo alagamento da escola em orações anteriores: “Quando chove” deixa implícito que é a chuva quem desencadeia o processo de “alagar”. Na oração analisada, entretanto, o foco é dado à escola, que precisa suspender as aulas em função do alagamento recorrente a cada nova chuva.

### 5.1.3 Derreter

Com o processo “derreter”, identificamos uma constância nos exemplos ergativos: o objeto que sofre o derretimento ganha a posição de destaque como principal participante do processo. De forma semelhante à análise do verbo “alagar”, encontramos exemplos em que fica implícita por uma questão lógica que o agente responsável pelo derretimento é o calor.

Só não se atrase, porque senão o sorvete **derrete**.

E54	O sorvete	derrete
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Num dos poucos exemplos sem a presença de uma Circunstância atuando juntamente ao processo, temos em E54 um Participante que claramente não é o responsável pelo derretimento. Sendo assim, “o sorvete” não é o Ator do processo material. Pela análise contextual, poderíamos entender, de certa forma, o atraso do interlocutor como responsável indireto pelo processo de derretimento, isto é, se o interlocutor se atrasar, o calor derreterá o sorvete.

Nesse período, muitos icebergs **derretem** sob o sol.

E55	Muitos icebergs	derretem	sob o sol.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Em E55, o autor da frase afirma que “nesse período” (contextualmente, pudemos recuperar que o período se trata do verão), o sol é responsável pelo derretimento de muitos icebergs. Dado que o sol é o responsável, só não poderíamos entendê-lo como Ator do processo por não estar diretamente relacionado ao processo e sim mediado por uma preposição. O termo “sob o sol” fica identificado como Circunstância de lugar, e interpretamos como “quando estão localizados sob o sol, muitos icebergs derretem”. Com essa análise, resta-nos identificar a função de “Muitos icebergs”, termo que, ao mesmo tempo, sofre o processo, mas é um Participante essencial do processo, por estar diretamente relacionado ao derretimento, com um verbo em estrutura optativa.

A geladeira estragou e o gelo **derreteu**.

E56	O gelo	derreteu
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Exemplo clássico e bastante semelhante a outros encontrados na pesquisa em muitas gramáticas, destacamos o fato de que “o gelo” não é o responsável pelo derretimento, mas sim o ente que sofre essa ação. Ainda, é possível verificar, na oração anterior, que o motivo provocador do derretimento é o fato de a geladeira ter estragado. Cabe aí uma associação interessante: a geladeira estragou, logo o calor atuou, logo o gelo derreteu. Antes de identificar “o gelo” como Ator, portanto, poderíamos considerar “o calor” ou “o estrago da geladeira” como termo que desempenha esse papel atuante no derretimento.

Ambicioso, Ícaro tentou alcançar o sol, mas suas asas **derreteram**.

E57	Suas asas	Derreteram
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Neste exemplo, encontramos, na oração imediatamente anterior, o agente responsável pelo derretimento das asas de Ícaro: o sol. Assim, “o sol” poderia ser considerado um “Ator implícito” da ação, embora não possa, estruturalmente, ser Ator do processo “derreter”, visto que o verbo não concordaria com esse termo, mas sim com “suas asas”. Diante disso, notamos que é o termo “suas asas” que está diretamente relacionado ao processo, mesmo não atuando sobre ele, e sim sofrendo a ação desencadeada.

As bases líquidas usadas até então **derretiam** com mais facilidade embaixo do calor das câmeras e exigiam vários retoques.

E58	As bases líquidas usadas até então	derretiam	com mais facilidade	embaixo do calor das câmeras.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

No exemplo E58, encontramos referência ao modo (“com mais facilidade”) e o local (“embaixo do calor das câmeras”) em que “bases líquidas” derretiam. Podemos inferir dessa construção que “o calor das câmeras” era o responsável não só por derreter as bases líquidas, mas também por facilitar esse processo. Assim, se existe um Ator nessa ação, é o calor das câmeras. Fica claro que “as bases líquidas usadas até então” são o paciente da oração, apesar de serem o foco principal da informação, já que aparecem em posição temática.

As análises do processo “derreter” vão ao encontro do que fora apresentado por Abraçado e Vale (2014): “o ergativo não implica ausência de uma causa, mas sim uma maneira mais implícita de apresentá-la”. (ABRAÇADO & VALE, 2014, p.127). Sendo assim, nesse caso existe uma intenção de deixar a causação do acontecimento implícita.

### 5.1.4 Encolher

Nas análises do processo “encolher”, percebemos que existe uma passividade quase inerente ao próprio processo, apesar de orações em que aparece o modelo “agente + processo material “encolher” + paciente” tenham ocorrido. O caráter ergativo das construções com esse verbo mostra um participante que “é encolhido”.

Todos os filmes, com o tempo, **encolhem** .

E59	Todos os filmes	com o tempo	encolhem
	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo material</b>

Em E59, o Participante “Todos os filmes” é o ente que sofre o encolhimento. Parece-nos que a Circunstância de causa “com o tempo” poderia, semanticamente, ser entendida como um Ator. Assim, o exemplo permitiria a leitura: “o tempo encolhe todos os filmes”.

Segundo ele, a empresa **encolheu** nos últimos anos e está operando com 50 % da capacidade."

E60	A empresa	encolheu	nos últimos anos
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Empregado em linguagem metafórica, o processo “encolheu” refere-se a uma empresa que diminuiu o número de serviços e de funcionários empregados. Assim, “a empresa” é o elemento mais importante da informação, diretamente relacionado ao processo de encolhimento. A Circunstância temporal marca em que época o encolhimento ocorreu.

Quem está à procura de um imóvel novo já sabe que os apartamentos **encolheram** definitivamente nos últimos anos, em nome da redução de custos .

E61	Os apartamentos	definitivamente	encolheram	nos últimos anos	em nome da redução de custos
	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

E61 parece ser exatamente igual a E60, excetuando-se o acréscimo de mais duas Circunstâncias. No entanto, o exemplo E61 ainda permite a recuperação do responsável pelo encolhimento: a redução de custos. Convém destacar, desse modo, que é bastante frequente no *corpus* a identificação do agente responsável por desencadear o processo na própria oração, manifestado na forma de Circunstância.

Mas, enquanto as famílias **encolhiam**, as particulares investiam em expansão, apostando no envelhecimento da sua clientela.

E62	As famílias	encolhiam
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O exemplo E62 traz mais um caso de construção metafórica, em que o processo “encolhiam” simboliza a diminuição no número de membros de uma família. Dessa forma, “as famílias” é o único participante relacionado ao processo, e, claramente, não é o Ator responsável por esse encolhimento.

Entre outros aspectos, Romito diz que o selo garantirá que a roupa comprada não **encolherá**, desbotará ou se rasgará com facilidade .

E63	A roupa comprada	não	encolherá
	<b>Participante</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>processo material</b>

No exemplo E63, a análise contextual informa sobre um selo que constará em roupas expostas em lojas, que garante ao consumidor, entre outras coisas, o não encolhimento. Surge, então, uma análise diferente das demais feitas até o momento: não é possível recuperar o agente responsável pelo encolhimento, pois o objetivo da mensagem é informar que, independentemente do agente que atue, a roupa não irá sofrer um encolhimento.

### 5.1.5 Entupir

As análise de ocorrências do processo “entupir” apresentaram como destaque um efeito semântico de resultado, isto é, os processos destacam como participante principal o resultado do entupimento. Assim, o destaque, mais uma vez, não é para o agente da ação verbal.

Devido à grande quantidade de lixo no Vale do Anhangabaú, a maioria dos bueiros **entupiu** com a forte chuva que atingiu a região na tarde de ontem.

E64	a maioria dos bueiros	entupiu	com a forte chuva
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

O exemplo E64 apresenta a configuração de uma Circunstância de causa que, semanticamente, poderia ser lida como o Ator responsável pelo processo (“a forte chuva entupiu a maioria dos bueiros”). Assim, identificamos o termo “a maioria dos bueiros” como foco da informação realizada e como um “paciente” da ação verbal. Destacamos, ainda, que, na oração anterior, é possível verificar que o termo “devido à grande quantidade de lixo acumulado no Vale do Anhangabaú” deixa implícito que essa grande quantidade de lixo acumulado também poderia ser interpretada como um agente responsável pelo entupimento.

Há uma semana, tubos que fazem o escoamento de água da pista para uma represa **entupiram** e causaram o alagamento da estrada .

E65	tubos [[que fazem o escoamento de água da pista para uma represa]]	Entupiram
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O termo “tubos” seguido de uma oração encaixada representam o foco central do processo “entupiram”. No restante do período, o autor da frase ainda destaca que esse entupimento causou um alagamento. Sendo assim, o foco é no resultado da ação de entupimento, que ocasionou consequentemente um alagamento. Infere-se desse processo que o entupimento foi causado por algo que obstruiu a passagem de água da pista para a represa, o qual seria o responsável pelo desencadeamento do processo.

Dodge resolveu meter também o seu processozinho por perdas e danos, alegando que se o fogão não funcionava, se a pia da cozinha **entupia** e se havia goteiras na casa, só podia ser culpa exclusiva do morador.

E66	A pia da cozinha	entupia
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

A finalidade comunicativa do autor do exemplo E66 é classificar como culpado pelo entupimento da pia o morador. Essa intenção é reforçada pela oração posterior que destaca também a presença de goteiras na casa, atribuindo a mesma culpa ao morador. Assim, observamos mais uma vez o foco no resultado, a saber, a pia da cozinha estava entupida.

Isso porque, se a artéria não se dilata, pode **entupir** no futuro e provocar até um infarto.

E67	(A artéria)	pode entupir	no futuro
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

O exemplo E67 mostra um caso de alerta. O intuito do autor da frase é informar aos leitores que a artéria pode ficar entupida futuramente com a não dilatação. Assim, o ponto central do alerta é a possibilidade de entupimento da artéria, ou seja, o resultado. A recuperação do agente responsável pelo entupimento é recuperável pela nominalização do processo da oração anterior: “a não dilatação da artéria” funcionaria como um Ator do processo em uma construção como “a não dilatação da artéria pode entupir a artéria”.

O tromboembolismo pode levar à morte se os vasos sanguíneos que suprem os pulmões **entupirem** .

E68	Os vasos sanguíneos [[que suprem os pulmões]]	entupirem
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Muito semelhante ao exemplo E65, identificamos um termo seguido de oração encaixada que funciona como o único participante diretamente relacionado ao processo. Esse participante está ligado ao processo numa relação de hipótese, reforçada pelo tempo verbal e o conectivo “se” recuperável no contexto. A presença do auxiliar “pode”, na oração anterior, também reforça esse caráter hipotético. Novamente percebemos a intenção de alertar sobre um possível resultado de entupimento.

### 5.1.6 Esfriar

Na análise do processo “esfriar”, todas as ocorrências ergativas aconteceram em uma relação de sinonímia com a expressão “ficar frio”. Assim, o foco da informação também está no resultado do esfriamento;

Ao entrar em contato com a sua superfície interna, o material **esfria** tão rápido que, ao passo que vai penetrando no recipiente, sofre choques térmicos sucessivos

E69	O material	esfria	tão rápido
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Em E69, o Participante “o material” relaciona-se diretamente ao processo “esfriar” na medida em que esse material “fica frio” rapidamente. Analisando a oração anterior (“Ao entrar em contato com a sua superfície interna”), podemos inferir que o responsável pelo esfriamento é o contato com a superfície interna, o que reforça a interpretação de que “o material” não pode ser considerado Ator do processo.

Macetes " Nada de massas folhadas, que perdem o crocante quando **esfriam**, nem suflês, que murcham .

E70	(Massas folhadas)	esfriam
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O exemplo E70 sinaliza um caso de massas folhadas que perdem o caráter de massa crocante no momento em que esfriam. Enfatizamos que, nos casos com o verbo “esfriar”, diferentemente dos demais verbos, não temos necessariamente uma noção passiva em que “esfriam” equivaleria a “são esfriadas. Antes, temos uma relação entre “esfriam” com “ficam frias”. Essa possibilidade talvez possa significar uma alternativa de análise: a do verbo “esfriar” funcionando, ao mesmo tempo, como processo relacional seguido de Atributo.

Lá pela décima quinta ou décima sexta mordida, eu acho, o frango **esfriou** e pude então saboreá-lo .

E71	O frango	esfriou
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Na análise do contexto de E71, identificamos uma reclamação de alguém que não conseguia saborear um frango por estar muito quente. Após ter dado algumas

mordidas, “o frango esfriou” e a pessoa pôde, então, saboreá-lo. Percebemos, assim, que “o frango” é o único participante relacionado ao processo material “esfriou”, mas que não é agente dessa ação. Novamente destacamos a possibilidade de leitura da oração como “o frango ficou frio” sem alteração significativa de sentido e de intenção do locutor.

Com o fim da Guerra Fria, os investimentos também **esfriaram** .

E72	Com o fim da Guerra Fria	os investimentos	também	esfriaram
	<b>Circunstância</b>	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>	<b>processo material</b>

Em E72, “Com o fim da Guerra Fria” desempenha o papel de Circunstância de causa. Então, esse é o motivo que levou ao esfriamento dos investimentos, possibilitando a leitura “O fim da Guerra Fria também esfriou os investimentos”. Ressaltamos, nesse momento, a constância de exemplos em que uma circunstância presente na configuração estrutural do processo pode ser interpretada como o agente responsável pelo desencadeamento do processo. As principais circunstâncias que apresentam esta possibilidade são as de causa, lugar e instrumento.

É possível, entretanto, que um organismo terrestre antigo tenha penetrado o meteorito, que teria estado extremamente quente após sua passagem pela atmosfera, e que esse organismo teria, então, ficado preso ali enquanto o meteorito **esfriava** e endurecia .

E73	O meteorito	esfriava
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Em E73, convém a explicitação do período em que o exemplo está inserido, que segue com a oração “e endurecia”. Analisando ambos os processos relacionados ao Participante “o meteorito”, parece-nos evidente que a representação é a de que “O meteorito ficava frio e duro”, constituindo uma oração ergativa em ambos os casos,

isto é, existe algum agente externo que é responsável pelo esfriamento e pelo endurecimento do meteorito. Tal ocorrência serve como reforço para nossa afirmação de que existiria a possibilidade de analisar processos como “esfriar” e “endurecer” como sendo a soma de processo relacional + Atributo (“ficar frio” e “ficar duro”, respectivamente).

### 5.1.7 Quebrar

Diferentemente das ocorrências de “esfriar”, o processo “quebrar” apresenta casos em que a noção de passividade ganha força, ou seja, os exemplos em que “o participante quebrou” podem ser mais bem interpretados como “o participante foi quebrado” do que “o participante ficou quebrado”. Cabe aqui também a ressalva de que o verbo “quebrar” foi um dos que mais apresentou ocorrências ergativas na análise do *corpus*.

Quando percorremos o Estado, passamos por situações graves, os carros **quebram**, o prejuízo é grande .

E74	Os carros	quebram
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O contexto especifica que a situação ocorre “ao percorrermos o Estado”, o que sugere que a situação é a de pessoas viajando pelas estradas de carro. Assim, não temos “os carros” como agentes da quebra, mas sim como pacientes desse processo. Os carros são quebrados, provavelmente, pelos buracos nas vias. A construção é ergativa porque apresenta um agente externo não necessariamente identificado na configuração do processo.

“A barra da direção **quebrou** e ele perdeu o controle do carro”, afirmou Edna Botelho, cunhada do motorista.

E75	A barra da direção	quebrou
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

No exemplo E75, o autor da frase tenta explicar o motivo de um acidente, dando a visão de quem estava ao lado do motorista. Segundo essa pessoa, “a barra da direção quebrou”, de maneira espontânea, isto é, sem nenhum agente causador da ação explicitado. O intuito da pessoa parece ser o de eliminar a possibilidade de o culpado pelo acidente ser o motorista, atribuindo o acidente a uma falha mecânica do carro.

O Governo alega que **quebrará** se der um aumento de 180 reais .

E76	(O Governo)	quebrará
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

E76 traz uma construção metafórica em que o próprio governo alerta que sofrerá uma quebra, que irá ser quebrado, caso dê um aumento de 180 reais. Assim, inferimos que o agente causador do processo será o aumento, o que nos permite fazer a seguinte leitura do exemplo: “Um aumento de 180 reais quebraria o Governo”.

Por exemplo, se a função da manutenção for consertar equipamentos, seu resultado será apurado com base no valor do reparo e, nesse caso, quanto pior o serviço executado, mais os equipamentos **quebrarão** e mais essa atividade lucrará, enquanto a empresa perderá .

E77	Os equipamentos	quebrarão
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

Nesse exemplo, o autor afirma que “Quanto pior o serviço executado, mais os equipamentos quebrarão”. Não fica claro se “O serviço ruim quebrará os

equipamentos” ou se “Os equipamentos serão quebrados por causa do serviço ruim prestado”. De qualquer forma, destacamos a impossibilidade de “Os equipamentos” ser interpretado como um Ator do processo “quebrarão”.

Se todos os relógios do mundo **quebrassem** e não houvesse dias e noites, ainda haveria tempo?

E78	Todos os relógios do mundo	quebrassem
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O exemplo E78 traz uma reflexão que depende da decodificação “Se todos os relógios do mundo quebrassem”, que equivale a “Se todos os relógios do mundo fossem quebrados por alguém ou por alguma coisa”. Isso posto, teríamos que este alguém ou alguma coisa é que representa o agente externo desencadeador do processo, e que “todos os relógios do mundo” são os pacientes dessa ação. Ressaltamos aqui que o nosso objeto de estudo são construções ergativas como E78, e não orações como “Todos os relógios do mundo fossem quebrados”, em que claramente temos uma oração receptiva, com Meta seguida de processo material na estrutura passiva.

Nas análises do processo “quebrar”, podemos retomar a relação entre causatividade e ergatividade exposta por Bittencourt (2011). Segunda a autora, o evento causado é dependente da ação de um evento causador, sendo esta causatividade pautada necessariamente por um participante com traços humano, animado e voluntário. Assim, nos exemplos E74, E75, E76, E77 e E78, não temos a materialização linguística do participante que seria considerado o causador do evento promovido.

### 5.1.8 Secar

Os exemplos de ocorrências ergativas do processo “secar” são bastante semelhantes aos de “esfriar”, isto é, “secar” equivale a “ficar seco”, na maioria dos casos.

Vários poços **secaram** por causa do calor.

E79	Vários poços	secaram	por causa do calor
	<b>processo material</b>	<b>Participante</b>	<b>Circunstância</b>

Em E79, uma análise imediata nos permite interpretar que “Vários poços ficaram secos por causa do calor”, o que nos remete a uma semelhança de análise dos exemplos do processo “esfriar”. Entretanto, também poderíamos realizar a leitura de que “O calor secou vários poços”, o que se relaciona com uma passividade mais forte na relação entre o Participante “Vários poços” e o processo material. A presença da Circunstância de causa talvez enfatize mais a segunda possibilidade.

Desidratada com sílica gel, a amostra 02 **secou** em menos de 12 horas.

E80	A amostra 02	secou	em menos de 12 horas
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

O exemplo E80 destaca claramente uma oração em que o intuito é informar ao leitor que a amostra 02 “ficou seca” em menos de 12 horas. Diante disso, enfatizamos que, neste caso, não há uma relação de agentividade por parte da circunstância, como já ocorrera em outros exemplos analisados. Afinal, não poderíamos realizar a leitura de que “menos de 12 horas secaram a amostra 02”.

Sem cílio, o olho **seca**.

E81	O olho	seca
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

E81 aproxima-se de E80 na medida em que o objetivo é a informação de que o olho “fica seco”. No contexto, é possível recuperar que o responsável pelo processo de secagem do olho é “a ausência do cílio”. Então, podemos ler, contextualmente, que “a ausência do cílio seca o olho”.

Srs. Deputados: As fontes de água nunca se esgotarão nem **secarão** se forem exploradas pela humanidade com sabedoria.

E82	(As fontes de água)	nem	secarão
	<b>Participante</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>processo material</b>

O exemplo E82 exige uma análise mais cautelosa do contexto para que possa ser realmente compreendido. O autor afirma que, se as fontes de água forem exploradas com sabedoria, jamais se esgotarão nem secarão (verbos que, nesse contexto, podem ser entendidos como sinônimos). O alerta do autor é para o fato de que a exploração inadequada das fontes de água poderá secar (esgotar) as fontes de água. Sendo assim, temos “as fontes de água” como participante diretamente afetado pelo processo de secagem, que deve ser evitada.

As folhas dessas plantas **secam**, caem e contribuem para o empobrecimento do solo que fica exposto mais tempo do que deveria à ação do sol.

E83	As folhas dessas plantas	secam
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>

O contexto do exemplo E83 é a estação do outono, em que as folhas secam. O intuito do autor da frase é, claramente, o de afirmar que as folhas de algumas plantas ficam mais secas durante o outono. Parece-nos coerente afirmar que a substituição, nesse contexto, de “secam” por “ficam secas” não alteraria substancialmente o sentido da oração.

## 5.2 PROCESSOS MENTAIS (JÁ CATEGORIZADOS PELA GSF)

### 5.2.1 Amar

Já destacamos que, sob uma perspectiva sistêmico-funcional, as análises de ocorrências com o processo “amar” se apresentam na sequência Experienciador + processo mental + Fenômeno. Nos exemplos observados no Corpus Brasileiro, encontramos casos semelhantes aos que seguem.

Eu **amo** a forma como ela nunca superou certos traços adolescentes, mantendo-se verdadeira com suas convicções políticas (ela era socialista autodidata) toda sua vida.

E84	Eu	amo	a forma como ela nunca superou certos traços adolescentes
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>

Nesse exemplo, o Experienciador declara o sentimento de amor por um Fenômeno bem específico: “a forma como ela nunca superou certos traços adolescentes”. Sob essa ótica, destacamos que o Experienciador de processos mentais não carrega traço de agentividade semelhante ao que carrega o Ator de processos materiais. Afinal, se existe algum participante que age, nesse contexto, então este participante é “a forma”, já que é essa forma que desperta o sentimento de amor que o participante “Eu” sente.

Os prefeitos paulistanos **amaram** e **amam** ainda obras viárias, como se fosse possível resolver com elas os problemas de circulação.

E85	Os prefeitos paulistanos	amaram/amam	obras viárias
	<b>Experienciador</b>	<b>processos mentais</b>	<b>Fenômeno</b>

A mesma relação ocorre em E85, no qual os prefeitos são o participante que tem amor pelas obras viárias. Pela análise do cotexto, percebe-se que o motivo por que os prefeitos amam essas obras é o fato de que elas possibilitariam a resolução dos problemas de circulação. Sendo assim, poderíamos ler o exemplo como: “a possibilidade de resolver os problemas de circulação existente nas obras viárias desperta o sentimento de amor dos prefeitos”. Se existe, então, um traço de agentividade no exemplo, esse está no contexto, e não no Experienciador “os prefeitos”.

### 5.2.2 Aprender

O processo “aprender” também já destacado pela teoria sistêmico-funcional como processo mental teve as seguintes análises a serem observadas no *Corpus Brasileiro*, identificado em todos os casos como processo mental.

Além disso, já é comprovado que as pessoas **aprendem** mais da metade do que sabem a partir de informação visual.

E86	As pessoas	aprendem	mais da metade do que sabem	a partir de informação visual.
	<b>Experienciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Fenômeno</b>	<b>Circunstância</b>

Notamos que o processo “aprender” também carrega em si uma noção de passividade, à medida que não é possível praticar a ação de aprender como um ato voluntário. No entanto, é possível praticar outras ações que levem ao aprendizado. Então, temos que o processo “aprendem” é mental e tem como participante obrigatório “As pessoas”, um Experienciador que, por isso, não carrega traços de agentividade. Poderíamos destacar, aqui, que um participante externo ao processo (não identificado na oração, nem no cotexto) desempenharia esse caráter agentivo através do uso de informação visual, identificado no texto como Circunstância.

### 5.2.3 Decepcionar

As ocorrências que destacamos para o processo “decepcionar” são aquelas em que parece haver uma inversão da ordem natural de disposição dos termos em orações com processo mental. Em vez de Experienciador + processo mental + Fenômeno, observamos a sequência Fenômeno + processo mental + Experienciador, mesmo sem a forma passiva/receptiva do verbo. Então, o que ocorre, nesses casos, é o destaque dado ao Fenômeno, ligado diretamente ao processo, dando destaque à decepção em si, e não ao decepcionado.

O fechamento do acordo para as eleições estaduais **decepcionou** alguns petistas, que esperavam contar com o apoio do partido de Erundina.

E87	O fechamento do acordo para as eleições estaduais	decepcionou	alguns petistas
	<b>Fenômeno</b>	<b>processo mental</b>	<b>Experienciador</b>

Nesse exemplo, notamos que o Experienciador do processo são “alguns petistas”, dispostos, na oração, após o processo. A ênfase é dada ao fechamento, que é o Fenômeno experienciado. Assim, poderíamos fazer a leitura do mesmo exemplo, na ordem mais frequentemente apresentada como “alguns petistas decepcionaram-se com o fechamento do acordo para as eleições estaduais”, em que o pronome “se” e a preposição “com” se tornariam necessários para ajustes de regência.

Esperado com ansiedade em Cannes, o filme **decepcionou** o público do festival.

E88	o filme	decepcionou	o público do festival
	<b>Fenômeno</b>	<b>processo mental</b>	<b>Experienciador</b>

Análise idêntica ocorre em E88. A ordem dos constituintes é invertida, podendo ser lida como “o público do festival decepcionou-se com o filme”, na qual teríamos Experienciador + processo mental + Fenômeno. Convém observar que essa inversão de ordem, em língua portuguesa, é comum na formação de pares ativos (operativos) e passivos (receptivos), mas não ocorre com tanta frequência com o verbo se mantendo exatamente na mesma estrutura (à exceção das alterações em função da regência já mencionadas).

#### 5.2.4 Empolgar

Para o processo “empolgar”, destacamos ocorrências semelhantes às do processo “decepcionar”. No entanto, parece existir um certo traço de agentividade no participante identificado como Fenômeno do processo mental “empolgar”, já que ele parece ser o responsável por provocar tal sentimento no Experienciador. Os exemplos de ocorrências do processo “empolgar” podem ser entendidos, em todos os casos como “deixou empolgado”, na medida em que o Fenômeno é, nesses casos, o responsável pela empolgação do Experienciador.

A boa atuação de Marques **empolgou** também outros jogadores, que até se arriscam a desenhar planos táticos, contando com o jogador.

E89	A boa atuação de Marques	empolgou	também	outros jogadores.
	<b>Fenômeno</b>	<b>processo mental</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Experienciador</b>

Aqui temos “a boa atuação de Marques” funcionando como o desencadeador da empolgação sentida por “outros jogadores”. À semelhança do que ocorreu nos exemplos do verbo “decepcionar”, a oração também poderia ser desdobrada em “Outros jogadores também se empolgaram com a boa atuação de Marques”, feitos os devidos ajustes de regência.

As questões de manutenção, decididamente, não **empolgaram** os bibliotecários.

E90	As questões de manutenção	decididamente	não	empolgaram	os bibliotecários
	<b>Fenômeno</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>processo mental</b>	<b>Experenciador</b>

Do mesmo modo, em E90, “As questões de manutenção” parece exercer certa agentividade sobre o processo “empolgaram”, com a mesma possibilidade de leitura como “Os bibliotecários decididamente não se empolgaram com as questões de manutenção”.

Nota-se, portanto, que tais ocorrências aproximam-se muito da formação de um par ergativo/absolutivo, como as que observamos com diferentes processos materiais. Entretanto, os casos não são exatamente os mesmos devido, principalmente, às diferenças de regências que são necessárias para a construção das orações e o caráter de agentividade não ser explícito e facilmente observável como ocorre com os materiais.

### 5.2.5 Sofrer

Com análise bem específica à luz da teoria sistêmico-funcional, o processo “sofrer” comporta-se claramente como um processo mental e tem como participante obrigatório um Experenciador.

É para o meu povo, que <b>sofreu</b> muito, para nossos mártires, para nossos prisioneiros, para nossos filhos, para que possamos ter uma paz duradoura.
--

E91	o meu povo (...)	sofreu	muito.
	<b>Experenciador</b>	<b>processo mental</b>	<b>Circunstância</b>

Em E91, “o meu povo” é o Experenciador do processo “sofrer”, acrescido da circunstância de intensidade “muito”.

### 5.3 PROCESSOS MATERIAIS COM PASSIVIDADE INERENTE

#### 5.3.1 Apanhar

Nas ocorrências com o processo “apanhar”, notamos uma passividade inerente ao próprio processo, isto é, ninguém pode praticar ação de apanhar, ou ainda, ninguém pode ser o responsável pelo próprio ato de apanhar.

Meu pai me dizia que se eu voltasse apanhada da escola, eu **apanhava** de novo em casa e que ele mesmo me batia(...).

E92	Eu	apanhava	de novo	em casa.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

Parece-nos claro que “apanhar” se trata de um processo material. Entretanto, justamente em função dessa passividade inerente ao processo, torna-se inviável identificar o participante “Eu” como Ator. O traço de agentividade comum ao Ator de processos materiais pertence a um participante não explícito na oração, mas identificável no contexto, o pai do participante “Eu”, o que se torna claro na oração “e que ele mesmo me batia”, que sucede o exemplo analisado.

Lincoln **apanhava** da mulher, diz biografia.

E93	Lincoln	apanhava	da mulher.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Ator</b>

Em E93, temos uma análise semelhante a anterior. “Lincoln” não pode ser Ator, já que não pratica a ação. No entanto, aqui o participante que poderia denotar a agentividade aparece explícito na própria oração: a mulher. Ela é a responsável pela ocorrência do processo que é sofrido por “Lincoln”.

### 5.3.2 Levar

O processo “levar” apresentou, pelo menos, duas diferentes análises, conforme o sentido com que é empregado, sob a ótica sistêmico-funcional. Com a presença de um Escopo, tem um sentido passivo que destaca o participante obrigatório como não podendo ser o Ator do processo. Com um sentido próximo ao do verbo “receber”, carrega uma passividade inerente que, conseqüentemente, também impede o participante obrigatório de ser identificado como Ator.

Tadeu Paes, um dos coordenadores da campanha de Marta no Tucuruvi, tentou apartar a briga e **levou** uma garrafada na nuca.

E94	Tadeu Paes (...)	levou	uma garrafada	na nuca.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Escopo</b>	<b>Circunstância</b>

No exemplo E94, temos mais um caso de impossibilidade de identificar o participante ligado diretamente ao processo como Ator. Afinal, “Tadeu Paes” não pratica ação de levar uma garrafada, isto é, não tem traços de agentividade sobre o processo. A pessoa que o deu a garrafada, se identificável no contexto, é que, talvez, poderia ser identificada como Ator do processo.

Pentatlo: Ghada Shouaa, da Síria, **levou** o ouro.

E95	Ghada Shouaa (...)	levou	o ouro.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

A mesma possibilidade temos nesse exemplo. Contudo, não percebemos a presença de um Escopo, e sim de uma Meta (o ouro), com o verbo “levar” tendo proximidade semântica do verbo “receber” e, assim, apresentando análise semelhante, devido à passividade inerente do próprio processo.

### 5.3.3 Partir

Com o processo “partir”, encontramos mais referências de como alguns verbos impossibilitam a ocorrência de um Ator diretamente relacionado ao processo. É o caso desse verbo quando possui sentido sinônimo ao de “despedaçar-se”. Observemos como se configuram os exemplos.

Um jornalista no local disse que o avião **partiu** em dois quando bateu contra uma colina com plantações de coco e banana e pegou fogo.

E96	o avião	partiu	em dois.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Só não passaram inteiramente despercebidos porque forçaram a entrada no Congresso e, na confusão, três vidraças **partiram** com os pontapés.

E96	três vidraças	partiram	com os pontapés.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Parece-nos coerente considerar que nem “o avião”, nem “três vidraças” possam ser considerados participantes que carregam traços de agentividade em relação ao processo “partir”, ou seja, eles não praticam voluntariamente uma ação. Antes, o processo de partição é algo que lhes acontece. Então, ambos são participantes não identificáveis como Ator. Sendo assim, percebemos que o Ator do processo fica implícito ou explícito no restante da oração (ou da frase). No primeiro exemplo, o Ator é omitido por provável desconhecimento do autor da frase, isto é, não se pode afirmar quem foi o responsável por o avião ter se partido. Já no segundo exemplo, oferecem-se pistas para quem foi o responsável por partir as vidraças, destacando que foi alguém que usou pontapés para cometer tal ato.

Nesse ponto, convém observar um detalhe que parece percorrer a quase totalidade de análises: a intenção do autor de frases que se incluem nos casos que abrangem a nossa investigação parece ser sempre o mesmo (ou aproximadamente o mesmo), a saber, “não dar ênfase ao Ator do processo, mas sim a outro elemento diretamente ligado a esse processo, o qual não carrega nenhum traço de agentividade”.

#### 5.3.4 Receber

“Receber” é mais um caso dentre os já citados verbos que carregam uma passividade tal a ponto de se tornar inviável identificá-lo como um processo material que tem um Ator como participante obrigatório. Afinal, se alguém recebe algo, é porque não está praticando tal ato.

Por conta desse comportamento, ele **recebeu** uma nota baixa na avaliação feita pelos seus alunos no 1º semestre do ano passado.

E97	ele	recebeu	uma nota baixa	na avaliação feita pelos seus alunos	no 1º semestre do ano passado.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Meta</b>	<b>Meta</b>

O cotexto nos permite identificar que “ele” se trata de um professor que recebeu uma nota baixa dos alunos em uma determinada época. Sendo assim, parece lógico que afirmemos ser um caso em que o professor não é o Ator. Se ele recebeu uma nota baixa, é antes o Beneficiário do processo. Mas já esclarecemos ao longo deste estudo que não possui estrutura de Beneficiário. Então, se existe um Ator específico nessa oração, essa posição é ocupada pelos seus alunos, os verdadeiros desencadeadores da ação ocorrida.

No primeiro bimestre deste ano, com um novo sistema de cobrança (automação), o estacionamento **recebeu** 80.809 veículos e arrecadou R\$ 844 mil, mostram documentos obtidos pela Folha.

E98	o estacionamento	recebeu	80809 veículos.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

O exemplo E98 é um dos raros exemplos em que entendemos que o participante obrigatório poderia ser entendido como Ator, se fosse um participante animado. Assim, se tivéssemos “o dono do estacionamento” como participante do processo, então teríamos características suficientes para identificá-lo como o responsável por abrir as portas do seu estacionamento e receber tais veículos. No entanto, destacamos que um estacionamento não pode ser o agente responsável por desencadear ação alguma. Diante disso, o exemplo reforça mais uma vez a discussão apresentada neste trabalho.

### 5.3.5 Rolar

Os exemplos com o processo “rolar” deixam clara a distinção de interpretação dos participantes que compõem o processo conforme forem animados ou não animados. Quando animados, são claramente o Ator do processo, quando não animados, comportam-se com características que não se enquadram em nenhum dos participantes já descritos pela bibliografia atual à luz da teoria sistêmico-funcional.

A banca de Gaspar **rolou** pelo asfalto.

E99	A banca de Gaspar	rolou	pelo asfalto.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Ouvindo o tiro e os latidos, Sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos **rolaram** na cama, chorando alto.

E100	Os meninos	rolaram	na cama.
	<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Circunstância</b>

Observando os exemplos, podemos comparar que, enquanto “A banca de Gaspar” não pode ser considerada Ator do processo, dada a ausência de agentividade sobre o verbo “rolar”; “Os meninos” são claramente Atores do processo, já que praticam voluntariamente a ação de rolar na cama.

#### 5.4 PROCESSOS MATERIAIS COM ANÁLISE DEPENDENTE DE INTERPRETAÇÃO POR METÁFORA

##### 5.4.1 Arrancar

Na maioria dos casos, o processo “arrancar” figura em orações nas quais um participante desencadeia a ação que é sofrida por outro participante. Assim, a sequência Ator + processo material + Meta. No entanto, em casos específicos, essa relação não ocorre. O participante que incide diretamente sobre o processo não é o desencadeador da ação, mas sim aquele que a sofre. Os exemplos encontrados estão apresentados a seguir.

toda vez que tiramos a cutícula ou **arrancamos** um fio de cabelo, estamos destruindo uma vida humana em potencial.

E101	(Nós)	arrancamos	um fio de cabelo
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

Não resta dúvidas na identificação do participante “um fio de cabelo”. Ele é a Meta do processo porque representa “aquilo que é arrancado”. No entanto, o contexto não esclarece se o participante “Nós”, implícito na desinência verbal é o responsável pela ação, ou se a sofre. Se o identificamos como o responsável, ele é então o Ator, do contrário, integra a discussão feita por nós neste trabalho.

No início dos anos 70, os garimpeiros **arrancavam** seus próprios dentes.

E102	No início dos anos 70,	os garimpeiros	arrancavam	seus próprios dentes.
	<b>Circunstância</b>	<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

Diferentemente de E101, o exemplo E102 deixa claro o responsável pela ação de arrancar: “os garimpeiros”; identificados, por isso, como Ator do processo. É importante, nesse ponto, observar a necessidade de investigação do contexto de situação em que a oração é proferida. Afinal, exemplos sem uma maior sinalização como “eu arranquei um dente”, não deixam claro se o participante obrigatório é realmente Ator ou não do processo.

#### 5.4.2 Cortar

Caso semelhante ao do processo “arrancar” acontece com “cortar”. Em alguns exemplos, não é possível identificar o traço de agentividade característico do Ator de processos materiais.

Disseram que eu  **cortei**  o cabelo porque virei evangélico.

E103	Eu	cortei	o cabelo
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

O único aspecto que pode ser declarado a respeito dessa oração é que “o cabelo” foi cortado, ou seja, “sofreu” um corte. Não se consegue definir, todavia, se o responsável pelo corte é o participante “Eu”, ou outra pessoa que desencadeou a ação que levou o cabelo a ser cortado.

E eu detestava que me tocassem na cabeça, por exemplo, nunca me deixo tocar por nenhum barbeiro: eu mesmo  **corto**  meu cabelo, e tenho sempre feito assim.

E104	Eu mesmo	corto	meu cabelo
	<b>Ator</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

Essa dupla possibilidade de interpretação é desfeita em E104: a inserção da palavra “mesmo” junto ao participante “Eu” torna este o Ator do processo. Fica claro, portanto, que ele é o participante que carrega o traço de agentividade inerente a esta categoria. Ainda, a análise do cotexto reforça essa característica, já que o próprio participante declara que nunca se deixa tocar por nenhum barbeiro.

Reforçamos que para as análises dos processos “arrancar” e “cortar”, é necessário levar em consideração os apontamentos de Cançado (2005), que destaca a necessidade de distinção entre as propriedades semânticas que são relevantes na interface entre semântica e sintaxe. Sendo assim, é preciso avaliar se o participante possui ou não controle sobre o desencadeamento do processo. Observamos que, nos exemplos E101 e E103, não conseguimos ter a certeza se o participante possui ou não o controle sobre o processo e, por isso, é identificado apenas como Participante; já nos exemplos E102 e E104, em que o participante certamente tem o controle sobre o desencadeamento da ação, ele é identificado como Ator.

### 5.4.3 Ensinar

A análise do processo “ensinar” reforçou nossa hipótese já demonstrada da força exercida pelo participante obrigatório do processo como se aproximando de uma circunstância de instrumento e/ou causa. A leitura feita é a de que através desse participante e/ou por causa desse participante o processo é desencadeado por algum agente externo não sinalizado na oração.

O tempo **ensinou** que o somatório de forças é a melhor opção, agora em forma de Universidade Regional.

E105	O tempo	ensinou	que o somatório de forças é a melhor opção.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Oração encaixada</b>

No exemplo E105, temos um autor destacando em primeira pessoa algo que lhe foi ensinado. A ênfase da ação do processo é dada ao participante “o tempo” que,

no entanto, representa a causa do ensinamento, e não literalmente o agente responsável pelo ensinamento. Entendemos que foram vários acontecimentos ao longo do tempo os reais agentes do ensinamento.

Esse filme nos <b>ensina</b> que as pequenas coisas da vida é que são importantes.
--

E106	Esse filme	nos	ensina	que as pequenas coisas da vida é que são importantes.
	<b>Participante</b>	<b>Beneficiário</b>	<b>processo material</b>	<b>Oração encaixada</b>

Nesse exemplo, a análise é basicamente a mesma do anterior, com destaque para a marcação linguística do Beneficiário “nos”, participante que recebe o ensinamento promovido por alguém através do filme. Reforçamos, novamente, o caráter de circunstância causal apresentado pelo participante obrigatório do processo, “Esse filme”.

Retomamos aqui a preocupação de Souza (1999) quanto à classificação de um participante como humano ou não humano. Segundo o autor, orações com um participante humano afetado são diferentes daquelas com um participante não humano afetado. Afinal, seres humanos são agentes causadores típicos, o que revelaria uma maior ambiguidade nas construções com um único participante presente na oração. As análises do processo “ensinar” certamente não deixariam dúvida quanto à categorização do processo se tivéssemos um participante humano como participante direto do processo.

#### 5.4.4 Ferir

O processo “ferir” apresenta, à semelhança do verbo “ensinar” uma característica circunstancial implícita do participante obrigatório na configuração do processo. Assim, nem sempre o participante representado como agente do processo de ferir é efetivamente o agente desencadeador da ação.

Em outro incidente, uma granada lançada pelo Hizbollah **feriu** dois soldados nepaleses da ONU no sul do Líbano.

E107	Em outro incidente,	uma granada lançada pelo Hizbollah	feriu	dois soldados nepaleses da Onu	no sul do Líbano
	<b>Circunstância</b>	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>	<b>Circunstância</b>

Em E107, temos que o principal agente causador do processo, que desencadeia a ação de ferir é, na verdade, o Hizbollah, grupo responsável pelo lançamento da granada que, conseqüentemente feriu dois soldados nepaleses da ONU (Meta). Assim, não nos parece coerente identificar “uma granada lançada pelo Hizbollah” como Ator do processo, motivo que corrobora a justificativa para o estudo apresentado neste trabalho. Percebe-se, portanto, que o agente causador não é representado na forma de Ator, mas sim como agente indireto do processo, marcado em relação ao verbo “lançada”, que compõe o participante que, por ora, ainda nomeamos Participante.

Ratificamos, ainda, a ideia de que “uma granada” é o instrumento utilizado pelo Hizbollah para cumprir seu objetivo de ferir dois soldados nepaleses. Por conseguinte, notamos que a escolha do participante que incide diretamente sobre o processo nem sempre é o termo que carrega a noção de agentividade referente ao processo. É possível afirmar, portanto, que nem sempre teremos o Ator como participante obrigatório de processos materiais, visto que nem sempre a intenção será o destaque a esse tipo de ação. Além disso, citamos a tendência em ser agente estipulada por Pezzati (1993), na qual um participante falante e animado (como os membros do grupo Hizbollah, em E107) possui maior tendência em carregar o traço de agentividade do processo do que um participante não falante e não animado (como “uma granada”, no mesmo exemplo).

Acreditamos que a criação de um participante específico, para identificar este e outros casos seja uma necessidade clara dos estudos do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.

### 5.4.5 Guardar

O processo “guardar” é mais um processo que apresenta, em alguns casos, o participante obrigatório carregando um traço circunstancial que o define dentro da configuração da oração. Nesse caso, entretanto, a circunstância é a de lugar, em vez de causa ou instrumento.

Todas as vítimas são da mesma família; local clandestino **guardava** cerca de 800kg de peças pirotécnicas.

E108	local clandestino	guardava	cerca de 800kg de peças pirotécnicas.
	<b>Participante</b>	<b>processo material</b>	<b>Meta</b>

Nesse exemplo, notamos a referência de que houve uma omissão proposital do agente responsável por guardar os “cerca de 800kg de peças pirotécnicas” em um local clandestino. Não nos convém, para este trabalho, investigar os motivos que levaram o redator a omitir este dado (se desconhecimento ou impossibilidade de divulgação ou outro), porém é uma realidade de que fora uma escolha do autor não descrevê-lo na composição da oração. Para facilitar essa omissão, o autor destaca “local clandestino” como um participante (não como circunstância), que poderia ser identificado como Ator. No entanto, acreditamos não ser essa a identificação adequada, já que um “local clandestino” jamais poderia carregar o traço de agentividade comum a Atores de processos materiais.

Neste momento da análise, convém observarmos novamente que um de nossos intuitos é a reflexão sobre o real papel do Ator em processos materiais na análise sistêmico-funcional do sistema de transitividade da metafunção ideacional. Desse modo, se é considerado Ator o participante que carrega o traço característico de agentividade e que sempre incide diretamente sobre o processo, seja explícita ou implicitamente; então não podemos considerar que exemplos como E108 tenham “local clandestino” identificado como seu Ator, pelos motivos já supracitados, nem como circunstância de lugar, por suas características linguísticas.

## 5.5 PROCESSOS QUE PODEM SER INTERPRETADAS COMO PROCESSO RELACIONAL + ATRIBUTO

Nesta seção, destacamos possibilidades de interpretação que surgiram ao longo do desenvolvimento desta tese. É nossa intenção aprofundar essa possibilidade em estudos futuros.

### 5.5.1 Engordar

O processo denotado pelo verbo “engordar” nos permite interpretar duas ocorrências significativas sob a ótica sistêmico-funcional: a aparente passividade do processo e a possibilidade de analisá-lo como a soma de processo mais participante. Em primeiro lugar, destacamos que o processo “engordar” é um resultado, isto é, as pessoas engordam porque praticam alguma ação que as leva a esse resultado, e não o fazem diretamente; em segundo lugar, apresentamos a possibilidade de, então, entender o processo “engordar” como “ficar gordo”, salientando a noção de resultado através da interpretação do verbo como uma soma de processo relacional + Atributo, como perceberemos nos exemplos a seguir.

Foi péssimo, **engordei** pra burro.

	(Eu)	engordei	pra burro.
E109	<b>Comportante</b>	<b>processo comportamental</b>	<b>Circunstância</b>
	<b>Portador</b>	<b>processo relacional + Atributo</b>	<b>Circunstância</b>

Nesse exemplo, acreditamos em duas possibilidades de análise: a primeira, mais direta, entendendo o processo como comportamental, tendo o Comportante “Eu” como participante obrigatório; a segunda, mais indireta, entendendo a possibilidade de que o verbo “engordei” seja interpretado como “fiquei gordo”, assim destacando a noção do resultado que existe em “engordar” e identificando “Eu” como o portador o Atributo “gordo” e não como Comportante.

Dessa forma, sugerimos a hipótese de que, em língua portuguesa, os verbos possam ser interpretados nem sempre como processo, mas também como a soma de um processo + Atributo. Reforçamos essa possibilidade com o fato de que, em língua inglesa, por exemplo, não existe tradução literal para o verbo “engordar”, mas sim ele o seria traduzido como “to get fat”, ou seja, “ficar gordo”. Essa noção ampliaria o que entendemos por uma aplicação mais consistente dos estudos de gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.

todo mundo se apavorava com o meu tamanho, pois eu **engordei** 23 quilos na gravidez, mas eu só tinha, barriga.

E110	eu	engordei	23 quilos	na gravidez
	<b>Comportante</b>	<b>processo comportamental</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>
	<b>Portador</b>	<b>processo relacional + Atributo</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Circunstância</b>

O exemplo E110 é muito semelhante ao exemplo anterior, exceto pelo fato de acrescentar novas circunstâncias. Contudo, destacamos o fato de que tais circunstâncias, principalmente a segunda (“na gravidez”) reforçam a “não agentividade” do participante “eu” no desencadeamento do processo. Antes, se houver algum termo que carregue essa agentividade, seria a própria gravidez, responsável pelo processo “engordar”.

### 5.5.2 Interessar

O processo “interessar” apresenta duas possibilidades de análises semelhantes, respectivamente, aos verbos “decepcionar” e “engordar”. Assim, em uma primeira análise, entendemos o processo como ocorrendo em uma ordem invertida ao tradicional Experienciador + processo mental + Fenômeno, trazendo o Fenômeno como participante principal na oração. Ademais, consideramos a possibilidade de “interessar” ser desdobrado em “ser interessante”, constituindo a união de processo relacional + Atributo. Destacamos, aqui, que não é nosso objetivo determinar esta ou aquela análise como a correta em detrimento às demais. Nosso

intuito é discutir possibilidade de análise consoante as escolhas realizadas pelos falantes/escritores, dentro do contexto em que ocorrem.

Válber **interessa** ao Flamengo.

	Válber	não	interessa	ao Flamengo.
E111	<b>Fenômeno</b>	<b>Polaridade negativa</b>	<b>processo mental</b>	<b>Experienciador</b>
	<b>Portador</b>	<b>Polaridade Negativa</b>	<b>processo relacional + Atributo</b>	<b>Circunstância</b>

Além do elemento de polaridade negativa, que, para fins de análise do processo e dos participantes, não nos é relevante, destacamos, nessa oração, em uma primeira abordagem, a possível inversão da ordem dos termos (“O Flamengo se interessa pelo Válber”, feitos os devidos ajustes relativos à regência). Dito isso, poderíamos interpretar “Válber” como Fenômeno e “Flamengo” como o Experienciador.

Entretanto, nos parece mais coerente, entender o verbo “interessa” não como processo, mas como a soma de processo relacional + Atributo (é interessante). Afinal, pela análise da oração, fica claro que a intenção do autor não é destacar em quem o Flamengo está ou não interessado, mas, antes, destacar um atributo do jogador Válber, como não sendo interessante ao Flamengo.

Na seção a seguir, apresentamos nossa proposta de nomeação e categorização de um participante para figurar dentre aqueles já consagrados pela função experiencial da metafunção ideacional quanto aos processos materiais, conforme as características aqui destacadas.

Reconhecemos que a possibilidade de desdobramento de um único verbo como a somatória de processo + Atributo também se mostrou presente na análise de outros exemplos, como é o caso de “secar”, que poderia ser desdobrado em “ficar seco”, ou “decepcionar”, em “ficar decepcionado”. Optamos, entretanto, em restringir essa possibilidade de análise aos processos “interessar” e “engordar”, por serem aqueles em que a análise se mostrou mais destacada.

## 5.6 CATEGORIZAÇÃO DO “IMPACTADO”

Diante de todas as análises expostas até aqui, percebemos a necessidade de categorização de um participante de processos materiais dentro do sistema de transitividade da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional. A esse participante, demos o nome de Impactado, e resumimos suas principais características:

- a) Estar diretamente relacionado a um processo com semântica operativa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), sendo o foco principal da informação;
- b) Conter, em seu significado, a noção de passividade (BECHARA, 2010; CAMARA JR, 2011);
- c) Não ser o agente desencadeador do (responsável pelo) processo, possibilitando a percepção de que há um agente externo responsável pelo processo da oração (o Impactador, que está implícito);
- d) Ser um participante preferencialmente não humano e inanimado, não tendo a possibilidade, naquele contexto, de ser o desencadeador da ação.
- e) Permitir construções que formem o par agente + processo + paciente (nominativo-acusativo) e paciente + processo (ergativo-absolutivo).
- f) Ocorrer em construções nas quais é o único participante obrigatório, não sendo possível identificar nem Ator nem Meta na estrutura da oração.

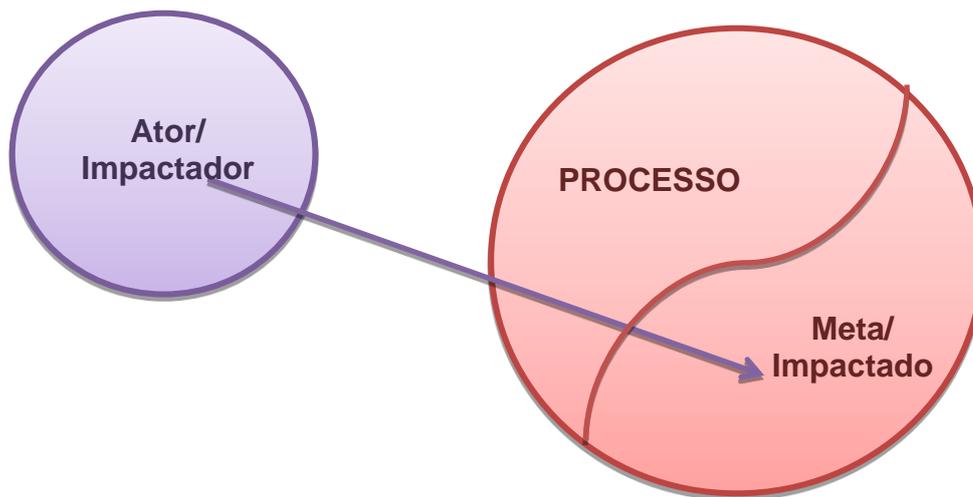
Entendemos, assim, que o nome Impactado, abrange todas as características gramaticais e contextuais desse participante. A presença do sufixo “ado” somada ao substantivo “impacto” marcam a relação direta desse participante como alguém (ou algo) que sofre o impacto do processo, e não alguém (ou algo) que age sobre o processo. Por ser um participante espontâneo (que não pratica voluntariamente uma determinada ação), ele é não humano e inanimado. A semântica do verbo “instigar” pressupõe a ação voluntária de um Instigador, aquele que provoca o processo. Apesar de esse Instigador não estar presente nas orações ergativas materiais, sabemos que ele existe, porque ele é o causador agente que provoca gasto de energia sobre outro participante. É o caso de “Cortei o cabelo”, em que alguém (o cabeleireiro,

provavelmente – o Impactador) corta o meu cabelo (“Eu” sou o Impactado, o apassivado que sofre as consequências da ação do Impactador).

Somam-se a isso as características estruturais de possibilidade de formação do par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo e a necessidade de ocorrência em orações formadas por processo e um único participante. Temos, com isso, todas as características que corroboram a identificação do Impactado como participante real de construções com processos materiais possíveis em língua portuguesa.

Podemos, então, adaptar a Figura proposta por Halliday & Matthiessen (1999), a fim de representarmos a complementaridade entre processos e Impactado nos sistemas de transitividade e de ergatividade na Figura 14.

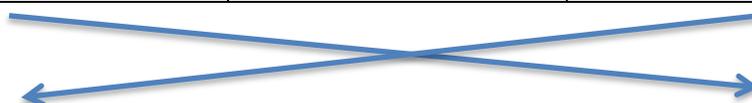
Figura 14 – Complementaridade entre transitividade e ergatividade



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (1999).

Uma vez apresentadas as características e categorizado nosso Participante, no sistema de transitividade, propomos a seguinte análise, em caixas chinesas, das ocorrências do Impactado, segundo o par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo:

Alguém	quebrou	o vidro.
Ator	Processo material	Meta



O vidro	quebrou.	ϕ
Impactado	Processo material	ϕ

Destacamos que, em todos os casos analisados, os participantes identificados como Participante são, portanto, o Impactado, já que representam um participante (a) diretamente relacionado ao processo, (b) passivo (c) não desencadeador do processo, (d) preferencialmente não humano e inanimado, (e) permitindo o par nominativo-acusativo/ergativo-absolutivo, (f) único na configuração da oração.

Acreditamos, assim, ter esclarecido as características em que ocorre a presença de um Impactado e, da mesma forma, ter comprovado a necessidade de sua categorização.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu um aprofundamento enriquecedor a respeito dos sistemas de transitividade e ergatividade da gramática sistêmico-funcional. Tivemos a oportunidade de reforçar nossa perspectiva de análise, levando em considerações o papel essencial do contexto na identificação das funções desempenhadas por diferentes participantes de diferentes processos. A investigação do papel de um participante ainda não nomeado pela bibliografia dentro dos estudos sistêmico-funcionais da língua portuguesa nos fez perceber que, possivelmente, ainda há muito a ser estudado para que possamos ter uma visão completa do funcionamento da língua.

O aprofundamento do estudo da metafunção ideacional, destacando o sistema de transitividade e os participantes que podem compor orações construídas em torno de processos materiais, principalmente, permitiu-nos um esclarecimento acerca do real funcionamento desses processos e do papel de cada participante já descrito pela bibliografia. Tal esclarecimento nos instigou a seguir a investigação até encontrar características sólidas que pudessem validar a proposta de criação de um novo participante, o Impactado.

A busca por uma bibliografia que trabalhasse o conceito de ergatividade nos fez questionar o motivo de poucos trabalhos se ocuparem dessa área. É um campo ainda nebuloso, de difícil acesso, no qual poucos se arriscam a trabalhar. O número de trabalhos em língua portuguesa, na perspectiva da LSF, que leva a ergatividade como tema é, infelizmente, muito baixo. Pretendemos, com isso, contribuir para futuros avanços no estudo da ergatividade, principalmente em língua portuguesa.

Destacamos, ainda, que o cruzamento entre os sistemas de transitividade e ergatividade nos parece essencial para a compreensão de certos fenômenos como os apontados aqui nessa tese. A compreensão do real funcionamento de uma língua, da sua estruturação e, principalmente, da atribuição de significados feita por parte dos seus usuários depende fundamentalmente dessa possibilidade. Como Halliday & Matthiessen (2004; 2014) apontam, esses sistemas são complementares, e não isolados. Outros estudiosos, que se referiram ao mesmo cruzamento, como Damasceno, Rodrigues e Nobre (2014), na análise das metáforas de transitividade, motivaram-nos a seguir essa análise à risca, com a explicação para vários fenômenos que estavam, até então, sem explicação.

Durante o levantamento feito sobre os apontamentos de diferentes estudiosos da língua portuguesa quanto às classificações de sujeito e vozes verbais, percebemos que várias inquietações de autores consagrados já foram solucionadas pelos estudos da GSF. Isso nos motivou a seguir em frente e acreditar que poderíamos também auxiliar na busca de soluções, como o caso do objeto de estudo dessa pesquisa.

A percepção de que o principal caso encontrado em nossa investigação, a ocorrência de exemplos que podem alternar no par nominativo-acusativo (agente + processo + paciente) e ergativo-absolutivo (paciente + processo), é muito mais frequente do que pensávamos, ocorrendo diversas vezes em situações reais de comunicação verbal em língua portuguesa, como pudemos conferir no Corpus Brasileiro da PUC-SP, foi fundamental para que identificássemos o nosso trabalho como realmente relevante nos estudos gramaticais da língua portuguesa.

Além disso, as ocorrências que, em um primeiro momento, pareciam completamente diferentes, sem traços semânticos comuns em cada ocorrência, foram se demonstrando próximas, com características que as permitiam serem sistematizadas em grupos semânticos de ocorrências. Cremos que essa sistematização auxiliará diversos estudantes a realizarem trabalhos semelhantes que nos permitirão um conhecimento muito mais aprofundado sobre o funcionamento da língua portuguesa sob a perspectiva sistêmico-funcional.

Sendo assim, entendemos que este trabalho permite a investigação por parte de pesquisadores que se interessem pelo assunto em inúmeras direções. Destacamos aquelas que se destacaram, levando-nos a refletir e discutir inúmeras vezes sobre as possibilidades de ocorrência:

1. Investigação dos casos particulares encontrados nos exemplos com os processos *arrancar* e *cortar*, nos quais, embora o participante principal seja muito provavelmente um Ator, não parece ter os traços de agentividade característicos desse participante, já que não é efetivamente o desencadeador da ação. Afinal, em exemplos como “Eu arranquei o dente ontem” e “Eu cortei o dedo”, o participante “Eu” não é, geralmente, o responsável pela ação de, respectivamente, “arrancar” e “cortar”.

2. Análise do papel do Ator em exemplos nos quais esse participante é não humano e, ainda, tem um traço característico de circunstância, como ocorre em

vários processos que compuseram a pesquisa, como *alagar* (“a chuva alagou a cidade”), *derreter* (“o calor derreteu o sorvete”), *encolher* (“a lavagem encolheu o tecido”), *entupir* (“o lixo entupiu os banheiros”), *ensinar* (“o livro ensina”) e *esfriar* (“o vento esfriou a comida”). Observamos a forte presença dos traços circunstanciais de causa, nos primeiros quatro exemplos, e de instrumento nos dois últimos. cremos que um estudo sobre os traços circunstanciais em Atores não humanos seria de grande contribuição para os estudos da GSF.

3. Interpretação dos casos em que, embora aparentemente exista um Ator relacionado ao processo, este possui uma carga de passividade que dificulta a identificação do participante como agente ou paciente do processo, como ocorre com os processos *apanhar* (“o enteado apanhava muito da madrastra”), *levar* (o menino levou uma surra”), *receber* (“os criminosos receberam o presente”) e *sofrer* (“o prefeito sofreu severas críticas”). Inquieta-nos a categorização do participante que ocupa a posição temática em cada exemplo como sendo o Ator, dada a passividade inerente do processo.

4. Possibilidade de algumas orações serem analisadas com um único participante assumindo as funções de processo relacional e Atributo concomitantemente, como ocorre com os processos *engordar*, *interessar* e *secar*. Nesses exemplos, teríamos que “Eu engordei” pode equivaler a “Eu fiquei gordo”; “O assunto interessa”, a “O assunto é interessante; e “A roupa secou” equivaleria a “A roupa ficou seca”. Teríamos, com isso, uma possibilidade de análise, em língua portuguesa, que até então não foi concebida como tal.

5. Uma análise quantitativa dos dados apresentados nesta pesquisa qualitativa. Não foi nosso interesse destacar, em números percentuais exatos, qual a frequência de ocorrência dos fenômenos observados. Entretanto, destacamos que nos despertou certa curiosidade descobrir o quão frequente esses fenômenos realmente são e, principalmente, por que eles são tão frequentes em textos de diferentes gêneros discursivos escritos e/ou falados em língua portuguesa.

Ademais, notamos que este trabalho pode ter grandes contribuições no ensino de língua portuguesa na escola básica. A inserção da perspectiva sistêmico-funcional pode trazer mais clareza para o aluno no papel de cada participante em relação ao processo.

Os estudos da LSF nos permitem observar diferentes visões relacionadas a um mesmo tema. Essas abordagens podem e devem contribuir para a visão que adotamos em nossa linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social. Entendemos que estudar linguagem não é somente decorar regras ou fundamentar noções que já foram previamente estabelecidas. Para nós, estudar linguagem é entender que ela nos possibilita enxergar a realidade com uma visão diferente, uma visão que foge do tradicional, uma visão funcionalista.

Então, a categorização do Impactado, com todos os seus traços característicos aqui demonstrados, exemplificados e comprovados como existentes e frequentes em língua portuguesa, é uma soma aos estudos da GSF. Afinal, este participante se soma aos demais (Ator, Meta, Escopo, Beneficiário e Cliente) mostrando haver características intrínsecas a cada participante que, em menor ou maior grau de detalhamento, diferem-no dos demais e permitem, portanto, uma compreensão mais clara e abrangente do funcionamento da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABRAÇADO, M. J. **Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português**. In: Veredas: revista de estudos linguísticos, v.3, n.2, p.21-30, 1999.
- ABRAÇADO, M. J; VALE, H. **A posposição do sujeito e a ergatividade cindida no português brasileiro**. In: (Con)textos linguísticos, v.8, n.10, p.123-128, 2014.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**.46.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARMBRUST, C. **As funções das construções passivas em editoriais em português e em inglês: um estudo à luz da perspectiva sistêmico-funcional**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**.3.ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- AZEREDO, J. C. de. **Iniciação à Sintaxe do Português**.5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAGNO, M. **Uma gramática propositiva**, IN: BECHARA, et al. Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores.São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BARBOZA, J. S. **Gramática filosófica da língua portuguesa**.2.ed. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias. 1830.
- BARROS, J de. **Gramática da língua portuguesa**. Olyssipone: Lodouicum. 1540.
- BECHARA, E.**Lições de português pela análise sintática**.18.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.
- BITTENCOURT, V. de O. **Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo**. In: DECAT, M. B. N. et al. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- CAFFAREL, A. **A systemic functional grammar o fFrench**. Londres: Continuum, 2006.
- CÂMARA JR, J. M.**Dicionário de Linguística e Gramática**.28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CANÇADO, M. **Posições Argumentais e Propriedades Semânticas**. DELTA. v. 21.1, p. 23-56, 2005.

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**.43.ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CIRÍACO, L. **A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas**. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2007.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**.6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DAMASCENO; RODRIGUES; NOBRE. A metáfora da transitividade no gênero *notícia jornalística*: uma abordagem sistêmico-funcional. **Signótica**, Goiás, v.26, n.2, p.495-517, jul./dez.2014.

FARACO, C. E; MOURA, F.M. **Gramática**. 12.ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

FILCK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**.1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, A. 2013. **Construing experience in Spanish: Revisiting a Systemic Functional Description of Spanish Nuclear. Transitivity**. Revista Signos, vol. 46, núm. 81, marzo, 2013, pp. 29-55. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Valparaíso, Chile.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London:Routledge, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience through meaning: A language approach to cognition**. London / New York: Continuum. 1999.

HALLIDAY, M. A. K; MATHIESSEN C. M. I. M.**An introduction to function grammar**. 3. ed. London: Routledge, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**.4. ed. London: Routledge., 2014.

LIMA, L. R. **Processos existenciais em reportagens de capa da Revista Superinteressante**.137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

LEITÃO, L. R. **Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro**. 3ª ed. Revista e ampliada. Nova Iguaçu: Editora Jobran, 1995.

LIMA-LOPES, R. E; VENTURA, C. S. M. **A transitividade em português**. In: DirectPapers 55. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo. 2008.

LUFT, C. P. **Gramática resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira**. 10.ed. São Paulo: Globo, 1989.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do português**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

MARTIN, J.R; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Deploying Functional Grammar**. Beijing: The Comercial Press, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: english systems**. Sidney:MacquarieUniversity. 1995.

McCLEARY, L. E. **Transitivity in a Czech folk tale**. In: HOPPER, P; THOMPSON, S. A. (eds.) **Syntax and semantics 15: studies in transitivity**. New York, Academic Press: 1982. p. 55-75.

MORAIS, F. B. C. de. **Entre alhos e bugalhos – os usos do clítico se na escrita acadêmica**. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

MOURA NEVES, M. H. de. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEREIRA, E. C. **Gramática expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

PEREIRA, E. C. **Gramática histórica**. 9.ed. São Paulo: Nacional, 1935. (contém prólogo datado de 1915).

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEZZATI, E.G. **A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado**. São Paulo: Alfa, v. 37, p. 159-78, 1993.

PONTES. E. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Dicionário de Termos Linguísticos**. Lisboa: Instituto de Linguística Teórica e Computacional, 2009. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology>>. Acesso em: 9ago. 2015.

RAMOS, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROCHA, F. M. **As vozes verbais na gramática normativa: aspectos problemáticos.** 143 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, 2013.

SACCONI, L. A. **Nossa Gramática Contemporânea: teoria e prática.** São Paulo: Escala Educacional. 1. ed. 2006.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1908.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1923.

SILVA, D.E.G. **A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica** In: FALALLABELA, B. et al (Orgs.). Exclusão e resistência. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SIMON-VANDERBERGEN, A.; TAVERNIERS, M.; RAVELLI, L. **Grammatical Metaphor: views from systemic functional linguistics.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins PublishingCompany, 2003.

SOUZA, P. **A alternância causativa no Português do Brasil: defaults num léxico gerativo.** Tese de Doutorado. USP, 1999.

TERRA, E. **Curso Prático de Gramática.** São Paulo: Scipione. 6. ed. 2011

TORRES, A de. A. **Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.** 23.ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1972.